

ROBERTA CRISTINA RODRIGUES VIEIRA

DOENÇA DE PARKINSON: DESLIZAMENTOS DO DIZER
MARCADOS POR HESITAÇÕES EM CONTEXTO FONÉTICO-
FONOLÓGICO RECORRENTE

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos (Área de Concentração: Análise Lingüística).

Orientador: Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho

São José do Rio Preto
2009

Vieira, Roberta Cristina Rodrigues.

Doença de Parkinson: deslizamentos do dizer marcados por hesitação em contexto fonético-fonológico recorrente / Roberta Cristina Rodrigues Vieira – São José do Rio Preto: [s.n.], 2009
105 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Lourenço Chacon Jurado Filho

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Discurso. 2. Linguagem - Doença de Parkinson. 3. Linguagem - Hesitações. 4. Parkinson, Doença de – Linguagem. I. Jurado Filho, Lourenço Chacon. II. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU –

ROBERTA CRISTINA RODRIGUES VIEIRA

**Doença de Parkinson: deslizamentos do dizer marcados por hesitações
em contexto fonético-fonológico recorrente**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos, área de Análise Lingüística junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho
Professor Assistente Doutor
UNESP – São José do Rio Preto
Orientador

Prof^a. Dr^a. Leda Verdiani Tfouni
Professor Titular
Universidade de São Paulo (USP) – Ribeirão Preto

Prof^a. Dr^a. Clélia Cândida Abreu Spinardi
Jubran
Professor Assistente Doutor
UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto, 12 de fevereiro de 2009

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho
Prof^ª. Dr^ª. Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran
Prof^ª. Dr^ª. Leda Verdiani Tfouni

Suplentes

Prof^ª. Dr^ª. Fabiana Cristina Komesu
Prof^ª. Dr^ª. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Francisco e Cristina e à minha irmã Bruna, por todo o apoio;

Rodolfo Vieira Barbosa, por estar sempre ao meu lado;

A Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, a Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran e a Leda Verdiani Tfouni, por toda a atenção e pelos direcionamentos, fundamentais para a concretização deste trabalho;

Meus irmãos acadêmicos Nathália, Maira e Ymorian, pelas reflexões e pelo companheirismo.

A todos os demais integrantes do Grupo de Pesquisa Estudos sobre a Linguagem;

Juliana Bonatto, pelas preciosas aulas de inglês;

Feliciano Braga Barbosa, por socorrer-me tantas vezes;

Anita e Márcia, pela acolhida e, especialmente, pela amizade;

Julyana Nascimento, pela inspiração;

Ao Sr Jamiro Moreira de Castro, pela confiança;

Ao CNPq, pelo financiamento desta pesquisa.

Ao Lourenço, meu pai acadêmico.

*NL mas não tem jeito né + igual eu venho aqui às vezes eu venho bem
a hora que eu entro aqui dentro já
JN + já trança [a perna]
NL [por que será?] + [cabeça né?]*

SUMÁRIO

RESUMO.....	08
ABSTRACT.....	09
APRESENTAÇÃO.....	10
I. INTRODUÇÃO.....	14
1.1 A doença de Parkinson	14
1.2 A doença de Parkinson e as hesitações	21
1.3 Contribuições dos estudos discursivos.....	29
II. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	38
2.1 O banco de dados	38
2.2 O recorte	40
2.2.1 O sujeito da pesquisa	43
2.2.2 A amostra de conversação	43
2.3 As hesitações	44
III. RESULTADOS E DISCUSSÃO	49
3.1 Características dos deslizamentos	49
3.2 Os deslizamentos e o processo discursivo.....	58
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	84
ANEXO.....	88

VIEIRA, Roberta Cristina Rodrigues. Doença de Parkinson: deslizamentos do dizer marcados por hesitações em contexto fonético-fonológico recorrente. São José do Rio Preto 2009. 105p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

RESUMO

Tendo como base as freqüentes hesitações nos enunciados falados de sujeitos afetados pela doença de Parkinson, predominantemente atribuídas pela literatura biomédica a limitações orgânicas impostas pela doença, nossa proposta foi investigar aspectos do funcionamento hesitativo de tais sujeitos. Extraímos os dados de uma sessão de conversação entre um sujeito parkinsoniano (NL) e um documentador (JN). Partindo da concepção de que as hesitações são marcas das negociações do sujeito com os outros constitutivos do (seu) discurso, detectamos 48 marcas hesitativas que apresentavam um aspecto peculiar: a tensão em um elemento fonético-fonológico. Pela análise dos 48 enunciados que continham as marcas, observamos, em primeiro lugar, a presença desse elemento fonético-fonológico tensionado em palavras presentes nos trechos que sucediam ou, simultaneamente, antecedia e sucediam as marcas hesitativas. Observamos, ainda, que a tensão provocada por essa repetição se mostrou fortemente vinculada a outros tipos de tensões – que remetiam tanto a elementos de outros planos da língua, além do fonético-fonológico, quanto a elementos do processo discursivo. Com relação aos planos da língua, sobretudo o semântico se mostrou vinculado com o fonético-fonológico. Já com relação ao processo discursivo, levantamos indícios de que o funcionamento hesitativo que denominamos *deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente* escancara negociações relacionadas a diferentes elementos das condições de produção do discurso, tais como o das imagens que se fazem de si os protagonistas do processo e a dominância de objetos discursivos. Com relação aos objetos discursivos dominantes no processo analisado, identificamos: (a) doença; (b) família; (c) trabalho; e (d) estudo. Quando os dois primeiros objetos se mostravam em dominância, observamos que NL era predominantemente atravessado pela imagem de sujeito doente, enquanto que, quando os objetos “trabalho” e “estudo” predominavam, emergia uma posição de distanciamento em relação à doença, de tal modo que, desse outro lugar, NL parecia se marcar como detentor do conhecimento. Com relação ao objeto “estudo”, predominantemente, o foco do discurso voltava-se para JN, não sendo observado, nestas ocasiões, o funcionamento hesitativo foco desta pesquisa. Verificamos, ainda, em relação aos objetos discursivos, momentos de emergência de um objeto no interior de outro. Observamos, no entanto, predominância, no processo discursivo, de uma relação imaginária entre NL e JN, atravessada pela imagem do sujeito doente e do profissional da saúde. Nossos resultados apontam para uma complexidade do fenômeno hesitativo em sujeitos com doença de Parkinson, na medida em que os deslizamentos do dizer mostrados por essas marcas, longe de se restringirem às limitações orgânicas características da doença, mobilizam diferentes aspectos da integração dos diferentes elementos da linguagem.

Palavras-chave: hesitações; doença de Parkinson; discurso; enunciação.

VIEIRA, Roberta Cristina Rodrigues. Doença de Parkinson: deslizamentos do dizer marcados por hesitações em contexto fonético-fonológico recorrente. São José do Rio Preto 2009. 105p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

ABSTRACT

Considering the frequent hesitations on the utterance of individuals with Parkinson's disease, mainly related by the biomedical literature to organical impairment ruled by the disease, our purpose was to investigate the aspects of hesitative functioning of those individuals. Data were extracted of a conversation session between a parkinsonian individual (NL) and a documenter (JN). Thinking the hesitations as marks of the individual's negotiations with the constructing others of (his) discourse, 48 hesitating marks were found presenting a peculiar aspect: the stress in an phonetic-phonologic element. Through the analysis of the 48 utterances that contained the marks, we observed, on first place, the presence of this phonetic-phonologic element that was in stress in words that succeeded or, simultaneously, preceded and succeeded the hesitating marks. We observed, yet, that the stress caused by this repetition showed itself strongly linked to other kinds of stress – that referred to both elements of other plans of language, besides phonetic-phonologic, and to elements of the discursive process. Regarding other plans of language, mainly the semantic one showed itself linked to the phonetic-phonologic one. But, regarding the discursive process, we observed that the hesitative functioning we called *repeatedly phonetic-phonologic context slidings* highlights negotiations related to different elements of the discourse production conditions, such as the images that the protagonists of the process make of themselves and the dominance of discursive objects. In relation to objects in the dominant discourse analysis, we identified: (a) disease, (b) family, (c) work and (d) study. When the first two objects were in dominance, it was observed that NL was predominantly through by the image of ill subject, whereas, when the objects "work" and "study" predominated, emerged an expulsion in relation to the disease, so that, from this other place, NL seemed to mark himself as the keeper of knowledge. With the object "study", predominantly, the focus of the discourse was turned to JN, not being observed, on these occasions, the hesitating functioning focused on this study. We note, in addition, regarding the discursive objects, moments of emergency of an object inside of another. We observed, however, predominating, in the discursive process, an imaginary relationship between NL and JN, crossed by the image of the ill subject and health professional. Our results point to a complexity of the hesitative phenomenon in subjects with Parkinson's disease, once the saying slides shown by these marks, far from being restricted by the organic limitations characteristics of the disease, involve different aspects of the integration of various elements of language.

Keywords: hesitation; Parkinson's disease; discourse; enunciation.

Apresentação

Neste trabalho, investigaremos um funcionamento hesitativo específico que caracterizamos como *deslizamentos do dizer em contexto fonético-fonológico recorrente*. Nosso interesse pelo estudo das hesitações e, mais especificamente, deste funcionamento hesitativo, resulta, por um lado, de nossa observação das freqüentes hesitações presentes nos enunciados falados de sujeitos afetados pela doença de Parkinson e, por outro, de uma tendência predominante da literatura biomédica, no que diz respeito ao estudo dos aspectos lingüísticos em sujeitos com essa doença: certamente, nessa literatura, as características observadas no funcionamento hesitativo foco de nosso estudo seriam entendidas como resultantes de aspectos orgânicos, alterados na doença.

Questionando o modo como as questões lingüísticas vêm sendo preferencialmente consideradas na literatura predominante sobre a doença de Parkinson – como decorrentes de alterações orgânicas características da doença –, com apoio em trabalhos de base lingüístico-discursiva a respeito das hesitações na conversação de sujeitos com doença de Parkinson (segundo os quais as hesitações seriam marcas, no discurso, de momentos de negociação sujeito-outros), a proposta deste estudo é investigar o funcionamento hesitativo *deslizamentos do dizer em contexto fonético-fonológico recorrente* na atividade discursiva de um sujeito parkinsoniano.

Na medida em que se visa problematizar o recorte que a literatura biomédica faz das questões de linguagem na doença de Parkinson, esta investigação será norteadada por dois objetivos:

- a) descrever características do funcionamento hesitativo que estamos chamando de *deslizamentos do dizer em contexto fonético-fonológico recorrente*; e

- b) demonstrar em que medida tais características resultariam de fatos recuperáveis no processo discursivo.

Notamos, nos trabalhos de natureza biomédica que tratam da doença de Parkinson, que poucos mencionam as hesitações (CANTER, 1963; STREIFLER e HOFMAN, 1984) e, quando algum aspecto desse fenômeno é mencionado, são considerados apenas o número de pausas ou o tempo de duração das pausas. Outras marcas hesitativas são, portanto, excluídas dessa literatura e, até onde nossa pesquisa bibliográfica possibilitou chegar, nenhum trabalho se atém especificamente ao estudo do funcionamento desse fenômeno.

No que diz respeito à literatura brasileira de base lingüística que se preocupa em estudar as hesitações, também até onde nosso levantamento bibliográfico possibilitou detectar, com exceção de trabalhos coordenados por Chacon, não há trabalhos que atentam ao funcionamento hesitativo em casos como os de Doença de Parkinson.

Assim, acreditamos que nossa proposta se justifica não apenas pela necessidade de se ampliar o conhecimento sobre o fenômeno hesitativo, mas, sobretudo, pela atenção especial que pretendemos dar aos casos em que lesões neurológicas estão envolvidas nesse fenômeno.

Durante nossa formação em Fonoaudiologia, defrontamo-nos com situações de avaliação e de terapia fonoaudiológica de sujeitos com problemas relacionados à linguagem, decorrentes de lesões neurológicas. Para nortear a avaliação e as atividades terapêuticas desses sujeitos, sentimos necessidade de um conhecimento de base lingüística. Contudo, apesar da necessária interdisciplinaridade, notamos que poucos são os trabalhos, dentro da Fonoaudiologia, que buscam conhecimentos da Lingüística, tanto no que se refere ao funcionamento considerado normal da linguagem, quanto do considerado como patológico.

Por outro lado, buscando, na literatura lingüística, estudos que pudessem nos auxiliar no entendimento dos casos de problemas na linguagem relacionados à doença de Parkinson, observamos que poucos são os estudos, no interior da lingüística, que se preocupam com

esses problemas. No entanto, como já alertava Jakobson (1973), ao estudar fenômenos lingüísticos relacionados à afasia, “os lingüistas não podem abster-se de tomar um papel mais ativo na investigação dos transtornos da fala (...)” (op., cit., p. 45).

Considerando a (ainda) pouca interação entre essas duas áreas de conhecimento, no que diz respeito à doença de Parkinson, notamos que muitos dos problemas relacionados à linguagem são, na Fonoaudiologia, diagnosticados de maneira patologizante e tratados especialmente a partir do ponto de vista neurológico. Por outro lado, acreditamos ser ainda pequena a contribuição da Lingüística, no Brasil, para a modificação dessa situação.

Assim, uma possibilidade de contribuição deste estudo é formar – juntamente com outros trabalhos de enfoque semelhante – um instrumental de pesquisa de base lingüística para a produção de conhecimentos que propiciem avanços na compreensão das alterações de linguagem de sujeitos com lesões neurológicas, especialmente com doença de Parkinson.

Contribuições mais pontuais podem ser esperadas:

- considerando que a Fonoaudiologia, tradicionalmente, privilegia o aspecto formal da língua e, como decorrência, não prioriza os processos lingüístico-discursivos subjacentes às alterações de linguagem, pretendemos, ao estudar o funcionamento hesitativo, mostrar a importância de uma visão lingüístico-discursiva desse funcionamento para uma melhor compreensão dos problemas que, no interior desse campo do conhecimento científico, são caracterizados como “distúrbios de linguagem”, ou que, em outra perspectiva, caracterizariam uma fala sintomática;
- pretendemos, ainda, com o desenvolvimento deste estudo, possibilitar uma melhor compreensão acerca do funcionamento hesitativo no campo da Lingüística, levando para esse campo reflexões feitas a partir da análise de dados extraídos de contextos patológicos da linguagem.

Para a análise do funcionamento hesitativo *deslizamentos do dizer em contexto fonético fonológico recorrente* e para alcançarmos os objetivos propostos neste estudo, organizamos nosso trabalho conforme exporemos a seguir.

No Capítulo 1, faremos um apanhado teórico de como as hesitações têm sido estudadas na conversação de sujeitos com doença de Parkinson e procuraremos apresentar como entenderemos, neste trabalho, o fenômeno hesitativo. Para tanto, na Seção 1.1, apresentaremos estudos sobre a doença de Parkinson, procurando enfatizar como os aspectos relacionados à linguagem têm sido entendidos nos trabalhos que descrevem a doença. Na Seção 1.2, faremos um recorte, procurando mostrar como as hesitações têm sido entendidas em trabalhos, de diferentes fundamentações teóricas, que se dedicam ao estudo dos aspectos relacionados à linguagem nos sujeitos parkinsonianos. Já na Seção 1.3, apresentaremos uma breve resenha de conceitos que fundamentarão a análise dos dados de nossa pesquisa.

Continuando nossa exposição, no Capítulo 2, apresentaremos, na Seção 2.1, aspectos do banco de dados que possibilitou a seleção do material utilizado na pesquisa, bem como, na Seção 2.2, o recorte realizado, dentre o vasto material que compõe o banco de dados, para a escolha do sujeito participante da pesquisa (2.2.1) e da sessão de conversação analisada (2.2.2). Ainda nesse capítulo, na Seção 2.3, faremos uma breve caracterização das hesitações e do modo como selecionamos os enunciados analisados.

Já no Capítulo 3, apresentaremos nossos dados, bem como explicações para seu funcionamento. Para tanto, esse capítulo será dividido em duas seções, nas quais procuraremos responder aos objetivos que norteiam nossa análise: Seção 3.1, *Características dos deslizamentos*; e Seção 3.2, *Os deslizamentos e o processo discursivo*.

Por fim, no Capítulo 4, faremos uma breve síntese dos caminhos percorridos neste trabalho e apontaremos algumas contribuições que esperamos ter possibilitado com a realização de nossa pesquisa.

1. Introdução

1.1 A Doença de Parkinson

A Doença de Parkinson é estudada especialmente pela literatura biomédica, que a descreve como uma alteração do sistema extrapiramidal, que causa a redução dos neurônios dopaminérgicos da substância negra (MACHADO, 2000; SAMII, NUTT E RANSON, 2004). Essa alteração neurológica ocasiona, de acordo com a literatura biomédica, características motoras consideradas clássicas na doença. Tais características são tremor, rigidez muscular e lentidão na execução dos movimentos (SAMII, NUTT E RANSON, 2004; DIAS E LIMONGI, 2003; MURDOCH, 1997).

O tremor, freqüente nos membros, é definido como “movimentos rítmicos, involuntários” (CNOACKAERT ET AL, 2008, p.289). Segundo os autores, esta característica motora é melhor vista distalmente, como nos dedos das mãos, mas pode algumas vezes ser vista nas pálpebras, língua, face ou outras partes do corpo.

A rigidez é o aumento da resistência muscular, notado durante a execução do movimento (SAMII, NUTT E RANSON, 2004; LIMONGI, 2001). Conforme aponta Limongi (2001) para cada grupo de músculos existem outros, os músculos antagonistas. De acordo com o autor, a rigidez, característica da doença de Parkinson, ocorre porque a inibição dos músculos antagonistas, normalmente realizada para facilitar um movimento, não ocorre de modo eficaz. Nos sujeitos parkinsonianos, “quando um membro é deslocado passivamente [...] podem-se sentir, superpostos à rigidez, curtos períodos de liberação rítmicos e intermitentes, fenômeno que recebe o nome de *senal de roda denteada*” (LIMONGI, 2001, p. 17).

Além do tremor e da rigidez, conforme apontamos, é também observada, nos sujeitos parkinsonianos, a lentidão na execução dos movimentos, bem como a redução de execução de movimentos. De acordo com Murdoch (1997), é possível observar a redução de uma ampla

série de movimentos espontâneos observados em indivíduos normais. Para o autor, “Os movimentos da face apresentam marcada escassez de movimentos nas atividades volitivas e emocionais. Quando ocorrem respostas emocionais, tendem a se desenvolver lentamente e a se prolongar (por exemplo, sorriso fixo).” (MURDOCH, 1997, pp. 207-208).

Notamos, portanto, que os problemas de ordem motora são largamente descritos pela literatura biomédica. Os aspectos aqui mencionados foram citados até mesmo na primeira descrição da doença, feita em 1817 por James Parkinson no estudo “An essay on the shaking palsy”. Já nessa descrição, o autor detectava, em sujeitos afetados pela doença, movimentos trêmulos involuntários e reduzida ação muscular, com propensão para curvar o corpo para a frente e marchar a passos rápidos.

No entanto, além de tais características, o autor detecta dificuldades na deglutição, dificuldade em articular algumas palavras e voz fraca, o que, segundo ele, tornava a fala difícil de ser compreendida por aqueles que estavam constantemente com esses sujeitos. Essa observação de James Parkinson é de grande interesse para nosso trabalho, na medida em que problemas de linguagem na doença, embora restritos à produção da fala, já são mencionados na primeira caracterização da doença.

A partir dessa caracterização, vários trabalhos, no interior da literatura biomédica, se ocuparam em observar aspectos que podemos considerar como relacionados à linguagem, nos sujeitos parkinsonianos.

Canter (1963), por exemplo, procurou descrever o que chamou de comportamento de fala de um grupo de pacientes parkinsonianos. Para tanto, a partir da leitura oral de um texto, realizou medições relacionadas a intensidade, *pitch* e duração (número de pausas e média da duração de pausas, frases e sílabas) na fala desses sujeitos.

Em outro trabalho, Streifler e Hofman (1984) procuraram investigar a influência da rigidez e do tremor nas diferentes características da fala. Os autores consideraram como

características da fala o que entendem como a intensidade, o *pitch*, a velocidade e o timbre, além da inteligibilidade. Salientaram, ainda, que a “monotonia” é uma característica presente nas alterações de fala relacionadas à doença, e que alguns parkinsonianos tendem a apresentar desordens na velocidade da fala, bem como o que entendem por hesitações, caracterizadas, pelos autores, como o aumento do tempo das pausas.

Nessa mesma perspectiva, Barbosa (1989) observou, na fala de sujeitos parkinsonianos, comprometimento da fonação e da articulação, havendo, segundo ele, redução do volume da fala, perda da capacidade de inflexão da voz e distúrbios de ritmo, configurando um tipo de disartria¹ hipocinética.

Também Fenton, Shain’schley e Niimi (1982) observaram a presença do que consideraram como desordens do trato vocal e disartria. Além das características destacadas por Barbosa (1989), os autores incluem presença de rouquidão e aspereza na voz dos parkinsonianos, características que seriam causadas pela movimentação assimétrica das pregas vocais, resultado da condição muscular patológica, típica da doença de Parkinson.

Em trabalhos mais recentes, Ramig, Fox e Sapir (2004) apontam, como as principais desordens de fala observadas nos sujeitos parkinsonianos, intensidade reduzida, redução na inflexão vocal (chamada também, pelos autores, de fala monótona), bem como voz rouca e imprecisão articulatória.

Notamos, nos trabalhos aqui mencionados, que os aspectos da linguagem nos sujeitos afetados pela doença de Parkinson são considerados como “problemas de fala”. Tais “problemas” são estudados a partir de dois enfoques.

O primeiro enfoque é nas dificuldades motoras da produção da voz. Conforme apontaram Fenton, Shain’schley e Niimi (1982), são destacados aspectos da qualidade vocal,

¹ Trata-se de anormalidades na fala e na voz, geralmente associadas à doença de Parkinson, que provocam redução da inteligibilidade da fala, o que afeta negativamente a comunicação interpessoal e a qualidade de vida (RAMIG, FOX e SAPIR, 2004).

como a rouquidão, bem como aspectos que podemos considerar como prosódicos, como por exemplo, a intensidade vocal.

Seguindo esse enfoque, encontramos o trabalho de Cnoackaert et al (2008), no qual é analisada a voz de sujeitos parkinsonianos durante a emissão de vogais sustentadas, para fazer medições relacionadas à frequência vocal.

Já o outro enfoque está relacionado às dificuldades motoras da produção da fala, sendo destacados os aspectos articulatórios. Embora não abandonem os estudos voltados aos aspectos vocais, observamos menção aos aspectos articulatórios nos trabalhos de Canter (1963), Streifler e Hofman (1984) e Ramig, Fox e Sapir (2004).

Ainda neste enfoque, destacamos o trabalho de Pinto et al (2004), que se dedicaram a estudar a disartria na doença de Parkinson. Em seu trabalho, os autores mencionam, como características da disartria nos sujeitos com doença de Parkinson: pouca variação de *pitch* e *loudness*, pressão reduzida, voz rouca e soprosa – enfatizando aspectos vocais e prosódicos; bem como variação na velocidade e imprecisão articulatória – enfatizando, além dos aspectos prosódicos, os movimentos envolvidos na produção articulatória.

O estudo de Pinto et al (2004) sintetiza as características consideradas “problemas” de fala descritas pelos trabalhos que consideramos como pertencendo ao segundo enfoque, no interior de estudos da literatura biomédica que se dedicam às questões de linguagem na doença de Parkinson.

Destaque-se que, dentre os trabalhos desse segundo enfoque, há alguns que mencionam, também, características que poderíamos considerar como “hesitações”. Voltaremos a esta questão adiante.

Um trabalho que nos parece ampliar um pouco o quadro acima descrito é o de Spencer e Rogers (2005). Os autores, embora partindo do que consideramos movimentos envolvidos

na produção dos sons da fala, observaram não apenas a execução motora de tais movimentos, mas também o que chamaram de programação motora dos movimentos.

De acordo com os autores, a programação motora seria “o processo de transformação de representações lingüístico-simbólicas em um código motor²” (SPENCER e ROGERS, 2005, p. 347). Os autores procuraram investigar possíveis relações entre a programação de movimentos da fala e a programação de movimentos dos membros, atentando para processos cognitivos envolvidos nesta programação, os quais antecederiam a execução dos movimentos. Para tanto, analisaram a fala de sujeitos com doença de Parkinson, solicitando repetição de palavras monossilábicas.

Spencer e Roger (2005) apontaram para a possibilidade de alterações que envolveriam a manutenção de representações cognitivas e motoras, bem como a habilidade de rapidamente transicionar entre movimentos e/ou arranjos cognitivos.

Notamos que esse trabalho se distancia, de certo modo, dos trabalhos que privilegiam apenas os movimentos envolvidos na execução da fala, embora ainda se restrinja à análise de um aspecto bastante específico da linguagem: a articulação dos sons durante produção de palavras monossilábicas.

Mas essa distância pode ser observada, ainda, em outros trabalhos desenvolvidos no campo biomédico. Hayashi et al (1996), Hayashi, Hanyu e Tamaru (1998), bem como Fiels et al (1999), consideram a linguagem como uma habilidade cognitiva³ que, juntamente com outras, como a memória, a coordenação visuomotora, as habilidades visuo-espaciais, o raciocínio abstrato e a atenção, estaria comprometida nos sujeitos afetados pela doença. Nessa mesma perspectiva, Barbosa et al (1987) investigaram o que chamam de disfunções neuropsicológicas presentes nos sujeitos parkinsonianos e encontraram alterações em funções

² “the process of transforming linguistic–symbolic representations into a motor code” (SPENCER e ROGERS, 2005, p. 347).

³ Não encontramos, nos trabalhos da área biomédica a que tivemos acesso, definição explícita sobre o que se poderia entender por “cognitivo”. Observamos, apenas, que alguns trabalhos remetem às questões cognitivas como relacionadas às chamadas funções superiores, que seriam, a nosso ver, de ordem neurofisiológica.

caracterizadas como memória, abstração, gnosis visual, dentre outras. Para estes autores, a linguagem, bem como outras funções cognitivas, estaria prejudicada nos sujeitos parkinsonianos; porém, se comparada com outras funções superiores, haveria, “relativa preservação da linguagem” (BARBOSA ET AL, 1987, p. 115). Fato interessante a ser destacado aqui é que o que Barbosa et al consideraram como linguagem refere-se apenas ao que chamam de “fluência verbal”.

Da mesma forma que Barbosa et al, outros autores, embora não se restrinjam aos aspectos motores da fala, levam em consideração somente aspectos do que entendem como “fluência verbal” na fala de sujeitos com doença de Parkinson.

Flowers, Robertson e Sheridan (1995), por exemplo, definem fluência verbal como a habilidade para espontaneamente gerarem-se palavras de uma dada categoria em um curto período de tempo. Ao estudarem o que entendem como essa habilidade na fala de sujeitos parkinsonianos, os autores afirmam que:

“Apesar de uma geral perda de ‘fluência’ nas habilidades cognitivas, bem como nas atividades motoras, tem sido notado em pacientes parkinsonianos, por muitos anos, que testes formais de fluência verbal usando habilidades padrões têm produzido diferentes resultados” (FLOWERS, ROBERTSON e SHERIDAN, 1995, p.33).⁴

Os autores destacam, ainda, que esses testes compreendem o que chamam de habilidades de fluência, como a produção de palavras começando com uma dada letra (fluência de letra) ou de palavras pertencendo a uma certa categoria, como comida, animais ou mobília (fluência semântica) em um período de um minuto para cada prova (FLOWERS, ROBERTSON e SHERIDAN, 1995).

Também Henry e Crowford (2004) destacam que os testes de fluência verbal incluem a exploração associativa e o resgate de palavras baseado em critérios fonêmicos (fluência fonêmica ou letra) ou em critérios semânticos (fluência de categoria ou semântica).

⁴ “Although a general lack of ‘fluency’ on cognitive tasks as well as in motor activity has been noted in Parkinsonian patients for many years, formal tests of word fluency using standard tasks have produced differing results.” (FLOWERS, ROBERTSON e SHERIDAN, 1995, p.33).

Podemos notar, pela afirmação dos autores, que os estudos que envolvem a linguagem nos sujeitos com doença de Parkinson, baseados em aspectos entendidos como fluência verbal, sustentam-se em testes bastante padronizados aos quais os sujeitos com a doença são submetidos. Não bastasse essa restrição metodológica, a própria concepção de fluência que se pode inferir desses dois trabalhos a reduz a um dos eixos de organização da linguagem – o paradigmático –, na medida em que apenas “habilidades associativas” são testadas.

Ainda no interior de pesquisas sobre a chamada fluência verbal, encontramos o trabalho de Gurd (2000), que, ao comparar resultados de testes envolvendo a fluência verbal – de fala automática e de busca semântico-lexical de palavras (*word search*), concluiu que o déficit na fluência verbal estaria relacionado somente às questões cognitivas (ou seja, para o autor, as semântico-lexicais), excluindo o envolvimento dos aspectos motores na produção da fluência.

Henry e Crowford (2004), aproximando-se de Gurd, concluíram que há maiores comprometimentos nos resultados dos testes considerados como de fluência verbal em sujeitos parkinsonianos que apresentariam déficits cognitivos em relação a sujeitos parkinsonianos sem problemas tidos como cognitivos.

Observamos, portanto, que, embora esses trabalhos centrem-se em outras questões da linguagem (como, no caso, a chamada fluência verbal), as dificuldades de linguagem nos sujeitos afetados pela doença de Parkinson não passam de pistas de dificuldades cognitivas resultantes da doença.

Como pudemos observar nos trabalhos a que tivemos acesso, os estudos da área biomédica entendem os “problemas de linguagem” como decorrentes de aspectos orgânicos afetados pela doença. Dentre esses aspectos orgânicos, destacamos os considerados como motores (como observamos nos estudos sobre as alterações vocais e articulatórias nos sujeitos parkinsonianos), bem como os considerados como cognitivos, num sentido neurofisiológico

(como observamos nos estudos que aproximam a linguagem das chamadas funções cognitivas superiores).

Os aspectos da linguagem são entendidos, ainda, a partir de um ou outro subsistema da língua. Conforme observamos, são privilegiados: (1) o plano fonético-fonológico, predominantemente o fonético – visto, especialmente, a partir dos movimentos articulatórios envolvidos na produção da fala; ou (2) o plano semântico – no interior de um recorte bastante restrito do que se denomina fluência verbal e busca semântico-lexical. Como consequência dessa redução, outros aspectos constitutivos da linguagem, como os discursivos, não são sequer considerados.

Notamos, portanto, que os estudos de natureza biomédica, ao investigarem os aspectos da linguagem relacionados à doença de Parkinson, realizam recortes que privilegiam um ou outro aspecto da língua e tendem a considerar os aspectos da linguagem estudados como resultado de alterações orgânicas características da doença.

Ainda no interior da literatura biomédica, conforme antecipamos, há trabalhos que mencionam aspectos que poderíamos considerar como “hesitações”. Esses trabalhos, dada sua importância em nossa reflexão, merecerão uma seção específica, a seguir.

1.2 A doença de Parkinson e as hesitações

A presença de hesitações⁵ na conversação de sujeitos com doença de Parkinson é aspecto que, a nosso ver, merece mais atenção da literatura, dada sua larga ocorrência na fala desses sujeitos. Esse aspecto desperta-nos interesse particular pelo acesso que tivemos ao banco de dados de sujeitos parkinsonianos do Grupo de Pesquisa “Estudos sobre a linguagem” (GPEL/CNPq), bem como pela nossa experiência clínica com sujeitos acometidos por essa doença. Nessa experiência, notamos que a presença das hesitações é fator que se

⁵ Para um olhar mais aprofundado acerca das hesitações, ver Nascimento (2005).

destaca mesmo entre os familiares dos sujeitos, na medida em que fazem comentários do tipo “Parece que ele está gaguejando”.

Embora as hesitações sejam, portanto, frequentes nesses sujeitos, em nossa pesquisa bibliográfica encontramos poucos estudos, pertencentes à área biomédica, que tratavam de questões que poderíamos entender como hesitações, na fala de sujeitos parkinsonianos.

Darley, Aronson e Brown (1969), em um estudo clássico sobre aspectos da linguagem em sujeitos com doença de Parkinson, observaram, na fala destes sujeitos, *monopich*, *monoloudness*, aspereza vocal, consoantes imprecisas e o que entendem por silêncios inapropriados. A descrição dos autores, mais especificamente no que diz respeito aos silêncios, remete às chamadas pausas silenciosas, marca hesitativa apontada, por exemplo, por Marcuschi (1999 e 2006). O estudo de Darley, Aronson e Brown (1969) apontaria, portanto, para a ocorrência de uma marca hesitativa (as pausas silenciosas) na fala de sujeitos parkinsonianos, entendidas, pelos autores, como inapropriadas.

Em outro trabalho, Logemann et al (1970) chamam a atenção para os silêncios inapropriados, considerados como desordem prosódica, na fala de sujeitos com doença de Parkinson. Os autores mencionam ainda desordem na velocidade da fala, como curtos movimentos rápidos de fala e variações na velocidade (LOGEMANN ET AL, 1970).

Conforme mostramos anteriormente, o trabalho de Canter (1963) também faz alusão a aspectos que podemos entender como hesitativos. O autor estudou o que chamou de duração (velocidade de fala, número de pausas e média da duração de pausas, frases e sílabas) na fala de sujeitos com doença de Parkinson. Neste estudo, Canter concluiu que não houve diferença considerável entre o que chamou de duração na fala de sujeitos com Parkinson comparada à fala de sujeitos sem a doença. No entanto, encontrou três sujeitos, dentre os parkinsonianos, que apresentavam características peculiares, especialmente com relação à velocidade de fala. Dois sujeitos apresentaram fala mais lentificada – destaque-se que o método utilizado pelo

autor para observação da fala foi a leitura oral de um texto – enquanto o outro sujeito apresentou velocidade de fala muito mais rápida que os demais participantes da pesquisa. Canter ressaltou que, embora não tenha havido diferenças sistemáticas de velocidade de fala nos sujeitos com doença de Parkinson e nos sujeitos não parkinsonianos, há indivíduos com doença de Parkinson marcadamente desviantes neste respeito, o que poderia indicar uma importante característica do distúrbio da fala dos parkinsonianos (CANTER, 1963).

Ainda com relação às pausas, Streifler e Hofman (1984) encontraram, na fala de sujeitos com doença de Parkinson, o que denominaram aumento do tempo das pausas.

No interior dos estudos que enfocam aspectos que poderíamos considerar como hesitações, encontramos também o trabalho de Spencer e Roger (2004). Conforme antecipamos na Seção 1.1, esses autores investigaram o que chamaram de programação motora na disartria hipocinética – denominação atribuída às dificuldades de fala em sujeitos afetados pela doença de Parkinson. Para tanto, observaram o que chamaram de “tempo de reação” dos membros, na busca de uma relação entre aspectos da fala e a programação/execução de movimentos dos membros. Neste estudo, hipotetizaram que:

- (a) os sujeitos parkinsonianos teriam reduzida habilidade para mudar rapidamente de um movimento (ou programa motor) para outro. Para os autores, este prejuízo ocorreria devido à dificuldade reflexa de modificar ou inibir uma resposta presente. Segundo eles, “a transição deficiente para um novo movimento pode se tornar particularmente pronunciada quando uma mudança rápida de uma resposta preparada para uma nova resposta é solicitada”⁶ (SPENCER e ROGER, 2004, p.348); e
- (b) o estudo do tempo de reação dos membros tem apoiado a premissa de que pessoas com doença de Parkinson têm dificuldade em manter programada a informação anterior à iniciação do movimento.

⁶ “Deficient transitioning to a new movement may become particularly pronounced when a rapid shift from a prepared response to a new response is required.” (SPENCER e ROGER, 2004, p.348).

Os autores concluíram que representações programadas do movimento diminuem antes (e durante) a iniciação do movimento. Tais hipóteses a respeito da programação do movimento seriam consistentes, segundo os autores, com sintomas da disartria hipocinética.

Portanto, para os autores:

“Comportamentos de fala, tais como **pausas colocadas anormalmente**⁷, dificuldade de progressão do enunciado e dificuldade em iniciar a articulação são características de falantes com DP e poderiam resultar de uma dificuldade em manter a programação motora da fala. Adicionalmente, a habilidade reduzida para mudar a programação motora da fala seria consistente com comportamentos da fala tais como dificuldade em parar uma resposta presente, **hesitações marcadas entre segmentos de movimento** e, ocasionalmente, inabilidade em mudar de um movimento para o outro. Estes comportamentos são realmente evidentes na fala de indivíduos com doença de Parkinson” (SPENCER e ROGERS, 2004, p.348)⁸.

Notamos que os autores destacam as hesitações como aspectos presentes na fala de sujeitos com doença de Parkinson e atribuem sua ocorrência a dificuldades relacionadas à programação do movimento. De acordo com os autores, os problemas nesta programação não seriam restritos apenas à programação dos movimentos da fala, mas haveria uma relação entre as dificuldades na programação de movimentos dos membros e a programação dos movimentos da fala.

Observamos, no entanto, que, assim como os trabalhos mencionados anteriormente, os autores destacam somente as *pausas* ao tratar das hesitações na fala de sujeitos parkinsonianos.

A partir dos trabalhos aqui mencionados, podemos concluir que, além de serem restritos os estudos (a que tivemos acesso) que atentam às hesitações no interior da literatura biomédica, tais trabalhos seguem a tendência dos demais estudos deste campo, já que consideram as hesitações como “problemas de fala”. Notamos ainda que, conforme

⁷ Grifos nossos.

⁸ “Speech behaviors, such as abnormally placed pauses, difficulty with progression through an utterance and difficulty initiating articulation, are characteristic of speakers with PD and could result from difficulty maintaining the speech motor program. Additionally, reduced ability to switch between speech motor programs would be consistent with speech behaviors such as difficulty stopping an ongoing response, marked hesitations between movement segments, and occasional inability to switch from one to another movement. These behaviors are indeed evident in the speech of individuals with PD”(SPENCER e ROGERS, 2004, p.348).

mencionamos, tais trabalhos, mesmo atentando às hesitações, restringem-se, prioritariamente, ao estudo de apenas uma marca hesitativa, as pausas silenciosas.

Numa outra perspectiva, no entanto, pesquisas como as de Chacon e Schulz (2000), Zaniboni (2002), Witt (2003), Oliveira (2003), Dias (2005) e Nascimento (2005), procuram investigar aspectos da linguagem, mais especificamente as hesitações, na atividade discursiva dos sujeitos com doença de Parkinson. Tais pesquisas foram sustentadas por teorias lingüístico-discursivas.

Procurando investigar a função das pausas na atividade verbal de sujeitos com doença de Parkinson, Chacon e Schulz (2000) observaram, dentre outros aspectos, que, na atividade conversacional dos dois sujeitos participantes da pesquisa, “coexistiam pausas de duração muito longa e pausas de duração bastante reduzida” (CHACON e SCHULZ, 2000, p. 58). De acordo com os autores, essa variabilidade estaria relacionada ao que está em consideração no tópico conversacional e/ou à menor ou maior dificuldade do sujeito em desenvolvê-lo durante a atividade enunciativa.

Notamos, na interpretação dos autores, um olhar que vai além dos possíveis comprometimentos de ordem orgânica que afetariam os aspectos da linguagem: a interpretação para a variabilidade de duração das pausas na conversação de sujeitos parkinsonianos sustenta-se em preceitos desenvolvidos no campo de estudos da organização textual-interativa.

De modo semelhante, Zaniboni (2002) investigou o funcionamento das pausas, especialmente em início de turno, em sessões de conversação de sujeitos com doença de Parkinson e sujeitos sem lesão neurológica. A autora notou uma diferença entre a atividade discursiva dos sujeitos parkinsonianos e a dos sujeitos não-parkinsonianos no que se refere ao número (maior) de ocorrências de pausas iniciais, bem como nas características acústicas destas pausas, no primeiro grupo de sujeitos. Para Zaniboni, esta diferença pode ser entendida,

longe de possíveis problemas de ordem motora, como um processo alternativo de enunciação ao qual os sujeitos com Parkinson recorreriam para manter a efetividade da atividade dialógica.

Ainda na mesma perspectiva, Dias (2005) estudou não somente as pausas, mas também outros tipos de hesitações presentes no início de enunciados na atividade discursiva de sujeitos com e sem lesão neurológica. Os dados observados pelo autor permitiram-lhe concluir, a respeito dos sujeitos com doença de Parkinson, que sua “condição de sujeitos parkinsonianos os torna menos propensos a controlar, ao mesmo tempo, a deriva dos sentidos e a deriva dos movimentos do aparelho fonoarticulatório na atividade enunciativa” (DIAS, 2005, p.55).

Dentre os trabalhos desenvolvidos nessa perspectiva, merece destaque o de Nascimento (2005). A autora, partindo da hipótese de que as hesitações (incluindo as pausas) funcionariam como marcas de momentos de tensão entre elementos lingüístico-discursivos, analisou dados extraídos de sessões de conversações de um sujeito com doença de Parkinson e de um sujeito sem patologia neurológica, atentando não somente para os inícios de enunciados, mas também para as hesitações no interior de enunciados.

Nessa análise, a autora centrou-se na relação entre as marcas de hesitação e os trechos de fala que a elas estavam relacionados⁹, procurando observar: (a) que tipo de noção semântica estaria envolvido nessa relação; (b) se ocorria uma contenção da ou uma abertura para a deriva; (c) se as tensões envolvidas predominavam no eixo sintagmático ou paradigmático da linguagem; e (d) se as ações sujeito/língua ocorriam antecipadamente ou em reparação à materialização de pontos de deriva. Com esse olhar, Nascimento caracterizou

⁹ Em seu trabalho, Nascimento (2005) chamou de **A** o trecho do enunciado que antecede a ocorrência de uma hesitação ou algum aspecto relacionado às condições de produção do discurso – como aspetos relacionados à situação enunciativa – materializado lingüisticamente ou não, e **B** o trecho que se segue ao fenômeno hesitativo (**H**), no interior do enunciado em que H ocorre.

cinco tipos de funcionamento hesitativo: especificações, avaliações, mudanças de orientação, retomadas e tropeços.

Com relação às *especificações*, estas seriam, segundo a autora, momentos nos quais o trecho que sucede o fenômeno hesitativo (trecho chamado B) complementaria o trecho que antecede a hesitação (trecho chamado A), estando, portanto, A e B numa mesma orientação de sentido. Nessa relação, o fenômeno hesitativo (H) evidenciaria “uma ação recíproca sujeito-língua no sentido da precisão de expressões semânticas”, marcando momentos de contenção da deriva em ambos os eixos: (1) no sintagmático, no qual a atitude do falante seria a de tentar controlar, antecipadamente, o aparecimento de elementos concorrentes considerando-se uma organização sintagmática pretendida; (2) no paradigmático, no qual a hesitação seria o ponto que evidenciaria a concorrência de elementos e se anteciparia à ocorrência de um único elemento selecionado de um paradigma.

As *avaliações* seriam momentos nos quais os fenômenos hesitativos evidenciariam uma suspensão do dizer em que, numa atitude reflexiva, o sujeito estaria, em **B**, projetando-se no sentido de dar maior precisão a **A**. Ao contrário das especificações, nesse subtipo de fenômeno hesitativo haveria maior evidência da ação do sujeito sobre a língua, na medida em que este se volta para o seu próprio enunciado. Nas avaliações, H marcaria pontos de reflexão e não de materialização da deriva.

No terceiro tipo caracterizado pela autora, a relação **A-H-B** seria tal que **B** se constituiria, em relação a **A**, numa *mudança de orientação* do sentido, na qual a ação sujeito-língua se daria, em H, (a) numa atitude antecipatória, havendo mudança de assunto, ou (b) numa atitude reparadora, em que haveria materialização de escolhas paradigmáticas recusadas em favor de outras. H, na mudança de orientação, marcaria um ponto em que o dizer se ancora e, ao mesmo tempo, introduz a deriva.

Nas *retomadas*, de acordo com a autora, **B** remeteria a um dizer **A** enunciado mais anteriormente do que o dizer que antecede imediatamente a **H**. Seria um momento no qual, pela ação sujeito-linguagem, ocorreria o resgate da orientação do dizer, havendo retomada do mesmo eixo paradigmático, possibilitando, portanto, a contenção da deriva.

O último tipo caracterizado por Nascimento, e que nos interessa mais diretamente, diz respeito ao que a autora nomeia como *tropeços*. Esse funcionamento, assim como as retomadas, também ocorreria, de acordo com a autora, de modo reparador; contudo, seria marcado no eixo da contigüidade (sintagmático), por elementos fonético-fonológicos. Além dessa diferença, nos tropeços, **B**, bem como **A**, apresentariam uma relação aparentemente “fraca” com **H**.

O trabalho de Nascimento (2005), a nosso ver, tem importante contribuição por analisar diversas marcas hesitativas (não apenas as pausas), no início e no interior de enunciados. É importante também por não analisar somente as marcas, mas o funcionamento do fenômeno hesitativo, no discurso. Entretanto, pela amplitude de seu objeto de estudo, a autora pôde realizar apenas uma primeira caracterização do funcionamento hesitativo de sujeitos parkinsonianos e de sujeitos não parkinsonianos. Seria, portanto, importante, verificar a eficácia de cada uma das cinco categorias apresentadas pela autora.

Neste trabalho, temos como proposta dar maior atenção ao que Nascimento caracteriza como tropeços – e que caracterizaremos, por razões a serem expostas mais adiante, como *deslizamentos do dizer em contexto fonético-fonológico recorrente*.

Essa maior atenção resulta, por um lado, de um aspecto interessante levantado por Nascimento – de acordo com a autora, apenas este funcionamento hesitativo apresentou, como foco de tensão, predominância no plano fonético-fonológico da língua. Nos demais funcionamentos, descritos pela autora, foi possível recuperar uma relação semântica fortemente marcada entre as hesitações e os trechos que as circundavam, diferentemente dos

chamados tropeços, funcionamento no qual a autora teve dificuldades em recuperar negociações de ordem semântica.

Por outro lado, nosso interesse pela investigação deste funcionamento se deve a nossa observação de uma tendência predominante da literatura biomédica, no que diz respeito ao estudo dos aspectos lingüísticos em sujeitos com doença de Parkinson: certamente, nessa literatura, as características observadas nos chamados tropeços seriam entendidas como resultantes de problemas motores. Portanto, nosso interesse pelo estudo mais aprofundado desse subfuncionamento hesitativo se orienta pela busca de características da linguagem (além das fonético-fonológicas já apontadas por Nascimento) envolvidas nele – sobretudo as de natureza discursiva.

Para aprofundarmos a investigação do funcionamento hesitativo foco deste trabalho, tomaremos como fundamentação teórica contribuições de estudos lingüístico-discursivos. Na seção seguinte, apresentaremos uma breve resenha dos principais conceitos que nortearão nossa análise.

1.3 Contribuições dos estudos discursivos

Em “Análise automática do discurso”, estudo publicado pela primeira vez em 1969, Michael Pêcheux propõe “definir os elementos teóricos que permitem pensar os processos discursivos e sua generalidade”. Para tanto, o autor se apóia na idéia de que:

“[...] os fenômenos lingüísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento mas [este] funcionamento não é integralmente lingüístico, [...] e [...] não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos ‘condições de produção’ do discurso” (PÊCHEUX, 1990a, p.78).

Procuraremos, neste momento, destacar algumas das considerações que o autor faz sobre as condições de produção do discurso, conceito fundamental para melhor explorarmos aspectos observados em nossos dados – como veremos adiante.

De acordo com Pêcheux, todo discurso, tomado, aqui, como o fio do discurso, como a própria materialidade discursiva, é produzido a partir de um certo lugar, “no interior de uma formação social dada” (PECHEUX, 1990a, p. 77). Este lugar é caracterizado pelas condições de produção do discurso, que envolvem: (a) relações entre o discurso e elementos que o sustentam e este mesmo discurso e elementos que se opõem a ele; e (b) relações entre o discurso e outros discursos, anteriores, que são evocados e que sustentam o discurso presente.

Podemos pensar, portanto, que, durante a produção de um discurso, ainda entendido como a materialidade lingüística, existe uma série de relações que permitem que o discurso se sustente, ou que acabam por determinar a sua organização lingüística. Ao pensar na produção do discurso, Pêcheux rompe com a idéia, bastante comum no campo da lingüística de sua época, de transmissão de informação. De acordo com o autor, o que ocorre entre interlocutores são efeitos de sentido.

Voltando à idéia, lançada pelo autor, de que todo discurso é produzido de um determinado lugar, os próprios sujeitos, participantes da produção discursiva, seriam “lugares ocupados na estrutura de uma formação social” (PECHEUX, 1990, p.82). O autor denomina “A” e “B” as posições ocupadas numa formação discursiva pelos protagonistas do discurso. Portanto, de acordo com Pêcheux “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PECHEUX, 1990, p.82).

O autor vai além, apontando que o referente também faz parte das condições de produção. Pêcheux considera, então, a imagem que A e B têm do referente, que se trata, portanto, também de um objeto imaginário, não pertencente, assim como os protagonistas do discurso, à realidade física da produção discursiva.

Vamos nos apoiar, neste trabalho, em considerações feitas por Pêcheux sobre as condições de produção do discurso. Sintetizadas por Brandão (2002), as condições de

produção abrangem o contexto histórico-social, os interlocutores (lembrando que, de acordo com Pêcheux, os interlocutores seriam posições, imaginárias, assumidas na formação discursiva), o lugar de onde tais interlocutores falam, bem como a imagem que fazem de si, do outro e do referente. Todos estes elementos, conforme aponta a autora, que retoma as concepções de Pêcheux, constituem a instância verbal de produção do discurso.

Ainda acerca das condições de produção do discurso, para Brandão (2002), a contribuição de Pêcheux estaria no fato de não considerar a presença física de organismos humanos individuais, mas a representação de “lugares determinados na estrutura de uma formação social”. Tal concepção de Pêcheux fundamenta a noção de sujeito que será adotada neste trabalho. Iremos, portanto, nos distanciar de concepções empíricas de sujeito, bem como de teorias que reduzem o sujeito a seus processos conscientes, como fonte do (seu) dizer.

Ainda a respeito da concepção de sujeito, há outro aspecto de grande interesse para nosso estudo. Trata-se da noção de esquecimento.

Em estudo publicado em 1975, Pêcheux e Fuchs aprofundam a teorização sobre o discurso, lançando mão de conceitos como os de formação ideológica, formação discursiva e assujeitamento. Não nos aprofundaremos, aqui, em tais conceitos. Apresentaremos apenas um breve recorte acerca do que Pêcheux e Fuchs chamaram esquecimento nº 1 e esquecimento nº 2, para melhor compreendermos a noção de sujeito exposta pelos autores.

De acordo com Pêcheux e Fuchs (1990), “elementos ideológicos não-discursivos (representações, imagens ligadas a práticas etc.)” atravessam as formações discursivas. No entanto, o sujeito, ao produzir uma sequência discursiva, não recupera essa pluralidade presente no interior da formação discursiva que possibilita tal sequência. Nas palavras dos autores, a discursividade presente entre as formações discursiva/ideológica “se esvanece aos olhos do sujeito falante” (PÊCHEUX e FUCHS, 1990, p.168).

Trata-se aqui do chamado esquecimento nº 1. O sujeito se esquece daquilo que o descentraliza e o atravessa. Perde, ao enunciar, a dimensão da pluralidade de elementos intrínsecos ao discurso. O sujeito tem, portanto, a “ilusão de estar na fonte do sentido” (PÊCHEUX e FUCHS, 1990, p.169). No entanto, lembram os autores que, embora a produção de uma seqüência discursiva esteja calcada fundamentalmente em uma ilusão, tal ilusão é necessária para que essa produção possa ocorrer.

Além do esquecimento que permite ao sujeito ter a ilusão de fonte do dizer, para os autores, o sujeito esquece, também, “o processo pelo qual uma seqüência discursiva concreta é produzida [...] como sendo um sentido para o sujeito” (PÊCHEUX e FUCHS, 1990, p.169). Trata-se, agora, do chamado esquecimento nº 2, que remete à ilusão da transparência do dizer.

A respeito desse último esquecimento e da multiplicidade de sentidos que atravessam uma seqüência discursiva, os autores destacam que, em cada seqüência discursiva, “a produção de sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase”. Há, portanto, segundo os autores, elementos relacionados que, embora não apresentem o mesmo sentido entre si, estabelecem relações de sentido, pertencendo, portanto, às mesmas “famílias parafrásticas”.

Pelo esquecimento nº 2, o sujeito se esquece das relações parafrásticas que compõem uma seqüência discursiva.

Aqui, cabe reforçarmos a concepção de sujeito adotada por Pêcheux e Fuchs (1990): um sujeito constituído por múltiplos outros, atravessado por formações ideológicas, e que, ao produzir uma seqüência discursiva, necessariamente, por meio dos esquecimentos 1 e 2, assume a ilusão de sujeito como origem do seu próprio dizer e também a ilusão da transparência de sentido do dizer.

Conforme antecipamos, vamos nos apoiar na concepção de Pêcheux sobre o sujeito. Em síntese, vamos assumi-lo como uma posição imaginária, ocupada no interior de uma

formação discursiva, Trata-se, ainda, de um enunciador descentrado, que, ao enunciar, esquecendo-se da multiplicidade que o constitui, imagina ocupar o lugar de centro do dizer, lugar também, conforme mostrou o autor, imaginário. Na medida em que a multiplicidade e a dispersão são características de uma formação discursiva, o sujeito, ao produzir a materialidade do dizer, estará, constantemente, em negociação com os outros que o atravessam, no interior da formação discursiva que sustenta esse dizer.

Além das contribuições de Pêcheux, serão centrais também, em nossa análise, considerações de Authier-Revuz acerca do sujeito, do discurso e, finalmente, das heterogeneidades enunciativas.

Authier-Revuz (1990), também em distância da noção de sujeito como fonte do dizer, destaca sua constituição no interior do discurso. Assumindo o discurso como heterogêneo, produto de interdiscursos, o próprio sujeito (já que se constitui nessa heterogeneidade) também será visto, pela autora, como heterogêneo.

Para sustentar essa concepção, a autora se baseia no dialogismo bakhtiniano, na medida em que “as palavras são, sempre e inevitavelmente, as palavras dos outros” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.26). De acordo com Bakhtin, todo enunciado estaria carregado de sentido, pois seria atravessado por outros discursos. Nas palavras de Authier-Revuz, o dialogismo bakhtiniano permite entender que, na produção de sentido do discurso, haveria um “centro exterior constitutivo, aquele do já dito, com o que se tece, inevitavelmente, a trama mesma do discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.27).

Para sustentar a hipótese de que o sujeito, pensado no interior do discurso, é também heterogêneo, a autora se apóia, ainda, em Pêcheux, já que esse autor entende o discurso como produto de interdiscursos. Com base nesta concepção, durante a produção do discurso – também visto, aqui, como o fio do discurso –, o interdiscurso seria ignorado pelo sujeito, que, “na ilusão, se crê fonte deste seu discurso, quando ele nada mais é do que o suporte e efeito”

(AUTHIER-REVUZ, 1990, p.27). De acordo com a autora, portanto, o sujeito que enuncia não recupera todo o interdiscurso que o atravessa e o constitui como tal. Não recupera, portanto, a heterogeneidade que o constitui.

Além da heterogeneidade advinda da constituição do sujeito no interior do interdiscurso, ou seja, a partir das construções históricas que o constituem, a autora justifica a heterogeneidade do sujeito também em preceitos da psicanálise, mais especificamente da psicanálise freudiana e lacaniana. De acordo com esses preceitos, o sujeito é heterogêneo porque é descentrado, cindido, atravessado pelo inconsciente. Não entraremos neste mérito, o do sujeito do inconsciente, mas destacaremos o apontamento da autora acerca do que denomina “ilusão necessária” de sujeito.

Segundo Authier-Revuz, Freud aponta que “não há centro para o sujeito fora da ilusão e do fantasmagórico, mas que é função desta instância do sujeito que é o eu ser portadora desta ilusão necessária” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.28).

Apoiando-se em Freud, bem como em Pêcheux (e, em alguma medida, em Bakhtin), a autora assume o sujeito como heterogêneo, seja do ponto de vista psíquico, seja, em nosso entender, do ponto de vista sócio-histórico. Essa heterogeneidade radical do sujeito é conceptualizada, pela autora, de “heterogeneidade constitutiva”.

A respeito da concepção de sujeito e de heterogeneidade constitutiva, Authier-Revuz conclui que:

“Em ruptura com o EU, fundamento da subjetividade clássica concebida com o interior diante da exterioridade do mundo, o fundamento do sujeito é aqui deslocado, desalojado, ‘em um lugar múltiplo, fundamentalmente heterônimo, em que a exterioridade está no interior do sujeito’. Nesta afirmação de que, **constitutivamente**, no sujeito e no seu discurso está o **Outro**, reencontram-se as concepções do discurso, da ideologia, e do inconsciente [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.29).

No entanto, haveria, conforme Authier-Revuz, uma ilusão de “eu” que sustentaria a imagem do sujeito autônomo. Esta ilusão é vista pela autora, com base em Pêcheux e Fuchs (1990), como “ilusão necessária constitutiva do sujeito” que enuncia e é tal ilusão que

permitirá a recuperação, na materialidade discursiva, de negociações do sujeito com os outros constitutivos da produção do discurso. São essas negociações que nos mobilizarão, não só neste momento, mas durante todo o nosso trabalho.

Para Authier-Revuz, conforme antecipamos, as negociações do sujeito com a heterogeneidade constitutiva do (seu) discurso podem se mostrar na materialidade lingüística. Trata-se da “heterogeneidade mostrada”, aquela que inscreve – lingüisticamente – o outro na cadeia do discurso. A heterogeneidade mostrada ocorreria “como formas lingüísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do discurso” (p.26).

Esses diferentes modos de negociação, na heterogeneidade mostrada, podem se dar como formas marcadas e não-marcadas. As formas marcadas de heterogeneidade mostrada seriam calcadas no princípio de denegação. Nelas ocorreria, portanto, uma tentativa do sujeito de proteger-se dos outros que o atravessam/constituem. Já nas formas não marcadas da heterogeneidade mostrada, haveria certa diluição entre sujeito e outros. A heterogeneidade se mostraria, nestes casos, de modo mais sutil, ocorrendo incerteza em relação aos outros e não uma tentativa de denegação/proteção, como ocorre nas formas marcadas.

Para nosso trabalho, as formas marcadas de heterogeneidade mostrada têm estatuto especial, uma vez que Authier-Revuz aponta, dentre tais formas, as hesitações. Mas, para melhor entendermos de que maneira as hesitações indicariam momentos de negociação entre a entidade que se marca como “eu” no fio do discurso e os outros que a constituem, vamos nos apoiar na formulação que Tfouni faz do conceito de deriva.

Para Tfouni (2008), na própria obra de Saussure e de Jakobson, é possível recuperar indícios que, interpretados à luz de contribuições da análise do discurso e da psicanálise, permitem problematizar uma concepção de mensagem enquanto supostamente organizada,

bem como seu caráter linear de comunicação de um pensamento organizado nos moldes cartesianos.

A autora se apóia, portanto, em uma concepção de linguagem, discurso e sujeito que rompe com a idéia de linearidade e de transparência. Também aqui ocorre um distanciamento da idéia de sujeito como origem do seu dizer.

Partindo destas concepções, Tfouni ressalta que há processos na linguagem que escancaram, que quebram a aparente unidade do sujeito e apontam para sua constituição heterogênea. Exemplos desse escancaramento ou quebra de unidade aparente seriam, dentre outros, aqueles nos quais, na produção discursiva, “falta uma palavra”, sendo rompido o fluxo da enunciação. Nestas situações, é aberto espaço ao inesperado e a deriva (sempre latente na produção discursiva) se mostra. Para Tfouni,

“a deriva é constituída pela palavra que falta, tão importante quanto a que é enunciada, atestando a presença da alteridade. Essa outra voz que de repente se faz ouvir ao lado das palavras do sujeito: eis a deriva instalada. Nesse processo ocorrem esquecimentos, lapsos, [e, no que mais diretamente nos interessa] hesitações, falsos começos” (TFOUNI, 2008, p.76).

Assim contextualizadas por Authier-Revuz e por Tfouni, apresenta-se para nós, mais claramente, a possibilidade de uma visão enunciativo-discursiva das hesitações – visão que será adotada na análise de nossos dados.

Com tal concepção de sujeito, conceberemos a materialidade lingüística como um lugar no qual se mostram as constantes negociações do sujeito com este (s) Outro/outros, bem como um lugar em que a deriva, potencialmente, pode, a qualquer momento, se instalar. As hesitações seriam, portanto, momentos em que a heterogeneidade que constitui o sujeito lhe escapa e é escancarada.

Portanto, em síntese, assumiremos, neste trabalho, uma concepção de sujeito como descentrado e heterogêneo, dada sua constituição num processo discursivo fundamentalmente múltiplo e disperso e seu atravessamento por processos inconscientes.

A materialidade discursiva (ou o “fio do discurso” ou, ainda, o “fluxo discursivo”) tomará para nós o estatuto do lugar em que podem se marcar, lingüisticamente, as negociações sujeito-outros. Uma das maneiras pelas quais essa negociação é mostrada – e que constitui um aspecto central de nosso trabalho – são as hesitações, ou seja, momentos, marcados, dessa negociação.

As hesitações, aqui, seriam, portanto, momentos em que a heterogeneidade que constitui o sujeito escapa a seu controle e é escancarada – momentos nos quais, portanto, a deriva se mostra, podendo, ou não, como veremos em nossa análise, ser controlada.

2. Aspectos teórico-metodológicos

2.1 O banco de dados

Os dados analisados neste trabalho são parte de material que vem sendo reunido no projeto *Atividade discursiva oral e escrita de sujeitos parkinsonianos: formação de um banco de dados*¹⁰. O Projeto tem como proposta obter registros de sessões de conversação entre um documentador e sujeitos com doença de Parkinson, bem como entre um documentador e sujeitos sem diagnóstico de lesão neurológica. Além das sessões de conversação, estão sendo também reunidas amostras de escrita dos mesmos sujeitos, versando sobre diferentes temas. O objetivo maior do projeto é formar um banco de dados para estudo dos aspectos enunciativo-discursivos da linguagem, tanto em condições consideradas como normais, quanto em condições diagnosticadas como patológicas.

O projeto do banco foi elaborado por integrantes do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a Linguagem* (GPEL/CNPq), que tem, como uma de suas tarefas, propor uma intersecção entre conhecimentos oriundos das áreas médica, fonoaudiológica e lingüística em suas investigações. A busca dessa intersecção explica a preocupação do Grupo em coletar dados de sujeitos com e sem lesão neurológica.

Têm sido coletadas amostras de conversação e de escrita de quatro (4) sujeitos com diagnóstico neurológico de doença de Parkinson, sendo dois do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idades entre 40 e 74 anos, com diferentes graus de escolaridade e profissões.

Além dos sujeitos com doença de Parkinson, também têm sido coletadas amostras de conversação e de escrita de três (3) sujeitos sem comprometimento neurológico, sendo dois do sexo feminino e um do sexo masculino, com idades entre 40 e 74 anos. Tais sujeitos foram procurados por terem idade, grau de escolaridade, profissão e procedência geográfica que se assemelhavam aos perfis dos sujeitos parkinsonianos.

¹⁰ Projeto desenvolvido com apoio CNPq, Processo 401675/2004-1.

Até o momento, foram feitas sete (7) sessões de conversação e de escrita com cada um dos sujeitos com doença de Parkinson (DP), com intervalos de aproximadamente quatro (4) meses entre cada coleta, bem como três (3) sessões, também de conversação e de escrita, com intervalos de aproximadamente oito (8) meses entre elas, com os sujeitos sem lesão neurológica.

Com relação às amostras de conversação, todas foram norteadas por temas relacionados à vida cotidiana dos sujeitos. As sessões tiveram duração aproximada de 40 min. Todas elas, tanto de escrita quanto de conversação, foram realizadas por um mesmo documentador. As propostas de escrita envolveram a produção de bilhete, carta, propaganda, receita culinária, reportagem de jornal e relato da vida diária dos sujeitos.

Todas as sessões de conversação foram registradas em gravação digital de áudio e de vídeo. Para as gravações em áudio, foi utilizado um gravador SONY, tipo DAT (*Digital audio tape*), modelo TCD-D8, acoplado a um microfone SONY, modelo ECM-MS957, localizado a cerca de 30 cm (trinta centímetros) dos sujeitos gravados. A opção pelo uso de equipamentos digitais teve o objetivo de garantir melhor qualidade acústica das gravações; também o uso de um microfone multidirecional se deveu à busca de maior fidedignidade dos sons captados para a gravação, especialmente em razão de alguns sujeitos, principalmente dentre os parkinsonianos, fazerem um uso mais fraco da intensidade vocal.

As gravações em vídeo foram realizadas com uma câmera digital Sony, modelo DCR – DVD 203. As filmagens foram realizadas por permitirem, além do registro acústico, a observação de aspectos que a gravação não permite observar, como, por exemplo, momentos de silêncio nos quais ocorria a movimentação dos articuladores.

As sessões de conversação coletadas no Projeto estão sendo transcritas com base nos trabalhos de Preti & Urbano (1988), Marcuschi (1998) e Koch (2000).

As normas de transcrição utilizadas para elaboração do banco de dados foram propostas para a transcrição das entrevistas coletadas pelo Projeto NURC (Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta), complementadas pela proposta de Marcuschi (1998) para o estudo das hesitações. A escolha pela norma de transcrição adotada é de grande relevância, pois, como aponta Marcuschi (1998), a transcrição dos dados já é, por si, uma primeira análise dos dados.

Embora as normas escolhidas para transcrição não tenham sido propostas para o mesmo objetivo do Projeto NURC, tais normas possibilitam a descrição de elementos conversacionais, bem como a identificação de aspectos da hesitação.

As transcrições, com base nas propostas metodológicas citadas, foram organizadas em turnos conversacionais, definidos como aquilo que o falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo a possibilidade do silêncio (MARCUSCHI, 1998; HILGERT, 2001). Momentos de sobreposições de fala, bem como intervenções de interlocução, caracterizadas por comentários do tipo ‘ah tá’, ‘nossa’, ‘ãhã’, não foram consideradas como mudança de turno. Isso porque, para Marcuschi (op.cit, p. 18), as sobreposições são uma “produção durante o turno do falante corrente, de modo que elas não caracterizam mudança de turno”.

2.2 O recorte

Conforme mencionamos na sessão 3.1, os dados utilizados neste trabalho são parte do projeto intitulado *Atividade discursiva oral e escrita de sujeitos parkinsonianos: formação de um banco de dados*. A nossa opção por tal material deve-se a um aspecto que merece destaque.

Um dos objetivos de nosso trabalho é a intersecção com a Fonoaudiologia. Esse campo do conhecimento tem interesse particular no estudo de sujeitos afetados por lesões encefálicas, especialmente nos aspectos da linguagem afetados por tais lesões. Entretanto, tradicionalmente, os estudos sobre a linguagem nestes sujeitos, inclusive aqueles que

envolvem a doença de Parkinson, extraem os dados lingüísticos da aplicação de testes, que, como salientam Lima et al (1997), “se apegam a simples fatos gramaticais, como sílabas, frases e palavras soltas”.

É possível observarmos este tipo de metodologia em trabalhos, mencionados na Seção 1.1, produzidos no campo biomédico – campo no qual a maior parte dos estudos da Fonoaudiologia se sustentam – acerca das questões de linguagem nos sujeitos com doença de Parkinson.

Spencer e Rogers (2005), por exemplo, observaram os movimentos envolvidos na produção dos sons da fala a partir de solicitação de repetição de palavras monossilábicas. Já Canter (1963) atentou ao que chamou de comportamento de fala de um grupo de pacientes parkinsonianos a partir da leitura oral de um texto, embora tenha salientado a importância de análises de conversas espontâneas.

Ao discutir este tipo de metodologia em estudos sobre sujeitos afásicos, Coudry (1996) apontou, nesses estudos, que a tendência metodologicamente dominante é a de se extraírem dados a partir da aplicação de testes de linguagem que se concentram na repetição isolada de palavras, ou repetição de lista de palavras, ou, ainda, na leitura oral (de frases ou pequenos textos) como meio de investigação da produção da fala – os quais ressaltam as dificuldades da linguagem desses sujeitos e excluem as atividades que permanecem após a lesão.

Entretanto, considerando o que afirma Marcuschi (1999) sobre as hesitações – foco deste estudo –, caracterizadas como marcas lingüísticas que colaboram para a organização conversacional e/ou evidenciam o processo de organização conversacional, elas dificilmente poderiam ser analisadas partindo-se dos métodos tradicionais de pesquisa.

Não poderíamos, portanto, basear nosso trabalho em métodos de pesquisa recorrentes na Fonoaudiologia. O Projeto a partir do qual selecionamos dados para a realização deste

estudo se distancia dos métodos calcados nos testes, exatamente porque, durante a coleta dos dados, pretendeu-se aproximar o máximo possível das atividades conversacionais cotidianas.

Explicada nossa opção por tal material, salientaremos o recorte realizado e os motivos que nos levaram a utilizar apenas parte dos dados que compõem o banco.

Para a realização de nossa pesquisa, selecionamos apenas uma sessão de conversação de um sujeito com doença de Parkinson (NL). A opção por apenas uma sessão de NL deveu-se, sobretudo, à limitação de tempo imposta para o término de uma dissertação de mestrado; mas também ao grande número de informações, relevantes à nossa análise, que uma sessão de conversação pode conter.

Com essa opção, ficou, portanto, descartada a realização de uma análise de caráter quantitativo a respeito de possíveis problemas de linguagem que afetam os sujeitos com esse tipo de lesão neurológica. Priorizamos, com essa opção, a observação de aspectos bem específicos do fenômeno hesitativo em um sujeito parkinsoniano.

Durante o desenvolvimento de nossa pesquisa, o Projeto *Atividade discursiva oral e escrita de sujeitos parkinsonianos* também estava em andamento. Logo, o conjunto das gravações (bem como das transcrições) das sessões não estava concluído. Este fato interferiu diretamente na escolha da sessão de conversação que analisamos. Assim, no início de nossa pesquisa, buscamos uma sessão que já havia passado por uma primeira transcrição.

Uma vez que nosso interesse, neste trabalho, é observar como aspectos da linguagem – mais especificamente o fenômeno hesitativo – funcionam, em relação às possíveis limitações, ou alterações, impostas pela doença de Parkinson, optamos pela escolha de uma sessão gravada em momento mais avançado da coleta de dados, pensando em uma possível progressão da doença no sujeito participante da pesquisa.

Foi selecionada, portanto, a sétima (e última) sessão de conversação de NL (sujeito com doença de Parkinson). Exporemos, a seguir, aspectos particulares deste sujeito.

2.2.1 O sujeito da pesquisa

NL, sexo masculino, possui 2º grau incompleto e é mestre de obras aposentado. Na data da gravação da sessão de conversação utilizada, NL tinha 59 anos. O diagnóstico neurológico de doença de Parkinson foi feito aproximadamente 7 anos antes da data da sessão de conversação.

2.2.2 A amostra de conversação

Com a amostra de conversação em mãos, nossa primeira preocupação foi realizar revisões cuidadosas de sua transcrição, atentando, especialmente, aos momentos de marcas hesitativas, aspecto de maior interesse em nosso trabalho. Para fazermos essas revisões, além das transcrições, baseamo-nos, também, em nossa visão e audição dos registros em vídeo e áudio.

Durante as revisões, apoiamo-nos, assim como ocorreu na primeira transcrição, em normas propostas por Preti e Urbano (1988), Marcuschi (1998) e Koch (2000). Salientemos, contudo, que, apesar de a transcrição, seguindo o olhar de tais autores, ter sido organizada em turnos conversacionais, nosso recorte das hesitações não será feito com base nos turnos, mas sim com base na própria incidência das hesitações, pois, como salienta Nascimento (2005):

“Isso se deve [...] ao modo como compreenderemos a linguagem durante a análise dos dados: um fenômeno heterogêneo em que um de seus aspectos, e não o único, é a troca de sujeitos falantes. Além disso, seria incoerente priorizarmos somente um dos aspectos que envolvem o fenômeno heterogêneo da linguagem, uma vez que nossa proposta é a de observar as hesitações como um fenômeno que seria marca de múltiplos ‘outros’ que constituem o discurso” (NASCIMENTO, 2005, p. 69).

Encerradas as revisões da transcrição, destacamos as marcas hesitativas que, pela relação que estabeleciam com o todo do enunciado, caracterizavam-se como o funcionamento que Nascimento (2005) chamou de Tropeços – e que, em nosso trabalho, será caracterizado como *deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente*. Portanto, o aspecto mais peculiar neste funcionamento, que fundamentou nossa obtenção de dados, é o de todas as

marcas hesitativas destacadas apresentarem, com diversos vocábulos do enunciado em que se apresentavam, uma relação fonético-fonológica fortemente marcada (apresentaremos exemplo logo no início do Capítulo 3).

2.3 As hesitações

Para a identificação das marcas hesitativas, apoiamo-nos em Marcuschi (1999; 2006). Embora o autor se posicione com outro olhar teórico em relação àquele que embasa este trabalho, é incontestável a contribuição de Marcuschi para todos os trabalhos voltados ao estudo do fenômeno hesitativo.

Entendendo as hesitações como fenômenos intrínsecos da oralidade, relacionadas com o planejamento lingüístico, portanto, “indícios de dificuldades de processamento cognitivo/verbal localizado na estrutura sintagmática” (MARCUSCHI, 2006, p.63), o autor desenvolve amplo estudo sobre as hesitações e tem, dentre outras preocupações, a de estabelecer o que chama de características formais das hesitações, identificando, para tanto, as marcas hesitativas e suas principais características.

Destacaremos as principais marcas descritas pelo autor e selecionaremos, para cada marca, pelo menos um exemplo, retirado de nosso corpus, que ilustre as representações realizadas durante a transcrição/identificação das marcas hesitativas, neste trabalho.

Lembremos, no entanto, que as marcas hesitativas aqui definidas e exemplificadas podem ocorrer isoladamente ou combinadas com outras marcas de hesitação. Procuraremos exemplos que apontem para ambas as ocorrências (isolada ou combinada) de cada marca hesitativa.

- **pausas silenciosas:** constituem-se em silêncios, prolongados ou não, que se dão como rupturas em lugares não previstos pela sintaxe. As pausas hesitativas, para esse autor, diferem dos silêncios interturnos, manifestações discursivas que podem até mesmo constituir

um turno. Diferem, também, das pausas de juntura, já que essas seriam sintaticamente previstas.

Na transcrição de nossos dados, utilizamos o sinal “+” para representar as pausas silenciosas, sendo que a quantidade de utilização do sinal variou de acordo com a percepção de pausas mais breves “+” e de pausas mais longas “++”, como no exemplo que segue:

Exemplo 01 (interrupção – pausa silenciosa longa – interrupção – pausa preenchida – alongamento – interrupção)

NL agora pra subir **n/** ((sinal de negação com a cabeça)) ++ **n/ eh:: nov/ n/no** nivelado mesmo + é até bom mas na subida

- **pausas preenchidas:** são interrupções da seqüência temporal da fala geralmente marcadas acusticamente por expressões hesitativas. Muitas delas costumam ocorrer precedidas e/ou seguidas de pausas silenciosas breves. Para a transcrição deste tipo de marca, estamos utilizando as formas “ah”, “eh” e “uh”, conforme convencionadas pelas normas de transcrição do Projeto NURC;

Exemplo 02 (pausa silenciosa – pausa preenchida)

NL às vezes eu vou andar dou três quatro passos + **eh::** normal depois eu já + descontrolo

- **alongamentos hesitativos:** trata-se do prolongamento de duração de segmentos da fala, geralmente dos segmentos vocálicos. O alongamento hesitativo costuma ocorrer, segundo Marcuschi, predominantemente em final de palavra, principalmente em palavras monossilábicas ou em sílabas finais átonas. Marcuschi (1999; 2006) destaca que há alongamentos que funcionam como coesão rítmica, freqüentes, sobretudo, na formação de listas, bem como alongamentos (geralmente acompanhados de elevação do tom) que operam como ênfase. Em geral, conforme salienta o autor, quando, no interior de uma palavra, os alongamentos são coesivos ou enfáticos e recaem em sílabas tônicas, não se constituiriam em hesitações. Desse modo, esses tipos de alongamentos não foram levados em consideração em nossos dados. Na transcrição, representando os alongamentos hesitativos, utilizamos o sinal “::” logo à direita da letra correspondente ao fonema que se encontra alongado. A menor ou

maior quantidade de dois pontos (“:” ou “::”) representa a concordância entre a percepção auditiva da primeira transcrição e a nossa própria percepção da menor ou da maior duração do prolongamento;

Exemplo 03 (alongamento – pausa silenciosa – interrupção – pausa silenciosa – alongamento)
 NL [porque: + porque depo/ + pra:: andar de a pé + descendo é um beleza e/eu ando quase normal

- **repetições hesitativas:** são reduplicações de palavras, de grupos de palavras ou de frases. Essas reduplicações podem incidir tanto sobre itens funcionais quanto sobre itens lexicais. Sua representação nos dados foi feita pela transcrição de todos os elementos repetidos;

Exemplo 04 (repetição de palavra)
 NL [depois] da/**da/da** janta teve doce

Exemplo 05 (repetição de grupo de palavra)
 NL [parece que/ **parece que** não é porque eles não vêm me ver eu não vou] também né?

- **gaguejamentos:** são repetições truncadas de fonemas ou de sílabas, não significativas para a compreensão da mensagem (MARCUSCHI, 1999). Em nossos dados essa marca também foi representada pela transcrição dos segmentos repetidos;

Exemplo 06 (gaguejamento)
 NL s/s/s/s/ esses tempo nós teve lá + (foi lá passear)

Além das marcas apontadas por Marcuschi, encontramos outras marcas que merecem destaque:

- **incoordenações:** de acordo com Dias (2005), seriam alterações de características acústicas de segmentos da fala, com alteração prosódica que pode fazer variar até mesmo a tessitura vocal. Assim como as demais, as incoordenações podem ocorrer combinadas com alguma outra marca de hesitação.

Indo além da proposta de Dias, consideraremos, como incoordenações, alterações articulatórias, como, por exemplo, imprecisões na emissão de fonemas.

Na transcrição de nossos dados, as incoordenações foram descritas no interior de uma estrutura com duplo parêntese, logo após a ocorrência da marca, conforme o exemplo que se segue:

Exemplo 07 (incoordenação e alongamento – incoordenação)

NL faz + porque nós nós f:ez ((incoordenação durante o alongamento)) di/ veio direto da fisioterapia ((incoordenação durante o trecho “fisiotera”))

- **interrupções:** Outra marca encontrada em nossos dados foi a que chamaremos de interrupções. Trata-se de um corte após a emissão de qualquer segmento lingüístico, seja ele fonético-fonológico, lexical ou sintático, o qual pode ou não ser retomado na seqüência da produção do enunciado.

Tomando a concepção que assumimos acerca das interrupções, as marcas hesitativas denominadas por Marcuschi de **falsos inícios** também serão, em nosso trabalho, consideradas como interrupções. Isso porque, segundo Marcuschi (2006), os falsos inícios seriam todos os inícios de unidades sintáticas oracionais com algum problema e refeitos ou retomados com elementos como itens lexicais, marcadores discursivos etc. Portanto, de acordo com a definição do autor, os chamados falsos inícios envolveriam o corte de uma unidade sintática, sendo, por isso, aqui, incluídos nas marcas que denominamos interrupções.

Além dos elementos lingüísticos após os quais há um corte, uma interrupção, observamos que, em nossos dados, nem sempre era a emissão dos segmentos que era interrompida. Muitas vezes, observamos que o sujeito parkinsoniano realizava apenas os movimentos de articuladores necessários para a produção de determinados segmentos e também os interrompia, retomando, posteriormente, a produção desses segmentos no enunciado. Chamaremos também esses movimentos articulatorios interrompidos de interrupções. A representação dos momentos de interrupção foi feita, em nossos dados, com uma barra inclinada, “/” ou pela descrição, entre parênteses duplos, do movimento articulatorio interrompido (()). Exemplos de interrupções são os seguintes:

Exemplo 08 (interrupção – pausa silenciosa – interrupção)

NL **nã/ + p/** (na hora) que tomo os dois quase junto mas pode ser os dois (mesmo)

Ocorre, no trecho em destaque, interrupção de “não” e de /p/.

Exemplo 09 (alongamento – pausa silenciosa – interrupção)

NL é: + ((após pausa faz movimento com os lábios, próximo ao /v/)) voltava tudo

Ocorre, no trecho acima, interrupção de /v/.

Mais importante do que apenas identificar as marcas hesitativas, nossa preocupação neste trabalho foi observar a relação de cada marca com os trechos que as circundavam e, especialmente, com o processo discursivo em que ocorriam.

3. Resultados e discussão

Conforme apontamos na seção 1.3, Nascimento (2005), ao estudar o funcionamento hesitativo na conversação de um sujeito parkinsoniano e de um sujeito sem lesão neurológica apontou cinco funcionamentos hesitativos, dentre os quais destacamos aquele que a autora denominou como *tropeços*. Em seu estudo, Nascimento observou uma peculiaridade nos chamados tropeços, em relação aos demais funcionamentos hesitativos: apenas este funcionamento apresentou, como foco de tensão, predominância no plano fonético-fonológico da língua.

Foi exatamente a partir desta peculiaridade, apontada pela autora, que iniciamos nossas investigações acerca dos *deslizamentos em contextos fonético-fonológico recorrente*. O trabalho de Nascimento foi, portanto, fundamental para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Neste capítulo, na seção 3.1, visando atender ao primeiro objetivo proposto neste trabalho faremos uma **caracterização desses deslizamentos**. Já na seção 3.2, para atender ao segundo objetivo, procuraremos **recuperar relações entre os deslizamentos e fatos constitutivos do processo discursivo em que eles ocorrem**.

3.1 Características dos deslizamentos

Com base nas considerações feitas até o momento a respeito do fenômeno hesitativo, bem como em considerações de Nascimento (2005) sobre o funcionamento hesitativo foco deste estudo, localizamos, na sessão de conversação de NL, 48 marcas hesitativas que, pela relação que apresentam com os trechos que as circundam¹¹ poderiam ser consideradas como pertencentes ao funcionamento *deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente*.

Podemos observar esse funcionamento na ocorrência em destaque:

¹¹ Lembremos que não nos apoiaremos no recorte metodológico utilizado por Nascimento (2005), que estabelece a relação A-H-B no **interior do enunciado** em que H ocorre. Nosso recorte será outro, na medida em que os trechos que circundam as marcas hesitativas não necessariamente ficarão restritos aos limites dos enunciados em que elas ocorrem.

Ocorrência 01

JN o senhor estudou nove anos que o senhor fez até o primeiro

NL ++ diz que é ((incoordenação)) diz que é doze porque tem/ tinha uma:: + como é que eles falava **q/ d/ q/** + depois do quarto ano tinha um:: + fazia uma: + ((estalo línguo-alveolar)) esqueci como é eles falava

MA[admissão]

NL [admi/ primeira] admissão né?

No trecho acima, não emerge, no fio do discurso, como desejado por NL, a palavra “admissão”. Embora a palavra desejada não aflore, várias marcas de sua falta se verificam no enunciado, como *tem/tinha, como é que eles falava, tinha um::, fazia uma:+*. Dentre as marcas dessa falta, tornam-se singulares as interrupções envolvendo os fonemas /k/ e /d/. Essa singularidade, a nosso ver, se deve ao fato de que o preenchimento da falta, no momento em que ocorrem essas interrupções, se dá por meio de sons presentes em outras palavras do enunciado, como nas palavras *que, doze, porque* e *tem*¹² (no trecho que antecede a marca) e ainda *depois, quarto, esqueci* e *como* (no trecho que a sucede).

Notamos, pois, nessa ocorrência, uma peculiaridade do funcionamento hesitativo foco de nosso estudo: há elementos fonético-fonológicos marcados na hesitação que são recorrentes no todo do enunciado de NL (antecedendo e/ou sucedendo a marca hesitativa).

No entanto, não é apenas no interior de um mesmo enunciado que essa recorrência é observada. É o que veremos a seguir:

Ocorrência 02

JN ((tossiu)) aí é mais [fácil]

NL [((movimento labial próximo a /f/))] mais tranquilo mesmo + quando vem a laje já/já é outra coisa mas + cê tem que administrar ela bem fazer bem feito né + porque ela pode cair pode trincar

Nesta ocorrência destacamos a interrupção em /f/. Encontramos esse fonema nas palavras *fazer* e *feito*, bem como fonema semelhante em ponto e modo de articulação em *vem* (todas no trecho que sucede a marca). No entanto, a presença deste mesmo elemento fonético-

¹² Incluímos a palavra *tem* nessa série dada a semelhança de modo e ponto de articulação entre /t/ e /d/.

fonológico é verificada também na palavra *fácil*, presente no enunciado da documentadora (JN), que imediatamente antecede o enunciado de NL.

Podemos pensar, portanto, que o funcionamento *deslizamento em contexto fonético-fonológico recorrente* está presente não apenas na linearidade de um mesmo enunciado, mas (ainda em um recorte linear) na linearidade entre enunciados de diferentes interlocutores.

Aspecto interessante desse momento hesitativo é o de que ele parece mostrar um momento de tensão léxico-semântico entre o *fácil*, presente no enunciado de JN, e o *tranquilo*, que emergirá na sequência do enunciado de NL. Interessantemente, NL mostra esse momento de tensão envolvendo o fonema /f/ concomitantemente à fala de sua interlocutora. Nesse sentido, a recorrência de /f/ (não apenas no enunciado de NL mas, inclusive, entre o seu enunciado e o de seu interlocutor) pode indiciar uma tensão (léxico-semântica) entre *fácil* e *tranquilo* provocada pela produção discursiva entre os dois interlocutores.

As duas ocorrências que analisamos, como vimos, apontam para uma relação entre a marca hesitativa e elementos que a circundam, tanto no enunciado de NL, quanto de JN. Ou seja, há movimentos entre as marcas e esses trechos circundantes. Dois tipos de movimentos podem ser detectados nas ocorrências hesitativas de NL, como veremos a seguir:

Ocorrência 03

JN + mas o senhor tá comendo muitas vezes no dia ou não?

NL + **t**/tem dia ++ **q**/que eu (bato) três vezes por dia + quatro

JN POuco deMAis

Neste momento da sessão de conversação NL e JN conversam sobre as freqüentes dores no estômago que NL conta sentir.

No enunciado de NL, emergem as palavras *três* e *quatro*. Notamos uma proximidade (morfológica e semântica) entre as palavras, o que nos permite pensar que elas pertençam à mesma família parafrástica, estando, portanto, em relação não apenas no interior da língua, mas, sobretudo, no processo discursivo. No enunciado, *três* e *quatro* estão em relação de conflito, o qual é marcado por elementos como a pausa silenciosa longa (++) , a própria

emergência, num primeiro momento, da palavra *três* e, pouco depois, da palavra *quatro* e ainda pela ocorrência de uma pausa breve antecedendo *quatro*.

Fator fundamental para nossa análise é o de este conflito também estar marcado por uma tensão fonético-fonológica. Podemos notar, neste trecho, a marca hesitativa representada pela interrupção envolvendo os fonemas /t/ e /k/, os quais ocorrem, também, no trecho que sucede a marca, a saber, nas palavras *tem*, *que* e *bato*, e mais precisamente, nas próprias palavras em conflito: *três* e *quatro*.

Entendemos que, neste caso, ocorre um movimento que caracterizaremos como de **antecipação**. Isso porque, a marca hesitativa destacada – a interrupção de /t/ e de /k/ – antecipa a emergência desses dois fonemas em palavras que ocorrerão posteriormente no mesmo enunciado, de forma recorrente.

De acordo com teorias psicolinguísticas, este movimento de antecipação poderia ser visto como marca de planejamento da fala. Com efeito, para Goldman-Eisler (1958), o ato de fala seria baseado num plano antecipatório que possui uma estrutura específica, sendo as hesitações indicadoras desse processo (GOLDMAN-EISLER, 1958).

Para nós, no entanto, numa perspectiva discursiva, o movimento que denominamos antecipação corresponderia a um momento de negociação, em que relações entre elementos fonético-fonológicos (como /t/ e /k/) e semânticos (como *três* e *quatro*) se marcariam como um outro conflitante para o sujeito. Apoiando-nos em Pêcheux e Fuchs (1990), trata-se, nesses momentos, de tensões entre elementos em relações parafrásticas (no eixo paradigmático) que acabam por se escancorar na cadeia (eixo sintagmático) do enunciado.

Tomando as famílias parafrásticas como constitutivas da produção discursiva, ocorrendo ou não momentos hesitativos no fio do discurso, tais famílias estariam sempre presentes – no eixo paradigmático da produção discursiva. Os deslizamentos em contexto

fonético-fonológico recorrente, portanto, indicariam momentos privilegiados da observação de conflitos presentes no interior de famílias parafrásticas.

Mas, no movimento de antecipação, além de um momento que mostra conflitos no interior de uma mesma família parafrástica, o próprio eixo sintagmático poderia se apresentar como elemento desencadeador de conflito, já que a própria recorrência de elementos em sequência na cadeia do enunciado pode se mostrar como turbulenta para o sujeito. Em outras palavras, o movimento de antecipação parece justamente mostrar tensões inerentes à interseção de eixos no processo discursivo.

Mas não apenas movimentos isolados de antecipação podem ser vistos nos deslizamentos. É o que veremos a seguir:

Ocorrência 04

NL: depois cê vem os ferro por cima + então tem pessoa que não faz nada só fura um buraquinho lá pequ/ **f/f/** rasinho né + põe um ferrinho fininho + aí a construção vai dar trincamento

Neste trecho destacamos a marca hesitativa representada por gaguejamento envolvendo o fonema /f/. Observamos, na ocorrência, a presença do fonema tensionado nas palavras *ferrinho* e *fininho*, presentes no trecho que sucede o gaguejamento. Notamos, ainda, um complexo de relações (morfológica, sintática e semântica) entre as palavras *pequeno* (que não chega a ser concluída, mas é parcialmente mostrada antes da hesitação), *rasinho* e *fininho* – fato que as colocaria em relação ao mesmo tempo paradigmática e sintagmática.

Notamos, nesse complexo de relações, o movimento de antecipação, representado pela tensão no fonema /f/ e por sua persistência no trecho que sucede a marca hesitativa. No entanto, se observarmos o trecho que antecede essa marca, também podemos verificar a presença – recorrente – do fonema /f/. Essa característica evidencia, a nosso ver, outro movimento característico dos deslizamentos.

Trata-se do movimento que caracterizaremos como de **continuidade**, no qual o elemento fonético-fonológico tensionado vem, recorrentemente, emergindo em palavras que

antecedem a marca hesitativa. É o que se verifica na Ocorrência 04, na medida em que as palavras *ferro*, *faz* e *fura* já trazem o elemento /f/ tensionado no gaguejamento.

Por que entendemos este movimento como continuidade¹³?

Observando a Ocorrência 04, podemos notar que o fonema /f/ aparece, pela primeira vez, neste enunciado, justamente na palavra *ferro*. Se ampliarmos um pouco o recorte de análise, veremos que o enunciado em destaque sucede, na sessão de conversação, um longo enunciado de NL, no qual, além da recorrência do fonema /f/ (realçada, abaixo, em negrito), *ferro* emerge como elemento em ênfase¹⁴ no processo discursivo:

NL + **cê fura** uma valeta né + que é uma valeta quer dizer um buraco ++ quadradinho assim + fundo + mais ou menos isso aqui ((mostrando com as mãos)) + e ali você coloca uma viga armada + de **ferro** + são hum:: + tem: quatro **ferro** de comprido e m::ilhares ((incoordenação)) de + () ao redor () + assim amarrando + e depois **cê** + primeiro **cê** vai **fazer** as broca que a broca é um: **cê faz** um: buraco **fundo** + porque a tendência é aqui ó é igual **cê fazer** assim + **cê faz** um buraco + **cê** enche de concreto + aí vai pendendo s/ aí não desce se **cê fizer** assim **cê** não dá conta ó + ou senão aqui ó + puxa **cê** tem um dedo puxa pra **cê** ver + então **cê fura** um buraco fundo de uns três quatro metro pra baixo + mais ou menos assim ó + e aquilo você enche de concreto

JN + ah tá

NL depois **cê** vem os **ferro** por cima + então tem pessoa que não **faz** nada só **fura** um buraquinho lá peque/ **f/f/** razinho né + põe um ferrinho fininho + aí a construção vai dar trincamento

¹³ A própria literatura biomédica poderia fornecer elementos para nossa interpretação sobre o movimento de continuidade. Essa literatura descreve o que entende como lentidão na execução dos movimentos (MURDOCH, 1997) e ainda alterações motoras envolvendo a manutenção de representações cognitivas e motoras, bem como a habilidade de rapidamente transicionar entre movimentos e/ou arranjos cognitivos (SPENCER e ROGER, 2004) nos sujeitos afetados pela doença de Parkinson. A partir dessas concepções poderíamos pensar que a continuidade do movimento observada na Ocorrência 04 poderia relacionar-se a um possível prolongamento da movimentação articulatória envolvida na produção de /f/ ao longo do enunciado. Logo, a movimentação articulatória envolvida na produção desse fonema, recorrente em várias palavras do enunciado, ecoa após as palavras em que ela ocorre – no momento da marca hesitativa. Poderíamos entender também, que, do ponto de vista biomédico, nesta ocorrência e demais semelhantes, o sujeito parkinsoniano, após programar a execução motora do fonema /f/ para produzir as palavras *ferro*, *faz* e *fura*, apresentaria dificuldades para rapidamente estabelecer outro arranjo motor/cognitivo. Marca, portanto, dessa dificuldade seria novamente a emissão de /f/ em momento de gaguejamento. No entanto, embora a literatura biomédica possa fornecer subsídios para entendermos alguns aspectos do que estamos chamando de continuidade – ainda que restritos aos aspectos orgânicos comprometidos pela doença – é outro ponto de vista que privilegiadamente assumiremos para a explicação dos movimentos presentes nos deslizamentos.

¹⁴ Entendemos que *ferro* recebe ênfase pelo seu valor semântico – por se tratar da matéria prima do elemento sobre o qual NL discorre, a saber, viga armada. *Ferro* recebe, ainda, ênfase sintática, por emergir imediatamente antes e imediatamente após expressão parentética. Podemos pensar, também, em uma ênfase prosódica, pois este elemento é, no enunciado em destaque, delimitado em suas duas margens, por pausas silenciosas.

Observe-se que a pausa que delimita o final do elemento em ênfase, *de ferro*, marca, também, uma abertura para a deriva, ponto a partir do qual, de forma parentética, emergem dizeres explicativos sobre *viga* e *broca*, em decorrência, talvez, da antecipação (PÊCHEUX, 1990) que NL faz de um provável desconhecimento, por parte de JN, do que seriam, na construção civil, *viga* e *broca*. Em outras palavras, abre-se, com a pausa, um “buraco de significação”, momento no qual “a deriva tanto pode instalar-se concretamente – criando um non-sense, ou a dispersão – quanto pode ser evitada” (TFOUNI, 2008, p. 74).

Como “não existe uma liberdade completa de seleção, visto que o simbólico tem suas delimitações, e também porque a palavra que vai entrar ali já está comprometida com o contexto” (id. *ibid.*), o que emerge na cadeia são justamente elementos fortemente comprometidos pelo contexto enunciativo-discursivo. Esse comprometimento reforça-se no enunciado a seguir (aquele correspondente à Ocorrência 04, no qual o gaguejamento **f/f** ocorre), já que o enunciado se inicia justamente pelo retorno do elemento em ênfase. Esse retorno, portanto, indicia um momento de autoria na enunciação, na medida em que, a partir dessa posição discursiva, NL

“consegue estruturar seu discurso (...) de acordo com um princípio organizador contraditório, porém necessário, visto que existe, no processo de produção de um texto, um movimento de deriva e dispersão de sentidos inevitável, que o autor precisa ‘controlar’ (...), a fim de dar ao seu discurso uma unidade aparente, com começo, meio e ‘fechamento’” (TFOUNI, 2001, p. 82-3)

Destaque-se, ainda, que esse retorno vem ancorado, inclusive, pela repetição *depois cê*, (“depois cê vem os **ferro** por cima”), expressão deixada em suspenso e que provocou outro “buraco de significação” no enunciado anterior.

Ferro é, portanto, nesse momento do processo discursivo, elemento central. Interessantemente, no significante desse elemento enfatizado, o fonema tensionado na marca hesitativa aparece exatamente na sílaba acentuada. Mas não só: notamos, no enunciado anterior, conforme antecipamos, grande ocorrência de **/f/** (nas palavras marcadas em negrito). A marca hesitativa poderia representar, portanto, um momento de tensão que envolve tanto a

importância discursiva de um elemento em ênfase – *ferro* –, quanto a recorrência de /f/ em várias palavras do enunciado.

Temos, assim, argumentos de várias naturezas que justificariam nossa proposta de que, além de antecipações, ocorreria também um movimento de continuidade de elementos fonético-fonológicos num enunciado e que esse movimento marcaria tensões entre elementos de diferentes planos do processo discursivo.

Ressalta-se, no entanto, que a tensão observada em diferentes planos do processo discursivo pode envolver, conforme verificamos na Ocorrência 04, os dois movimentos (antecipação e continuidade) na linearidade do enunciado. É o que o gaguejamento de /f/ parece indiciar, na medida em que, num movimento de antecipação, escancara um complexo de relações (morfológica, sintática e semântica) e, num movimento de continuidade, escancara tensões envolvendo o plano fonético-fonológico, bem como a tensão relacionada à importância discursiva de um elemento enfatizado – *ferro*.

Vejamos agora uma ocorrência em que se pode verificar outro tipo de continuidade:

Ocorrência 05

JN o prolopa é que dá: e o acneton

NL NÃO ++ o prolopa não dá não

JN não tá dando não?

NL o prolopa (num dá/) o que dá é o acneton

JN + o acneton? + é tem gente que dá com o prolopa também

NL ã/ + p/ (na hora) que tomo os dois quase junto mas pode ser os dois (mesmo)

Destaca-se, no trecho acima, a interrupção do fonema /p/ no interior de uma marca combinada que se caracteriza por interrupção após *ã*, seguida de pausa silenciosa e de interrupção após *p*. Notamos a repetição deste elemento no trecho que sucede a marca hesitativa – na palavra *pode*. No entanto, nosso interesse está no trecho que antecede a marca.

Neste momento da sessão de conversação, o objeto discursivo mais específico (no interior de um objeto discursivo mais geral: doença) são dores no estômago mencionadas por NL. Relacionado, discursivamente, a essas dores estaria o uso dos medicamentos *prolopa* e/ou

acneton. É justamente o conflito entre um (apenas *acneton*) ou ambos (*acneton* e *prolopa*) provocarem dor de estômago que parece ser indiciado pela marca hesitativa, na medida em que NL, após negar a ação de *prolopa* para suas dores – *o prolopa (num dá!) o que dá é o acneton* –, parece admitir a possibilidade: *mas pode ser os dois (mesmo)*.

Podemos notar, portanto, que a marca de hesitação indicia uma tensão que envolve, simultaneamente, o plano fonético-fonológico (a continuidade de /p/ após a repetição de *prolopa* e, de modo relacionado, sua antecipação em *pode*) e o léxico-semântico da língua (conflito entre elementos lexicais de uma mesma família parafrástica) – no interior do conflito entre NL admitir ou não a possibilidade de *prolopa* provocar-lhe dores de estômago (*nã/ / pode ser*).

Fato a ser destacado nessa ocorrência (que a diferencia da ocorrência anterior – 04) é o de que, nela, o movimento de continuidade parece decorrer não exatamente da produção de um enunciado por parte de NL, mas, também, da produção de enunciados de seu interlocutor (JN). Podemos concluir, então, que este movimento pode decorrer de um momento em que vemos, escancarada, a heterogeneidade do discurso, uma vez que o momento de tensão, no qual a marca hesitativa ocorre, se dá pela construção conjunta dos interlocutores.

* * *

As ocorrências de 01 a 05 exemplificam características dos *deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente* – encontradas na sessão de conversação em análise.

Nesse funcionamento hesitativo, verificamos, como característica principal, a tensão em um elemento fonético fonológico que ecoa: (a) no interior do enunciado em que a marca de hesitação ocorre; e (b) entre enunciados – do próprio sujeito e/ou de seu interlocutor.

Notamos, ainda, que os elementos fonético-fonológicos podem recorrer no trecho que sucede a marca hesitativa – figurando o movimento que chamamos de antecipação, bem como no trecho que antecede a marca – caracterizando o movimento de continuidade.

Lembremos que a antecipação e a continuidade são movimentos observados na linearidade do enunciado¹⁵. Logo, partindo de uma análise linear, pudemos verificar uma característica fundamental dos *deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente*: neste funcionamento, a repetição deslocada de um fonema parece remeter predominantemente à configuração fonológica de palavras adjacentes nos trechos que antecedem e/ou sucedem a hesitação.

Mas, conforme pudemos verificar nas Ocorrências de 01 a 05, bem como nas demais que constituem nosso *corpus*, a tensão provocada por essa repetição parece se mostrar fortemente vinculada a outros tipos de tensões – que remetem tanto a elementos de outros planos da língua, quanto a elementos do processo discursivo. Em outras palavras, no interior de uma análise linear, pudemos verificar que os deslizamentos evidenciam momentos em que uma “outra voz (...) de repente se faz ouvir ao lado das palavras do sujeito” (TFOUNI, 2008, p. 76).

No entanto, pensamos que uma análise que não se foca apenas na linearidade permitiria a observação de outros elementos discursivos, além dos aqui apontados. É o que procuraremos demonstrar, em resposta ao segundo objetivo que orienta o desenvolvimento de nossa pesquisa – que é, conforme já apresentado, o de **recuperar relações entre os deslizamentos e fatos constitutivos do processo discursivo em que eles ocorrem**.

3.2 Os deslizamentos e o processo discursivo

Conforme expusemos na seção 1.3, nossa análise nesta pesquisa será norteadada por contribuições de estudos discursivos para melhor entendermos o funcionamento hesitativo *deslizamentos em contexto fonético fonológico recorrente* no interior do processo discursivo. Para tanto, partiremos, neste momento da análise, de concepções de Pêcheux (1990) sobre o

¹⁵ Movimentos semelhantes, observados na linearidade do enunciado, também podem ser vistos na escrita. Para maiores informações ver Chacon (2003).

processo discursivo, procurando estabelecer relações entre características gerais desse processo e características mais específicas do processo discursivo em análise.

Para “definir os elementos teóricos que permitem pensar os processos discursivos e sua generalidade”, Pêcheux (1990) se apóia no conceito de condições de produção do discurso, mecanismo que, segundo o próprio autor, envolve os protagonistas e o objeto de discurso.

Partindo de suas considerações acerca das condições de produção do discurso, temos que, num dado processo discursivo, os protagonistas – chamados, pelo autor, de A e B – “designam lugares determinados na estrutura de uma formação social [...] marcados por propriedades diferenciais determináveis” (PÊCHEUX, 1990, p.82).

Tomando a sessão de conversação selecionada, podemos refletir sobre os protagonistas desse processo discursivo (NL e JN) e sobre os lugares – construídos, como lembra o autor, a partir de formações imaginárias – ocupados nele por estes sujeitos.

A sessão de conversação foi gravada no interior de um hospital, local em que JN e NL se conheceram. JN, fonoaudióloga, trabalhava neste hospital à época das gravações e conheceu NL por ocasião de um encontro – no qual estavam presentes também outros profissionais da saúde – com sujeitos com diagnóstico neurológico de doença de Parkinson¹⁶.

É nessas condições que a relação entre JN e NL se estabelece: o primeiro, ocupando lugar de profissional da saúde; o segundo, de portador de uma doença neurológica. No processo discursivo em análise, emergem, freqüentemente, indícios que apontam para uma tensão na posição ocupada por NL – a partir de uma possível imagem que ele faz de si mesmo nesse lugar. Com efeito, parecem estar em conflito, para NL, por um lado, o lugar de manutenção/progressão da doença e, por outro, o lugar da possibilidade de melhora – de redução dos efeitos da doença –, reforçada por um imaginário social (assumido por NL) de JN

¹⁶ Para maiores informações ver Nascimento (2008)

como ocupando o lugar do (de um) profissional que tem a possibilidade de prover essa melhora. Podemos recuperar indícios desta relação imaginária no decorrer da sessão de conversação, como no seguinte enunciado:

(a) NL hum:: +++ e que que que o quadro nosso (diminui/ t/) o que que tá acontecendo + tá piorando ou melhorando? +++ [eu queria saber]

No entanto, NL dá pistas de que, na tensão de lugares que ele ocupa, emerge como dominante o de sujeito doente. Indícios dessa dominância podem ser recuperados, por exemplo, em:

(b) NL + eu ado:ro também + mas eu não posso comer né?

JN + por quê?

NL por causa da gastrite

(c) NL + hoje eu tô até bem ++ mais difícil pra mim tá sendo andar viu

(...)

JN + e como é que tá indo na fisioterapia?

NL vim de lá agora

JN + tá fazendo direitinho?

NL ah:: faz mas mais ou menos () ++ devagar demais né

Notamos, nos recortes em destaque, que o lugar da doença é reforçado, conforme já destacamos. Por sua vez, nos enunciados de JN, é a imagem de profissional da saúde que vemos reforçada:

(d) JN + e as caminhada o senhor não tá fazendo?

(...)

NL [comecei] fazer esses tempo atrás depois parei de novo

JN ai ih:: [mas o senhor/ + toda vez eu ouço essa mesma história]

(e) JN + o senhor tá tomando os mesmos remédios?

Fator interessante nos recortes em destaque – e em todo o processo discursivo – é o de um conflito de lugares (ou de dominância de lugares) entre JN e NL. São freqüentes, nos enunciados de NL, tentativas de manutenção da posição de doente, enquanto que, nos enunciados de JN, predominantemente, emerge a tentativa de mudança desse lugar ocupado por NL. Podemos observar indício desse conflito no recorte a seguir:

- (f) NL tô mais ou menos
JN + ei mas tá [tudo mais ou menos]

Esses conflitos, no entanto, a nosso ver, mostram uma tentativa de manutenção dos lugares dominantes que paciente/terapeuta ocupam.

Lembremos que “esses lugares estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo” (PÊCHEUX, 1990). Temos, portanto, uma situação discursiva atravessada por um conflito em relação à imagem da doença. Logo, frente às formações imaginárias que atravessam os lugares ocupados por JN e por NL, podemos entender por que, na sessão analisada, torna-se marcante, como objeto discursivo, o objeto *doença*. Em outras palavras, a partir das relações pelas quais NL e JN se marcam discursivamente, temos a doença (e não só a de Parkinson!) como um importante outro – que, predominantemente, emerge no processo discursivo.

No entanto, outros objetos discursivos emergem no processo em questão, e, digno de destaque, permeados não apenas pela dominância que caracteriza o conflito entre JN e NL. Temos, por exemplo, o objeto discursivo *família*, atravessado por outro tipo de formação imaginária. Esse objeto emerge no discurso, sobretudo, em função da presença de outro protagonista do discurso – MA, esposa de NL –, protagonista em relação ao qual NL se marca, discursivamente, em outra posição.

Passemos a observações sobre essa relação.

Em todas as sessões de gravação com NL, MA esteve (parcial ou totalmente) presente e chegou a participar, diretamente, de momentos da conversa, como se pode ver nos recortes abaixo, extraídos da sessão em análise:

- (f) NL e:u ((incoordenação)) fui lá umas duas vezes né bem três né?
MA acho que sim
- (g) JN estudou não? + até que série que ela fez?
NL ++ foi/ + até:: + quarto ano né?
MA até quinta
NL quinta + quinta série

Observamos que, nos recortes em destaque, o lugar a partir do qual MA se constitui (ou é constituída por NL) como protagonista do discurso é o do apoio, na medida em que funciona como ancoragem da produção discursiva de NL. A própria presença de MA na sessão sustenta a possibilidade dessa constituição discursiva – bem como outras formas de presença, cujas marcas se extraem de informações que se mostram no decorrer da sessão, como a de MA acompanhar NL também na fisioterapia.

Notamos, portanto, lugares distintos, ocupados por NL, em relação às suas interlocutoras – JN e MA. Com a primeira, como vimos, há uma relação de oposição, de distanciamento, enquanto que, com a segunda, a relação é de apoio, de ancoragem. Quanto a estes dois tipos de relação, retomamos a idéia de Pêcheux (1990), de que “encontram-se [...] formalmente diferenciados os discursos em que se trata para o orador de transformar o ouvinte [...] e aqueles em que o orador e seu ouvinte se identificam [...]” (PÊCHEUX, 1990, p.85).

Na relação NL/JN, esta ocupa o lugar discursivo de tentativa de “transformar o ouvinte”, ou seja, afastá-lo da posição sujeito doente. Já na relação NL/MA, verificamos certa identificação, mostrada pela possibilidade de manutenção da posição sujeito doente de NL, uma vez que, nessa posição, o doente necessita de apoio, de um lugar de ancoragem.

Embora as relações entre NL e suas interlocutoras sejam estabelecidas de maneiras distintas, a posição ocupada por ele nos dois tipos de interlocução parece estar, pelo menos no processo discursivo em análise, intimamente relacionada com o objeto *doença*. Entretanto, como destaca Pêcheux, a respeito das posições, imaginárias, ocupadas pelos protagonistas do discurso, “é bastante provável que esta correspondência não seja biunívoca, de modo que diferenças de situação podem corresponder a uma mesma posição, e uma situação pode ser representada como várias posições” (PÊCHEUX, 1990, pp.82-83).

É o que ocorre com NL, na medida em que é possível verificar, no mesmo processo discursivo, a emergência de um outro lugar de onde esse sujeito se marca, quando deslocado o objeto discursivo – de doença e família para *trabalho*. Em outras palavras, numa mesma situação discursiva, observamos diferentes jogos protagonistas/objeto.

Nas ocasiões em que emerge o objeto *trabalho*, o próprio encadeamento discursivo torna-se o elemento mais representativo da mudança de posição ocupada por NL. Com efeito, seus enunciados são mais longos, ao passo que os enunciados de JN se mostram mais curtos e menos freqüentes, diferentemente do que se vê nos momentos em que a posição sujeito doente está em evidência, como se pode ver no recorte que se segue:

(h) NL [comecei] trabalhar de servente depois fui pra pedreiro depois passei: mestre de obra + aí eu só tinha o engenheiro/ + mais do que eu né ++ já fiz muita casa e: pré:dio aqui em Uberlândia + administração de ()

JN uhum

NL + umas casa chique (minha filha)

Além dessas mudanças no encadeamento, quando o objeto *trabalho* torna-se dominante no processo discursivo, notamos, também, maior uso de enunciados explicativos – o que pode indiciar uma projeção da imagem que, a respeito desse objeto discursivo, NL faz do interlocutor JN, a de possivelmente não ter conhecimento acerca de seu trabalho (a construção civil):

(i) NL isso é o reboque né + cê eh:: n/ ((incoordenação durante alongamento)) pra colocar ali cê tem que colocar as tábuas que é o madeiramento + aí depois cê reboca + passa massa + amacia as paredes pra/ ficar (liso assim) + depois vem a pintura

Essas características mostram mudanças de posição de NL, bem como de suas relações com o objeto discursivo (o trabalho) e com seu interlocutor JN – colocado, nos momentos em que emerge o objeto *trabalho*, no lugar do não-saber. São, mais claramente, esses os momentos em que NL ocupa a posição autor (TFOUNI, 2001) no processo discursivo, na medida em que “retroage sobre o processo de produção de sentidos, procurando ‘amarrar’ a

dispersão que está sempre virtualmente se instalando, devido à equivocidade da língua.”
(TFOUNI, 2001, p. 83).

Em outras palavras, parece haver uma mudança no próprio jogo de imagens e no lugar ocupado por NL, quando aflora, no processo discursivo, o objeto *trabalho*:

(j) NL (talvez diz que) tinha engenheiro que eu () entendia mais do que ele né

JN + ah é?

NL é uai + tem muitos uai + (isso) porque a gente tá dentro né e: + e ele tá: só faz o desenho + então às vezes tem coisa que cê cê vai fazer ele quer que cê faz mas não sabe como é que faz né + então você vai ter que explicar pra ele como é que tem que fazer e fazer

Note-se, neste recorte, que NL se posiciona em lugar de superioridade em relação aos colegas de profissão – engenheiros incluídos –, diferentemente de quando, no processo discursivo, emergem os objetos *doença* e *família*, em relação aos quais a imagem que NL parece fazer de si mesmo é a de submissão, dependência e resistência a se deslocar.

Outra mudança de posição de NL pode ser observada quando outro objeto aflora no processo discursivo: o objeto *estudo*. Vejamos o recorte a seguir:

(k) NL em Minas não tem não ++ doutorado não?

JN pra minha área não

NL não?

JN não + pro que eu queria não + mas assim: eu vo::u mas + minha família tá aqui: né então + vou sempre tá aqui + também

NL uhum ++ coisa boa

JN + mas é quatro anos né?

NL QUATro anos? ++ mas é uma vez por semana?

JN + toda semana

NL pois é mas é uma vez só

Quando emerge, no processo discursivo, o objeto *estudo*, observamos ocasiões (como no recorte acima) em que o foco do processo se volta para/sobre JN. Digno de destaque, nestes momentos, é não haver ocorrência de *deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente* nos enunciados de NL. Podemos, pois, pensar que, quando NL não está em foco, as negociações com os outros que o constituem são menos tensas, o que explicaria essa ausência de deslizamentos.

Em síntese, no processo discursivo em análise, diferentes objetos discursivos circulam, tais como *doença, família, trabalho e estudo*. Sua circulação, no entanto, conforme antecipamos, é imaginária, uma vez que remetem a um complexo de relações imaginárias (entre protagonistas e objetos), (re)afirmadas no processo discursivo. Como afirma Pêcheux, “o ‘referente’ pertence [...] às condições de produção [...] se trata de um *objeto imaginário* (a saber, o ponto de vista do sujeito) e não da realidade física” (PÊCHEUX, 1990, p.83).

É importante salientar que a análise do processo discursivo aqui proposta não é linear. Logo, a emergência de um objeto discursivo não supõe o apagamento de outro(s), já que eles, constitutivamente, se sobrepõem (um deles pode se mostrar como dominante em relação aos demais) e se interpenetram no processo discursivo.

Assim, tomando os objetos discursivos identificados, procuraremos observar como os *deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente* se mostram no interior do desenvolvimento de cada um desses objetos.

Iniciaremos com o objeto discursivo *doença*:

Ocorrência 06

NL [porque: + porque depo/ + pra:: andar de a pé + descendo é um beleza e/eu ando quase normal
JN + ((tosse))
+ agora pra subir **n/** ((sinal de negação com a cabeça)) ++ **n/ eh:: nov/ n/**no nivelado mesmo
+ é até bom mas na subida

No trecho acima destacamos a marca hesitativa combinada que envolve interrupções, pausa silenciosa e, ainda, pausa preenchida com alongamento. Destacamos a presença do fonema /n/, tensionado durante a marca.

A partir de uma análise linear do enunciado, verificamos a ocorrência de /n/ no trecho que antecede a marca hesitativa – mais precisamente em *normal*, palavra que, prosodicamente, recebe o acento que delimita um enunciado fonológico (NESPOR & VOGEL, 1986), e em *não*, palavra possivelmente interrompida, como o sugere o sinal de negação com a cabeça –, bem como no trecho que a sucede – em *nivelado*, palavra que

também recebe foco, tanto prosódico quanto sintático (por meio da palavra *mesmo*). Podemos pensar, portanto, em um *deslizamento em contexto fonético fonológico recorrente* no qual estariam presentes os movimentos de continuidade e de antecipação. A marca hesitativa em destaque pode, portanto, ser entendida como um momento de tensão no qual o foco está em um outro específico: a língua, e, de modo mais marcado, em seu plano fonético-fonológico.

No entanto, observando mais atentamente o trecho em destaque, notamos que, no momento em que a hesitação ocorre, o mesmo foco de tensão envolve, também, elementos de outras naturezas.

A ocorrência da hesitação mostraria, nesse sentido, além da tensão fonético-fonológica, uma tensão semântica entre andar *na descida, no nivelado* (no plano) e *na subida*. NL é, portanto, capturado pela heterogeneidade da língua e da linguagem, e não “contém” a deriva dos múltiplos sentidos (mais especificamente, de direções de movimento) de *caminhar* que poderiam aflorar na materialidade desse enunciado. Portanto, num momento de negociação, um “outro” semântico irrompe.

Mas não apenas os planos fonético-fonológico e semântico se marcam como elementos importantes para entendermos este momento de negociação. Ampliando-se a análise para além do enunciado em que a marca hesitativa se encontra – porém ainda em um recorte linear –, é possível recuperarmos fatos das condições de produção do enunciado que também atuariam no momento da hesitação.

Recortando o trecho que segue o enunciado em destaque, temos:

JN mas lá:: perto da casa do senhor não é que tem uma pista lá que o senhor faz caminhada?

NL tem

JN + e lá não é reto?

NL pois é mas tem o problema que cê tem que descer né?

Pela descrição do local em que NL reside, pode-se recuperar que, próxima à sua casa, há uma descida, no fim da qual há uma pista, plana, própria para caminhadas. Logo, para ir até a pista, caminhar, e retornar à sua casa NL precisaria fazer o seguinte trajeto: descida –

plano – subida. Notamos, pois, que o conflito fonético-fonológico/semântico marcado no evento hesitativo decorreria de uma tensão que envolve – também – um elemento das condições de produção do discurso.

Pelos aspectos apontados até o momento, temos subsídios para entender a hesitação em destaque e – acreditamos – o próprio fenômeno hesitativo como um momento de tensão que envolve “**formas**¹⁷ – lingüísticas [fonético-fonológicas e semânticas] e discursivas [elemento das condições de produção]” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 14) no interior do processo discursivo. Encontramos, pois, indícios de que muitos “outros”, localizados em diferentes planos da língua e da linguagem, concorreriam nos momentos de hesitação.

No entanto, além das negociações que se mostram pela análise linear do enunciado (ou dos enunciados que circundam a marca hesitativa), há também um elemento que se faz presente durante toda a sessão de conversação, conforme apontamos no início desta seção. Trata-se da relação, imaginária, que NL estabelece com a doença.

No enunciado em destaque, NL trata de um aspecto que ele próprio, em momento específico da sessão de conversação, revela ser a maior dificuldade identificada e atribuída à doença de Parkinson: a marcha. Logo, todo o conflito – que, como vimos, envolve diferentes planos da língua e, pelo menos, um elemento das condições de produção – escancarado na marca hesitativa é norteado/atravessado pela relação (discursiva) sujeito/doença.

Observamos, ainda, no enunciado, pistas de que NL ocupa um lugar de afastamento da doença, como a descrição da marcha durante a descida e o plano, direções nas quais sua dificuldade seria menor. Entretanto, também a posição sujeito doente se detecta no enunciado – mostrada pela afirmação de dificuldade da marcha durante a subida. Mas mesmo o afastamento não parece ser completo, na medida em que a marcha na descida é “quase normal” e andar no plano (ou nivelado) “é até bom”. Vemos, portanto, na Ocorrência 06,

¹⁷ Destaque da autora.

indícios do conflito relacionado às posições ocupadas por NL em relação ao objeto discursivo *doença*, caracterizado simultaneamente por marcas de afastamento e de reafirmação da posição *doente*.

Já no trecho que segue o enunciado da marca hesitativa, notamos a posição predominantemente ocupada por JN – a de profissional da saúde – ser reafirmada. JN questiona os argumentos de NL com relação às dificuldades na marcha, emergindo, em seu enunciado, tentativas de convencê-lo a caminhar com mais frequência. Assim, a Ocorrência 06 e o trecho que a sucede mostram-se como exemplares da relação de oposição entre as posições ocupadas por NL e por JN quando emerge o objeto discursivo *doença*. Como vimos, a posição discursiva de NL é caracterizada pelo conflito afastamento/reafirmação da doença, enquanto que a posição de JN parece ser predominantemente atravessada pela imagem daquele que tem subsídios para deslocar NL do lugar de doente.

Podemos pensar, então, que a doença é, neste enunciado – bem como em outros no interior da sessão – um lugar imaginário no interior do qual são reforçadas as posições paciente/terapeuta entre NL e JN – posições que se sustentam por uma relação de oposição.

A doença pode ser entendida, então, como um objeto discursivamente construído. Em outras palavras, muito além de um problema neurológico que ocasionaria alterações motoras, a doença seria um objeto imaginário construído por uma relação (entre interlocutores) plena de conflitos. As dificuldades orgânicas – amplamente descritas, como mostramos na seção 1.1, pela literatura biomédica – emergem, pois, nos enunciados de NL, sobretudo como reforço ao lugar *sujeito doente* ocupado quando o objeto discursivo *doença* está em evidência.

Assim, os conflitos escancarados pela marca hesitativa em destaque apontam para a materialização da deriva, já que mostram, na materialidade discursiva, a constituição heterogênea do sujeito (em afastamento e em reafirmação da posição de doente) e do sentido.

Conflitos podem ser observados também quando o objeto discursivo predominante é *família*:

Ocorrência 07

NL [depois] da/**da/da** janta teve doce

No enunciado acima, mais uma vez, observamos movimentos de continuidade e de antecipação de elementos fonológicos que circundam a marca hesitativa. Tais movimentos podem ser vistos pela presença do elemento fonético-fonológico /d/ na marca hesitativa – caracterizada pela repetição da sílaba *da* – e, ainda, na palavra *depois* (no trecho que antecede a marca) e na palavra *doce* (no trecho que a sucede). Podemos pensar em antecipação, também, pela presença de /t/ – fonema que, pelo ponto e modo de articulação, é muito semelhante ao /d/ – nas palavras *janta* e *teve*.

No entanto, ampliando-se a análise para o trecho que antecede o enunciado em destaque, encontramos indícios de outros focos de tensão relacionados ao fonético-fonológico recorrente:

NL + o que que fizeram? + a MA fez eh/ o que foi? ((virando-se para MA))

JN uAi

NL um almoço

MA + uma janta né?

NL é uma janta

JN uma janta? o que que tinha nessa janta?

NL + (vários:) ++ tinha carne assada ++ tinha ++ eh: maionese

JN hum::

NL macarronada

JN + tava bom lá então [hein]

NL [depois] da/**da/da** janta teve doce

No momento em que lhe falta uma palavra, *janta*, NL ancora-se, discursivamente, em MA. Aflora, no enunciado de NL, a palavra *almoço*, corrigida pela esposa no enunciado *uma janta né?*.

Nota-se, pois, no trecho como um todo, um conflito envolvendo dois termos em relação parafrástica: *almoço* e *janta*. Fato que merece destaque é o de esse conflito

(aparentemente solucionado com a intervenção de MA) perdurar, como o sugere a repetição hesitativa **da/da/da** antes de emergir a palavra *janta* no enunciado de NL.

É possível pensarmos, portanto, que a marca hesitativa indicia não apenas uma tensão fonético/fonológica (caracterizada pela continuidade e pela antecipação), mas, sobretudo, uma tensão entre esse plano da língua e o semântico (evidenciada pelo conflito entre *janta* e *almoço*).

Mas não só. Uma análise não-linear permitiria recuperar, também nesse momento, indícios da relação imaginária entre NL e suas interlocutoras JN e MA. Conforme apontamos no início desta seção, é conflituoso o lugar ocupado por NL em relação a elas, na medida em que JN predominantemente ocupa um lugar de questionamento ao ocupado por NL, ao passo que MA ocupa um lugar de apoio, de ancoragem desse lugar. É o que nos mostra o trecho selecionado, no qual tanto se observa o lugar de questionamento ocupado por JN (*uAi*), quanto o lugar de ancoragem ocupado por MA (*uma janta né?*).

Portanto, uma vez mais, a hesitação se configura como um momento no qual é escancarada uma possível negociação entre elementos lingüísticos (fonético-fonológicos, semânticos) e discursivos.

Vimos, até aqui, momentos de negociação, marcados por hesitação, em que a posição *sujeito doente* é ocupada por NL, em relação aos objetos discursivos *doença* e *família*. Vejamos, a seguir, um momento em que é possível recuperarmos indícios de outro lugar imaginário no qual o sujeito se constitui:

Ocorrência 08

JN + e aqueles prédio que cai né

NL pois é

JN Deus me livre

NL + pois é:/ é que a maior parte que cai é por causa disso () ((incoordenação)) + é por que a + a:: ((incoordenação)) + a construção u:: ((incoordenação)) o cimento é a base a/a/ a b/ase ((incoordenação)) é **d/** é três lata de areia + duas lata **de/de** meia de areia e u:/uma lata de cimento + são dois e meio por um que se fala + entendeu? + agora tem pessoa que põe quatro + o que acontece d/daí co/co/ põe quatro da/daí e:sfarinha né e ele: (...)

JN não firma?

NL não end/ não endurece + que acontece que os prédio cai né + se bem que eles cai sai até poeria + parece que tá (assoriando)

Destacamos neste trecho, em que o objeto discursivo *trabalho* predomina, marcas hesitativas como a interrupção após o fonema /d/, presente nas palavras *três*¹⁸, *lata*, *duas*, *cimento*, *dois* e *entendeu*, bem como a repetição hesitativa **de/de**. Observe-se, no entanto, que essa tensão fonético-fonológica não se desvincula de uma tensão semântica, já que mostra, também, um conflito entre diferenças de quantidades (de areia e de cimento).

Podemos recuperar, a partir da marca hesitativa e de sua relação linear com os trechos que a circundam, um momento de negociação entre pelo menos alguns elementos em concorrência no interior de uma mesma família parafrástica, que envolve valores numéricos: “três latas de areia para uma de cimento”; “duas latas de areia para uma de cimento”; “duas latas e meia de areia para uma de cimento”.

Digno de nota é o momento discursivo no qual a marca hesitativa irrompe. JN ocupa, aqui, uma posição imaginária calcada no não-saber, uma vez que é ela quem recebe esclarecimentos por parte de NL. Em outras palavras, é possível pensar que a própria emergência da medida das quantidades de cimento e de areia irrompem pelo imaginário de NL em relação a JN, de que esta desconheceria tais medições.

O trecho acima confirma, portanto, conforme apontamos no início da seção, que, ao aflorar o objeto discursivo *trabalho*, as relações imaginárias entre os protagonistas do discurso são outras, distanciando-se daquelas que dominam quanto se trata do objeto *doença*. A imagem que NL tem de si mesmo parece se modificar, na medida em que ele ocupa a posição de detentor do conhecimento.

Podemos pensar, então, que as marcas hesitativas irrompem em momentos conflituosos nos quais a posição ocupada por NL, bem como a imagem desse sujeito em relação aos seus interlocutores estariam em negociação. Logo, a interrupção após /d/ e a

¹⁸ Lembremos a semelhança entre /t/ e /d/ com relação a ponto e modo de articulação.

repetição **de/de** seriam, aqui, “formas lingüísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p.26).

Vejamos outro *diferente modo de negociação* da heterogeneidade que caracteriza o processo discursivo em análise:

Ocorrência 09

JN + gen::te ficava um ano [voltando] tudo?

NL [um ano]

NL é: + ((após pausa faz movimento com os lábios, próximo ao /v/)) voltava tudo e começa e t/tinha mais u:/u:/uma parte a mais ++ difícil () + depois que cê entrava no primeiro colegial

Este trecho irrompe em momento no qual o objeto discursivo *estudo* predomina. Neste momento, o foco está voltado para NL, ou, mais precisamente, para momentos de sua vida escolar.

Aspecto interessante é que, ao emergir o objeto *estudo*, o foco do discurso está, predominantemente, voltado para JN. Este momento é, pois, uma exceção. No entanto, fato que nos chama a atenção é o de a marca hesitativa em destaque – a interrupção do /v/ – apontar para uma possível ancoragem de NL no enunciado anterior (de JN).

O que chamamos de ancoragem está relacionado ao movimento de continuidade, marcado pela presença de /v/ nas palavras *ficava* e *voltando*, que se mostram no enunciado de JN, e a interrupção do /v/, no enunciado de NL. Tal ancoragem é vista também pela emergência, no enunciado de NL, de *voltava tudo*. Essa expressão, além de conter (em *voltava*) o elemento fonético-fonológico tensionado na marca – configurando um movimento de antecipação – esteve presente no enunciado de JN “+ gen::te ficava um ano [voltando] tudo?”

Podemos pensar que, embora na maior parte do processo discursivo em análise a relação estabelecida entre NL e JN aponte para um conflito – para uma oposição entre manter ou deixar o lugar da doença – neste momento NL coloca JN em um lugar de ancoragem. Esta

relação de apoio só é mostrada, contudo, quando atravessada por outro objeto discursivo que não a doença, uma vez que, fora deste lugar, as imagens de NL em relação a si e ao outro parecem se modificar.

Em outras palavras, não ocupar a posição *sujeito doente* cria um jogo de cumplicidade entre NL e JN, cumplicidade que se mostra, no fio do discurso, como uma relação de ancoragem. Há, pois, marcas (neste caso, a interrupção após /v/) “profundamente reveladoras do processo discursivo em que estão inseridas”. Tais marcas apontam “de que outro é preciso se defender, a que outros é preciso recorrer para se constituir” (AUTHIER-RÉVUZ, 1990, p. 31).

Vimos, nas ocorrências 06 a 09, relações entre *deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente* e diferentes objetos mobilizados no processo discursivo em análise. Observamos que os deslizamentos se configuram como momentos marcados de negociações que evidenciam tensões entre diferentes planos da língua e da linguagem – sendo o plano fonético-fonológico um lugar de tensão comum a todos os nossos dados de análise. Verificamos, ainda, que estas tensões vinculam-se a diferentes jogos de imagens entre NL e os demais protagonistas do discurso.

Com relação aos objetos discursivos, a posição *sujeito doente* é aquela predominantemente ocupada por NL. No entanto, embora o objeto *doença* atravessasse todo o processo discursivo, “nem todos os elementos [por exemplo: objetos discursivos] têm uma eficácia necessariamente igual [...] um dos elementos pode ser dominante no interior das condições de um estado dado” (PÊCHEUX, 1990, p. 86).

Tomando a possibilidade de momentos de dominância de um objeto em relação a outros constitutivamente presentes num mesmo processo discursivo, os deslizamentos em análise podem indiciar não apenas a dominância de um objeto discursivo, mas também

momentos de tensão entre diferentes objetos. São deslizamentos dessa outra natureza que veremos a seguir:

Ocorrência 10

NL + que a coisa mais difícil:*/c:/cil* na obra + é a estrutura da: da: é a fundação entendeu? + é lá dentro do chão + porque não adianta *cê* fazer pra cima boni:to e: dentro do chão tiver mal feito + que vai acontecer? + as paredes vão trincar + (talvez) vai cair + dá defeito + então o principal é na saída da/da/da construção depois + *cê* sai pra cima aí *cê* mais ou menos já

O enunciado acima emerge quando a dominância de objetos privilegia *trabalho*. Como se pode verificar, irrompem, no enunciado de NL, questões específicas de sua profissão (mestre de obras), incluindo dificuldades encontradas na construção civil. Fato interessante é que *dificuldade*, no processo em análise, é uma propriedade discursiva que sustenta a reafirmação da posição discursiva *sujeito doente*, propriedade lexicalizada pelo adjetivo *difícil* em vários momentos do processo discursivo.

Na ocorrência em questão, o termo “difícil” emerge com marcas hesitativas em seu próprio interior – diferentemente de outros momentos em que a marca hesitativa precede a emergência desse mesmo termo. Pode-se, pois, pensar em um conflito entre pelo menos dois enunciados potencialmente presentes nesse momento da enunciação. Isso porque, apesar de, nesse momento, de modo mais aparentemente mostrado, NL tratar da dificuldade encontrada na construção civil, parece emergir, na marca hesitativa, o objeto predominante de todo o processo discursivo: a doença. Se essa nossa hipótese é correta, ante a deriva que tenta se instalar nesse momento, esse objeto predominante – que tenta emergir na cadeia sintagmática durante a hesitação – é silenciado para que o enunciado em curso nessa cadeia (que se constrói a propósito do objeto *trabalho*, mais especificamente quando emergem dificuldades relacionadas à profissão de NL) possa ser mantido.

Verificamos, pois, um conflito entre objetos discursivos – trabalho/doença –, marcado por hesitação. Outro tipo de conflito pode ser verificado a seguir:

Ocorrência 11

NL na casa da minha família também eu passo ano sem ir lá + tem um irmão que tem aqui eu passo/ passei ano sem ir lá

(...)

JN [((tossiu))] tá certo a gente também tem que ir quando a gente tá com vontade né?

NL + é: mas às vezes é uma hora que cê não tá com vontade cê sair cê:: fica **p/** (fica) ((incoordenação)) outra pessoa né? + (se) ((incoordenação)) controla ma:is conversa mais um pouco né? + então eh: porque eh (isso aí) + difícil é cê começar + é igual eu sempre ((incoordenação)) que eu v/v/venho aqui f/f/fazer entrevista com você + no momento que nós começamos eu acho (muito) difícil + depois vou/ + vai soltando devagar [né?]

Destacamos, no enunciado de NL, a interrupção de /p/. Esta marca se mostra em um dos momentos nos quais o objeto *família* é dominante no processo discursivo.

Notamos que, embora a marca hesitativa aponte para um momento de tensão fonético-fonológica, mostrado pelo movimento de antecipação – interrupção após /p/ – da palavra *pessoa* (de importância prosódica no enunciado, já que carrega o acento de uma frase entonacional), a marca aponta, ainda, para propriedades discursivas mais características do objeto *doença*, como a necessidade de controle – “controla ma:is” – e a própria dificuldade – “difícil é cê começar”.

Podemos pensar, assim, que a marca indicia negociações que se dão no plano fonético-fonológico da língua e entre os objetos discursivos *família* e *doença*.

Os deslizamentos exemplificados pelas Ocorrências 10 e 11 mostrariam, portanto, momentos de tensões entre objetos discursivos que perpassam o processo em análise. Vejamos mais um exemplo de um momento de tensão, desta feita, entre os objetos *doença* e *família*:

Ocorrência 12

JN ++ ((tossiu)) ++ mas o senhor não terminou de me contar do Natal

NL ++ uhum

((inicia um toque de celular))

JN só me contou o que que teve de comi::da

NL ++ Natal só passamos em casa (J.N.)

JN + quem que tava [lá?]

NL [a M:/] M.A. foi na casa da mãe dela e eu fiquei em casa

JN o senhor não quis ir?

NL ++ ((faz movimento para esquerda e para a direita com a cabeça)) ((celular pára de tocar)) é o problema que eu tô te falando né a gente **f/** acha difícil ficar no meio do povo

JN + mas mesmo se for família?

NL + MESmo se for família +++ é uma coisa in::teressante ((incoordenação durante o alongamento)) e:u ((incoordenação durante o alongamento)) não sei o q/q tá acontecendo comigo ++ mas eu já vi muitas pessoa falar que esse probl/ que esse (incômodo) dá esse problema mesmo né

Num momento em que o objeto *doença* emerge novamente, destaca-se interrupção após o fonema /f/, antecipando a palavra *difícil*. Conforme expusemos anteriormente, a dificuldade é uma propriedade freqüente no processo discursivo em análise. A emergência de *difícil* após a marca hesitativa reafirma, portanto, a irrupção do objeto *doença* (e da posição *sujeito doente*) no enunciado de NL.

No entanto, o que se observa no recorte como um todo é que o objeto *família* é que estava em dominância – como bem ilustra sua reafirmação por JN (+ *mas mesmo se for família?*). Trata-se, pois, de um conflito de objetos, melhor mostrado, no recorte, pelas pausas (breve e longa) que delimitam o enunciado de NL subsequente ao de JN: + **MESmo se for família +++**. Podemos pensar, portanto, que o deslizamento em /f/, em combinação com essas duas pausas, mostra um momento bem marcado de tensão entre os objetos *doença* e *família*.

Além de escancarar um momento de tensão, este último enunciado (de NL) merece atenção especial, devido ao modo como nele se marca o objeto *doença*. Voltemos a ele:

NL + MESmo se for família +++ é uma coisa in::teressante ((incoordenação durante o alongamento)) e:u ((incoordenação durante o alongamento)) não sei o q/q tá acontecendo comigo ++ mas eu já vi muitas pessoa falar que esse probl/ que esse (incômodo) dá esse problema mesmo né

A atenção especial de que falamos será consagrada à interrupção **probl/**.

Embora, em diferentes momentos do processo discursivo, possamos recuperar indícios das relações estabelecidas entre os protagonistas do discurso e o objeto *doença*, neste momento, em particular, uma posição imaginária, de NL, em relação a este objeto é, a nosso ver, explicitada – talvez pelo fato de ser este um momento mais explícito de conflito de objetos.

Vemos que, logo após a interrupção **probl/**, emerge a palavra *incômodo*. Podemos pensar, portanto, que, nesse conflito parafrástico, diferentes lugares de construção do objeto *doença* se mostram. *Incômodo* poderia remeter a um lugar no qual a doença é colocada em distanciamento, como algo que está fora do sujeito e o acomete. Percebemos, ainda, uma tentativa de atenuar o impacto da doença, que apenas incomodaria. *Problema*, por sua vez, pode ser remetido ao modo como o “outro” configura o objeto *doença*: “mas eu já vi muitas pessoa falar que esse probl”. Uma outra possibilidade seria a de que *problema* e *incômodo* estejam, para o sujeito, em relação de causa e consequência – a doença faria com que o doente ache *difícil ficar no meio do povo*.

É interessante, portanto, verificar como NL acaba por reafirmar o modo como a doença de Parkinson é construída no interior da literatura biomédica, já que as características – orgânicas – da doença, bem como suas possíveis causas e formas de tratamento, são entendidas como estando fora do sujeito.

Podemos verificar essa conjunção de lugares de construção da doença pela comparação entre o enunciado de NL e afirmações como as de Machado (2000), para quem a doença de Parkinson é ocasionada por uma lesão na substância negra do cérebro, sendo seu tratamento medicamentoso, e de Limongi (2001), que aponta como possíveis causas da doença fatores ambientais – como a exposição a inseticidas e herbicidas – e fatores genéticos¹⁹ – que tornariam algumas pessoas propensas a desenvolver a doença.

Fator interessante é que não apenas na descrição da doença de Parkinson, como também nos apontamentos acerca de suas possíveis causas, a literatura biomédica considera apenas fatores externos ao sujeito. Logo, a lesão neurológica decorreria de fatores ambientais ou genéticos que independem do envolvimento do sujeito. O tratamento também independeria do sujeito, já que, conforme aponta esta literatura, ele é baseado na administração de

¹⁹ Uma vez que o sujeito os “herda”, os fatores genéticos poderiam ser entendidos como estando **no** sujeito. Mas também por isso mesmo, poderiam ser considerados como sendo exteriores à subjetividade.

medicamentos que permitem o aumento da produção de dopamina. Limongi (2001), em seu livro dedicado ao estudo da doença de Parkinson, aponta, além do tratamento medicamentoso, a possibilidade de técnicas cirúrgicas que minimizariam os efeitos da doença.

Tomando, pois, concepções da literatura biomédica e considerando que resultados de pesquisas desenvolvidas no campo dos estudos biomédicos são amplamente divulgados (inclusive pela grande imprensa), podemos pensar que a negociação mostrada na interrupção **probl/** evidenciaria um momento de tensão no qual outro discurso, que atravessa e sustenta o processo discursivo em análise, é escancarado, já que:

“(...) as diversas formações [imaginárias] resultam, elas mesmas, de processos discursivos anteriores (provenientes de outras condições de produção) (...) que deram nascimento a ‘tomadas de posição’ implícitas que asseguram a possibilidade do processo discursivo em foco” (PÊCHEUX, 1990, p.85).

Podemos pensar, então, que o discurso biomédico atravessa e sustenta o discurso de NL, mostrando-se por indícios como as imagens que este sujeito tem da doença, do interlocutor (lembrando-se que JN, no processo discursivo, predominantemente ocupa o lugar de profissional da saúde) e de si (considerando a relação conflituosa relacionada às posições ocupadas por NL). Em outras palavras, com relação a esse jogo de imagens, “a percepção [do referente, do outro e de si mesmo] é sempre atravessada pelo ‘já ouvido’ e o ‘já dito’, através dos quais se constitui a substância das formações imaginárias enunciadas” (PÊCHEUX, 1990, pp.85-86).

Logo, o conflito que perpassa as diferentes posições ocupadas por NL (sobretudo) em relação ao objeto *doença* – caracterizado, discursivamente, pelo afastamento e pela reafirmação desta – seria atravessado (também) pelas concepções do discurso biomédico sobre a doença de Parkinson. E não apenas no que se refere à doença. É possível pensarmos em elementos desse discurso, presentes no processo em análise, já a partir da relação paciente/terapeuta estabelecida entre NL e JN. O imaginário do terapeuta como alguém que

tem instrumentos – e não apenas medicamentosos! – para propiciar a melhora do doente, fortemente inserido no discurso biomédico, “ecoa” no processo discursivo em análise:

NL hum:: +++ e que que que o quadro nosso (diminui/ t/) o que que tá acontecendo + tá piorando ou melhorando? +++ [eu queria saber]

A interrupção **probl/** no enunciado de NL (e tudo que ela mobiliza) escancara, portanto, “um funcionamento regulado do exterior, do interdiscurso, para dar conta da produção do discurso, maquinaria estrutural ignorada pelo sujeito que, na ilusão, se crê fonte deste seu discurso, quando ele nada mais é do que o suporte e o efeito” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27).

* * *

Nas 48 marcas hesitativas de *deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente* no processo discursivo em foco, observamos vários modos de negociações sujeito-outro(s). Em tais negociações, conforme destacamos nas 12 ocorrências analisadas (representativas de todo o conjunto), tensões centralizadas no plano fonético-fonológico da língua mostraram-se vinculadas a tensões em outros planos da língua (especialmente o semântico), bem como a tensões no próprio processo discursivo – na medida em que a análise não-linear do processo em questão permitiu-nos levantar indícios de conflitos relacionados aos jogos de imagens entre seus protagonistas e aos objetos discursivos.

Assim, em síntese, os deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente resultariam da própria “estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27).

4. Considerações finais

Nossa investigação acerca do funcionamento hesitativo *deslizamentos do dizer em contexto fonético-fonológico recorrente* na atividade discursiva de um sujeito parkinsoniano foi norteada por dois objetivos:

- a) o de descrever características deste funcionamento hesitativo; e
- b) o de demonstrar em que medida tais características resultariam de fatos recuperáveis no processo discursivo.

Para atingirmos esses objetivos, procuramos mostrar como a doença de Parkinson – mais especificamente os aspectos relacionados à linguagem – é entendida pelos estudos predominantes sobre a doença (que se configuram no interior do campo biomédico). Até onde nossa pesquisa bibliográfica nos permitiu verificar, conforme apontamos na Seção 1.1, os estudos de natureza biomédica, ao investigarem questões sobre linguagem relacionadas à doença de Parkinson, realizam recortes que privilegiam um ou outro aspecto da língua e tendem a considerar os aspectos da linguagem estudados como resultado de alterações orgânicas características da doença.

Mais especificamente sobre os aspectos da linguagem, procuramos mostrar, na Seção 1.2, como as hesitações são entendidas no interior das pesquisas sobre a doença de Parkinson. Observamos que os estudos do campo biomédico consideram-nas como “problemas de fala” que decorrem de alterações orgânicas provocadas pela doença. Apresentamos, também, os trabalhos orientados por Chacon, que, distanciando-se daqueles desenvolvidos no campo biomédico, investigam as hesitações na atividade discursiva de sujeitos com doença de Parkinson sustentados por teorias lingüístico-discursivas. Esses trabalhos entendem as hesitações como momentos marcados de negociações do sujeito com os outros constitutivos do (seu) discurso.

Nossa pesquisa, aproximando-se dos demais trabalhos orientados por Chacon, também entendeu as hesitações como momentos de negociação. Logo, para o estudo dos *deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente*, este trabalho fundamentou-se em teorias discursivas. Apresentamos, portanto, na seção 1.3, uma breve resenha de trabalhos que fundamentaram esta pesquisa.

Sustentados por teorias discursivas, observamos, em uma sessão de conversação entre o sujeito parkinsoniano (NL) e a documentadora (JN), 48 marcas hesitativas que funcionavam como *deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente*.

Para atender ao primeiro objetivo da pesquisa, apresentamos, na Seção 3.1, características dos deslizamentos. Observamos que eles marcam momentos de tensão com diferentes “outros” que atravessam o discurso, havendo, no entanto, um foco de tensão comum nesse funcionamento hesitativo: o plano fonético-fonológico da língua. A partir de uma análise linear do enunciado, verificamos que, nos *deslizamentos*, a repetição deslocada de um fonema parece remeter predominantemente à configuração fonológica de palavras adjacentes nos trechos que antecedem (configurando um movimento de continuidade) e/ou sucedem (configurando um movimento de antecipação) a marca hesitativa.

Já a partir de uma análise não linear, e para atender ao segundo objetivo de nossa pesquisa, observamos, na Seção 3.2, de que modo os deslizamentos se relacionam com o processo discursivo. A esse respeito, levantamos indícios de que esse funcionamento hesitativo escancara negociações relacionadas a diferentes elementos das condições de produção do discurso, tais como o das imagens que se fazem de si os protagonistas do processo e a dominância de objetos discursivos.

Com nosso trabalho, esperamos ter levado contribuições:

- para a pesquisa em Fonoaudiologia, pois, diferentemente do que (ainda) é comum no interior desse campo do conhecimento, nosso trabalho não se restringiu ao estudo dos

aspectos formais em falta ou problemáticos na língua, mas, sim, procurou mostrar em que medida esses aspectos indiciam movimentos discursivos – portanto, movimentos que se captam em situações reais de uso da linguagem;

- para a pesquisa no próprio campo da Lingüística, sobretudo por termos, de modo geral, destacado o funcionamento da linguagem em contextos considerados como patológicos e, de modo específico, na doença de Parkinson, contexto (ainda) muito pouco estudado na literatura lingüística nacional e internacional.

Ao estudá-la, observando a doença para além dos aspectos orgânicos que a caracterizam, procuramos entendê-la como um objeto imaginário frente ao qual se constitui um sujeito (ou uma posição sujeito). Com esse entendimento, acreditamos que nosso trabalho pode ser incluído no conjunto daqueles, desenvolvidos no campo da Lingüística, que têm se preocupado em propor mudanças no modo de compreender a avaliação e a própria terapia de sujeitos com lesão neurológica, bem como daqueles, desenvolvidos no campo da Fonoaudiologia, que têm essa preocupação em relação ao trabalho clínico com a linguagem. Tomando a doença como lugar imaginário, qualquer prática deixa de ser, exclusivamente, exterior ao sujeito, já que, desse lugar, o sujeito passa a ocupar o centro dessa prática – como o único que poderia mudar o lugar do qual se vê e, portanto, a posição que ocupa. A partir da mudança do lugar do sujeito e da doença, a própria posição do terapeuta seria, portanto, outra; não mais o daquele que tem, em si apenas, o instrumento para possibilitar a melhora do doente, mas daquele que tem a possibilidade de repensar, com o sujeito, suas formações imaginárias sobre a doença.

Lembremos que nossa análise restringiu-se a apenas uma sessão de conversação de somente um sujeito com doença de Parkinson. São, portanto, necessárias investigações mais amplas, que incluam sessões de conversação de um mesmo sujeito em diferentes situações e com intervalos de tempo entre elas – possibilitando a observação dos deslizamentos em

diferentes momentos da doença –, bem como trabalhos que incluíssem vários sujeitos parkinsonianos, o que, além de permitir a comparação entre diferentes sujeitos com a mesma condição, possibilitaria generalizar ou restringir o alcance de resultados obtidos com a presente investigação.

Seria, por fim, interessante uma análise comparativa entre os *deslizamentos em contexto fonético-fonológico recorrente* na conversação de sujeitos parkinsonianos e de sujeitos sem comprometimento neurológico, para que se possa verificar em que medida esses deslizamentos singularizam, ou não, a condição de parkinsoniano.

5. Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Caderno de Estudos Lingüísticos**. Campinas, v. 19. p. 25-42, 1990.

_____. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998.

BARBOSA, E. R. et al. Disfunções neuropsicológicas da doença de Parkinson: estudo de 64 casos. **Arquivo de Neuro-Psiquiatria**, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 109-118, 1987.

BARBOSA, E. R. Parkinsonismo. **Revista Brasileira de Neurologia**, São Paulo, v.25, n. 1, p. 27-32, 1989.

BRANDÃO, H. H. N. Introdução à análise do discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

CANTER, G. J. Speech Characteristics of Patients with Parkinson's Disease: I. Intensity, Pitch, and Duration. **Journal of Speech and Earing Disorders**, vol. 28, n 3, p. 221-229, 1963.

CHACON, L. e SCHULZ, G. Duração de pausas em conversas espontâneas de parkinsonianos. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 39, p. 51-71, jul./dez. 2000.

CHACON, L. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v.39, n.3, p.223-232, 2004.

CNOACKAERT, L. et al. Low-frequency Vocal Modulations in Vowels Produced by Parkinsonian Subjects. *Speech Communication*, 50, p. 288-300, 2008.

COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso**: discurso e afasia. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

DARLEY, F. L.; ARONSON, A. E. e BROWN, J. R. Differential Diagnostic Patterns of Dysarthria, **J. Speech Hear Res** 1969, 12, p. 246-269.

DIAS, A. E. e LIMONGI, J. C. P. Tratamento dos distúrbios da voz na doença de Parkinson. **Arquivos de Neuropsiquiatria**, p.61-66, 2003.

DIAS, C. E. B. **Integração cognitivo-motora em hesitações na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos**. Relatório FAPESP, Processo 04/02349-1, 2005.

FENTON, E.; SCHLEY, W. S.; NIIMI, S. Vocal Symptoms in Parkinson Disease Treated With Levedopa: a case report. **An. otol.**, New York, v.1, p. 119-121, 1982.

FIELS, J. A. et al. Cognitive Outcome Following Staged Bilateral Pallidal Stimulation for the Treatment of Parkinson's Disease. **Clinical Neurology and Neurosurgery**, v 101, p 182-188, 1999.

FLOWERS, K. A., ROBERTSON, C. e SHERIDAN, M. R. Some Characteristics of Word Fluency in Parkinson's Disease. **J. Neulinguistics**. V. 9, n. 1, pp. 33-46, 1995.

GURD, J. M. Verbal Fluency Deficits in Parkinson's Disease: Individual Differences in Underlying Cognitive Mechanisms. **Journal of Neurolinguistics**, v. 13, p. 47-55, 2000

HAYASHI, R. et al. Relationship Between Cognitive Impairments, Event - Related Potentials, and Motor Disability Scores in Patients with Parkinson's Disease: 2-year follow-up study. **Journal of the Neurological Sciences**, v. 141, p 45-48, 1996

HAYASHI, R; HANYU, N e TAMARU, F. Cognitive Impairment in Parkinson's Disease: a 6 year follow-up study. **Parkinsonism and Related Disorders**, v 4, p 81-85, 1998.

HENRY, J. D. e CRAWFORD, J. R. Verbal Fluency Deficits in Parkinson's Disease: A meta-analysis. **Journal of the International Neuropsychological Society**, 10, p. 608-622, 2004.

HILGERT, J. G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, Dino. (Org.). **Análise de Textos Oraís**. 5. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001. cap. 5.

JAKOBSON, R. A afasia como um problema lingüístico. In: COELHO, M, LEMLE, M e LEITE, Y. **Novas perspectivas lingüísticas**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 43-54.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 5^a. edição. São Paulo: Contexto, 2000.

LIMA, S.S.P., QUAGLIATO, E. M. A.B., CAGLIARI, L. C. e SOUZA, E.P.A. Linguagem e isolamento social no mal de Parkinson. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, ano 1, nº 2, dez/1997, p. 5-12.

LIMONGI, J. C. P. Principais sintomas, causas e formas clínicas. In: _____. (Org.) **Conhecendo melhor a doença de Parkinson: uma abordagem multidisciplinar com orientações práticas para o dia-a-dia**. São Paulo: Plexus Editora, 2001. cap.1.

LOGEMAN, J. A. et al. Frequency and Cooccurrence of Vocal Tract Dysfunction in the Speech of a Large Sample of Parkinsonian Patients. **J Speech Hear Dis** 1970, 43, p. 47-57.

MACHADO, A. B. M. **Neuroanatomia funcional**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 1993.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. A hesitação. In: NEVES, M. H. M. **Gramática do português falado: novos estudos**. Campinas: UNICAMP/FAPESP, p. 159-194, 1999.

_____. Fenômenos intrínsecos da oralidade: a hesitação. In: KOCH, I.G.V.; JUBRAN, C.C.A.S. (Org.) **Gramática do português falado - construção do texto falado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, vol. I, p.47-70.

MURDOCH, B. E. **Desenvolvimento da fala e distúrbios da linguagem: Uma abordagem neuroanatômica e neurofisiológica**. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

NASCIMENTO, J. C. **Fenômeno hesitativo na linguagem: um olhar para a doença de Parkinson**. 2005, 158f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) _ Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" São José do Rio Preto.

_____. Hesitação: um indício de autoria na conversação. In: SEMINÁRIO DO GEL, 56., 2008, **Programação...** São José do Rio Preto: GEL, 2008. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=4190-08>>. Acesso em: 12.jan.2009.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

OLIVEIRA, E. C. **Um estudo comparativo do funcionamento das pausas na atividade verbal de sujeitos Parkinsonianos**. 2003, 177f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto.

PARKINSON, J. 1817, **An Essay on the Shaking Palsy**, 1817. (referência incompleta).

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethânia S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Bethânia S. Mariani et al. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PINTO, S. et al. Treatments for Dysarthria in Parkinson's Disease. **Neurology**. v. 3, p. 547-556, 2004.

PRETTI, D. & URBANO, H. **A Linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo**. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor/FAPESP, 1998.

RAMIG, L. O.; FOX, C. e SAPIR, S. Parkinson's Disease: Speech and Voice Disorders and Their Treatment with the Lee Silverman Voice Treatment. In **Seminars Speech and Language** v. 25, nº2, p. 169-180, 2004.

SAMII, A.; NUTT, J. G. e RANSOM, B. R. Parkinson's Disease. **The Lancet**, vol. 363, p. 1783-1793, 2004.

SAUSSURE, F. Relações sintagmáticas e relações associativas. In: _____. **Curso de Lingüística Geral**. 7. ed. São Paulo, 1979a. cap. 5.

SPENCER, K. A. e ROGERS, M. A. Speech Motor Programming in Hypokinetic and Ataxic Dysarthria. **Brain and Language**, 94, p. 347–366, 2005.

STREIFLER, M. e HOFMAN, S. Disorders of Verbal Expression in Parkinsonism. **Advances in Neurology**, New York, vol. 40, p. 385-393, 1984.

TFOUNI, L. V. A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 77-96.

_____. Mensagem e poesia: A atualidade de Saussure e Jakobson ou sobre a verdade do sujeito (e do sentido) em deriva. In: Gaspar, N. R. & Romão L. M. S. (Org.). **Discurso e texto: Multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação**. 00 ed. São Carlos: EDUFSCAR, 2008, p. 71-80.

WITT, M. **Duração de pausas iniciais e extensão de turnos na atividade conversacional de parkinsonianos**. Relatório FAPESP, Processo 02/09715-8, 2003.

ZANIBONI, L. F. **Função das pausas na atividade discursiva de sujeitos com doença de Parkinson**. 2002, 138f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto.

ANEXO

Nome: N.L.S.

7ª amostra de conversação

Data: 06/03/06

Duração aproximada: 41'02"

Participantes:

1. Doumentador (J.N.)
2. Sujeito com doença de Parkinson (N.L.)
3. Esposa do sujeito NL (M.A.)

N.L. eh: N. L. S. + eh doze do dez de quarenta e seis + primeiro: colegial

J.N. + primeiro s/ primeira série né?

N.L. é

J.N. e agora vamos começar a contar então + que [hoje] é o último di:a hoje é dia

N.L. [hum]

de falar mais

N.L. dez minutos

J.N. + que dez minu:tos

N.L. + quantos minutos (vai) então?

J.N. uai + do tanto/ o tanto que tiver assunto

N.L. (vai) falar sobre o que hoje?

J.N. ua:i + o senhor que tem que me contar o que que o senhor andou fazendo de bom não é?

N.L.+ [de bom?]

J.N. [como é] que foi o Natal:: como é que foi o Ano No::vo ó o tanto de tempo que eu não vejo o senhor seu N.

N.L. pois é fiquei quietinho em casa viu

J.N. pois é mas ninguém foi lá [fazer umas visitinha?]

N.L. [o carnaval passou] também e eu não fui

J.N. carnaval o senhor não foi pular nenhum [dia]?

N.L. [não] só olhei da televisão

J.N. + viu da televisão?

N.L. uhn

J.N. + e o [Natal e o ano Novo]?

N.L. [o na/ o: ((incoordenação))] o Natal até (foi) bom eu ganhei um cartão né

J.N. ah é:: eu mandei um cartão pro senhor + o [senhor gostou]?

N.L. [eh:: eu] recebi + gostei + muito obrigado viu?

J.N. de nada fui eu que fiz viu o cartão

N.L. ó:: ++ tá bom (uai)

J.N. ((risos)) eu tô chique não tô?

N.L. tá:

J.N. ((risos))

N.L. ((pigarreia))

J.N. + e:: mas me conta o que cês fizeram no Natal

N.L. + o que que fizeram? + a M.A. fez eh/ o que foi? ((virando-se para a esposa))

J.N. uAi

N.L. um almoço

M. + uma janta né?

N.L. é uma janta

J.N. uma janta? o quê que tinha nessa janta?
 N.L. + (vários:) ++ tinha carne assada ++ tinha ++ eh: maionese
 J.N. hum::
 N.L. macarronada
 J.N. + tava bom lá então [hein]
 N.L. [depois] da/da/da janta teve doce
 J.N. hum::: que doce foi esse?
 N.L. uai mas é claro doce de leite (ué)
 J.N. hum + do jeito que é bom doce de leite hein
 N.L. uhum + cê gosta?
 J.N. eu gosto
 N.L. + eu ado:ro também + mas eu não posso comer né?
 J.N. + por que?
 N.L. por causa da gastrite
 J.N. parece que o senhor deu uma emagreCIda né?
 N.L. + tô magro?
 J.N. o senhor emagreceu um pouQUInho não emagreceu não?
 N.L. ah eu tô comendo menos né
 J.N. + por que?
 N.L. a M.A. zanga comigo pra mim comer mais mas eu tô comendo menos
 J.N. por que [que] o senhor ta comendo menos?
 N.L. [é/]
 N.L. é pra evitar muito () né + () dor assim no estômago
 J.N. + mas o senhor tá comendo muitas vezes no dia ou não?
 N.L. + t/tem dia ++ q/que eu (bato) três vezes por dia + quatro
 J.N. POuco deMAis
 N.L. + pior que é [né]?
 J.N. [tem] que comer umas seis vezes no dia come um pouquinho
 N.L. pior que às vezes tem dia que () ataca e:u ((incoordenação)) passo mal e tem dia que não viu
 J.N. pois é mas quanto [menos o senhor comer] mais vai atacar
 N.L. [igual hoje eu tô bem]
 N.L. + hoje eu tô até bem ++ mais difícil pra mim tá sendo andar viu
 J.N. + [é?]
 N.L. [J.N.]
 J.N. + e como é que tá indo na fisioterapia?
 N.L. vim de lá agora
 J.N. + tá fazendo direitinho?
 N.L. ah::: faz mas mais ou menos () ++ devagar demais né
 J.N. por que devagar?
 N.L. ah porque começa::: eh né + até que tira a pressão tira + batimento cardíaco + começa depois pára mais pra fazer de novo né então: o + o MÁximo o MÁximo vinte e cinco minuto + porque a aula/ a aula é quarenta e cinco né ++ vai começa:::r + dez de/ dez minuto depois então é vinte e cinco minuto + duas vezes por semana ++ mas tá bom [né?]
 J.N. [((tossiu))] é mas [tem que continuar] (...)
 N.L. [o negócio] é não ficar entrevado né tem que andar
 J.N. + e as caminhada o senhor não tá fazendo?
 N.L. ((clique línguo-alveolar querendo dizer não))
 J.N. [por que?]
 N.L. [comecei] fazer esses tempo atrás depois parei de novo

J.N. ai ih:: [mas o senhor/ + toda vez eu ouço essa mesma história]
 N.L. [teve um dia/ n:ão/ sabe o que + não mas sabe o q/ +] o que aconteceu + (e::u a: e Ma::: fo/fo::i) ((incoordenações)) nós tinha caminhado dois dia + (não sei se foi) segunda e terça parece + aí no outro dia eu fui + andei um pedacinho parece que travou + aí depois desse dia eu não andei [mais]
 J.N. [carrega] um banquinho [+ dá uma
 N.L. [((risos))] tô
 sentadinha]
 custando carregar eu sô vou carregar um banquinho?
 J.N. uai mas/ dona M.A.
 N.L. ((risos))
 J.N. ó ((apontando para a esposa de N.L.)) + carrega um [banquinho daqueles] que
 N.L. ((risos)) [bem que eu tenho] +
 fecha [sabe?]
 [justamente] eu tenho daquele banquinho
 J.N. então
 N.L. + pode carregar igual uma mala na mão
 J.N. ué pequenininho ué + [aí travou dá um sentaDInha] olha a rua e tal]
 N.L. [até que essa/ essa idéia não é ruim não ((risos))] + vou sentar no
 meio fio ()
 J.N. ((tossiu)) + [é que até o senhor chegar lá em embaixo] no meio fio
 N.L. [((mas/ até lá/ não/))]
 N.L. ++ ((durante o tempo de silêncio N.L. faz movimentos com os lábios)) porque lá em casa
 cê sabe como é que é né pra descer é uma beleza pra subir daí a vo/ a volta minha filha
 J.N. + fala [pra M.A. te buscar de carro cê desce e ela te busca de carro]
 N.L. [porque: + porque depo/ + pra:: andar de a pé + descendo é um beleza e/eu ando
 quase normal
 J.N. + ((tosse))
 + agora pra subir n/ ((sinal de negação com a cabeça)) ++ n/ eh:: nov/ n/no nivelado mesmo +
 é até bom mas na subida
 J.N. mas lá:: perto da casa do senhor não é que tem uma pista lá que o senhor faz caminhada?
 N.L. tem
 J.N. + e lá não é reto?
 N.L. pois é mas tem o problema que cê tem que descer né
 J.N. + de CARro
 N.L. é + um dia eu falei pra M.A. um dia eu vou de:/ andar de a pé e ela vai atrás de mim de
 carro né eu cansei (eu entro) no carro
 J.N. nã:o o senhor [vai até: a pista que é reta de ca:rro (...)]
 N.L. [e out/ + e outra coisa + eu tenho] que fazer isso viu + eu tenho que dar um
 jeito de an/ de andar ma:is de sair mais de ca:sa () + todo mundo me cobra né + f/k/ ((como
 se pronunciasse silenciosamente a palavra “fica”)) + a M.A. v:ive me cobrando tem que sair
 mais de ca:sa + mas é igual eu te falei parece que eu + ((simultaneamente à pausa produz
 ruídos laríngeos, até o início da vogal “e” que iniciará o próxima etapa do enunciado)) eu saio
 tá tudo bem + eu entro no meio de um movimento de gente eu perco + o rebolado de um
 modo do outro
 J.N. vai pra lugar que não tem muita gente
 N.L. mas não tem jeito né + igual eu venho aqui às vezes eu venho bem a hora que eu entro
 aqui dentro já
 J.N. + já trança [a perna]
 N.L. [por que será?] + [cabeça né?]

J.N. [e se] + eu não sei explicar pro senhor mas existe mesmo esse relato que/ por exemplo + que a hora que vai passar na por:ta tem dificulda:de que a hora que tem muita gente que fica mais/ + nervoso assim porque né

N.L. às vezes eu vou andar dou três quatro passos + eh:: normal depois eu já + descontrolo + o passo (vai t/) ficando miúdo meu corpo já + cai pra/ + ((durante o silêncio, inicia o movimento de produção do fonema /f/)) frente né ++ então (pra mim ta sendo) difícil

J.N. e em casa o senhor tá (...)?

N.L. ah em casa eh:: + ((produz murmúrio durante a pausa)) a gente estando dentro de casa a gente (faz) mais errado do que certo né + mas eu não PAro não + eu ando o dia TOdo ++ vou na rua volto vou lá no fundo então né + ((durante o silêncio, produz movimento com os lábios)) subo escada desço escada

J.N. + uai lá tem escada?

N.L. tem subind/ t/tem cinco degrau pra subir pro quintal

J.N. ah: é que eu nunca fui lá

N.L. é:: tem de/ cinco [degrau]

J.N. [(senhor)] tá cuidando das plantinha direitinho lá?

N.L. tô mais ou menos

J.N. + ei mas tá [tudo mais ou menos]

N.L. [ta/ ta/ + e::u] num sei não (antes) () (às vezes eu ando) sou desanimado demais + eu não era assim não sabe mas agora

J.N. + o senhor tá tomando os mesmos remédios?

N.L. tô + os mesmos não aumentou (não sei se) eu te contei que tô tomando o prolopa agora?

J.N. + acho que na outra vez já tava né?

M.A. eu acho que tava sim

J.N. que hora o senhor tomou o remédio hoje?

N.L. + que hora foi (que nós chegamos)?

M. ((pigarreia)) nove e/ + no mesmo hoRÁRIO (que a gente tem costume) [nove] nove

N.L. [nove hora] e quinze

N.L. ++ nós chegou aqui cedo né tem mais de hora que nós tá aqui

J.N. + faz mais de uma hora que cês tão aqui?

N.L. faz + porque nós nós f:ez ((incoordenação durante o alongamento)) di/ veio direto da fisioterapia ((incoordenação durante o trecho “fisiotera”))

J.N. ah: não passaram em casa não?

N.L. não

M.A. [(a gente) veio direto]

J.N. [ah:: se vocês tivessem] me falado ++ tinha vindo mais cedo

N.L. a gente veio direto + porque ir lá e v/depois ((incoordenação na produção da sílaba “de”)) voltar né?

J.N. + e tem muito tempo que não vai na doutora Sheila?

N.L. ++ tem hum: dois/ três meses + vai fazer três meses ()

M.A. (tem) três meses já + é ta fazendo três meses

J.N. [da última vez (...)]

N.L. [dia dezessete] () ((movimento com lábios semelhante ao movimento de produção dos sons /v/ e /f/)) (que eu) venho

J.N. e da última vez que o senhor foi lá o senhor falou que o senhor tava ficando desanima:do

N.L. uhum ((movimenta a cabeça, afirmativamente))

J.N. desestimula:do ++ falou?

N.L. falei ++ mas depende mais é de mim né J.N.?

J.N. + não mas às vezes seu N.L.+ às vezes um antidepressivo vai ajudando + a melhorar o [humor] ()

N.L. [mas eu] tenho eu tomo um

J.N. senhor toma qual?

N.L. + é:

M.A. amitriptilina

J.N. [qual?]

N.L. [como?]

M.A. amitriptilina

J.N. hum tá

N.L. todo dia eu tomo um comprimido

J.N. + junto com o [prolopa?]

N.L. [me dá é sono] demais

J.N. + [e o eh: (...)]

N.L. [não o] prolopa e/e/ o acneton eu tomo de manhã né + e o:: amitriptilina eu tomo

J.N. ++ à noite?

N.L. à noite

J.N. ++ é ou às vezes tá de aumentar a do::se ++ [né?]

N.L. [aumentar?] ++ não gosto de remédio que me dá dor no estômago ++ tomar mais?

J.N. o prolopa é que dá: e o acneton

N.L. NÃO ++ o prolopa não dá não

J.N. não tá dando não?

N.L. o prolopa (num dá/) o que dá é o acneton

J.N. + o acneton? + é tem gente que dá com o prolopa também

N.L. nã/ + p/ (na hora) que tomo os dois quase junto mas pode ser os dois (mesmo)

J.N. + mas o senhor JÁ tinha dor estômago [já né?]

N.L. [já::]

J.N. há muito tempo então às [vezes (...)]

N.L. [antes d/eu co/ d/eu s: deu come/s/s:/ que eu/ apareceu esse problema em mim eu/ tinha ++ porque eu tive úlcera no estômago né [+] aí a

J.N. [(((tossiu)))]

úlcera sarou mas o gastrite permanece

J.N. mas seu Nilson falando sério quanto MAIS o senhor comer ++ de pouco espaço de três em três ho:ras + melhor vai ficar o estômago do senhor porque aí ele fica protegido

N.L. + pior é quando a/ co/t/ a comida que me faz mal né?

J.N. é:: mas aí o senhor come me:nos entendeu então vai/ vai digerir melhor ++ agora quanto mais [tempo o senhor fica sem comer mais] dói a hora que come

N.L. [justamente quando a/ (...)]

N.L. justamente tá acontecendo a hora que eu fico sem comer ()

J.N. + quanto mais tempo fica sem comer a hora que vai comer mais vai doer

N.L. + entendi eu vou falar hum:: f/fica difícil viu ++ cê não tem vontade de fazer Nada

J.N. + porque dói demais né?

N.L. dá ruindade um:: moleza no corpo ++ o dia que eu levanto de manhã s::/ igual HOje ++ cinco e meia ++ mas me dá um sono que eu vou te falar ++ tem hora que eu falo não vou mexer com nada vou ficar quieto em casa ++ (a M.A.) ()

J.N. + ainda bem que tem alguém pra te animar UÉ

N.L. o pior é que tem que ter mesmo porque se não tiver né vai indo pára né

J.N. ++ [(faz)] a gente piorar a gente pio::ra porque fica/ + parado

N.L. [porque/ (...)]

N.L. parado né + n:ão é fácil não

J.N. ++ ((tossiu)) ++ mas o senhor não terminou de me contar do Natal

N.L. ++ uhum

((inicia um toque de celular))

J.N. só me contou o que que teve de comi::da

N.L. ++ Natal só passamos em casa (J.N.)

J.N. + quem que tava [lá?]

N.L. [a M:/] M.A. foi na casa da mãe dela e eu fiquei em casa

J.N. o senhor não quis ir?

N.L. ++ ((faz movimento para esquerda e para a direita com a cabeça)) ((celular pára de tocar)) é o problema que eu tô te falando né a gente f/ acha difícil ficar no meio do povo

J.N. + mas mesmo se for famí:lia?

N.L. + MESmo se for família +++ é uma coisa in::teressante ((incoordenação durante o alongamento)) e:u ((incoordenação durante o alongamento)) não sei o q/q tá acontecendo comigo ++ mas eu já vi muitas pessoa falar que esse probl/ que esse (incômodo) dá esse problema mesmo né

J.N. + pois é mas a gente luta [contra ++ a Adriana por exemplo (...)]

N.L. [tem/ + tem pessoa] que não divulga isso pra ninguém que tem (problema)

J.N. não a Adriana por exemplo ela/ + se mete no meio do povo

N.L. ++ é acostumou né?

J.N. + então mas é por que ela luta [contra né?]

N.L. [porque ela] é:: ela é:: é mais é sozinha (né) ++ cê tem visto ela?

J.N. + eu vou ver ela quarta-feira

N.L. eh cê vai entrevistar ela também?

J.N. ((faz movimentos para cima e para baixo com a cabeça)) ++ vou

N.L. é a última vez também?

J.N. dela também é a última vez

N.L. hum:: +++ e que que que o quadro nosso (diminui/ t/) o que que ta acontecendo + tá piorando ou melhorando? +++ [eu queria saber]

J.N. [seu N.L.] tá: + da primeira gravação pra hoje + a fala ficou um pouquinho mais ++ baixinha

N.L. mais baixa

J.N. + é mas:: de modo geral tá até estável ++ é igual o senhor falou + o que tá ficando ma:is + evidente é a dificuldade de movimento/ + [de perna] mesmo [(isso)]

N.L. [uhum] [isso é mesmo]

J.N. + mas a fala + aparentemente tá mantendo ++ é que a gente não pegou to:das pra poder olhar né

N.L. hum

a gente tá fazendo a coleta pra depois poder/ começar a estudar o material ++ aí a hora que começar a estudar a gente vai ter condições de falar melhor

N.L. ++ é eu acho que: cada dia que passa vai me dando um problema a mais né? ++ mesmo que a gente toma remé::dio fazendo fisioterapi::a ++ va/va/ + a idade vai subin::do

J.N. + a gente é que tem que lidar com ela de outro jeito [né?]

N.L. [é::] justamente eu já vi pessoa falar assim que::

J.N. ((pigarreia))

N.L. + que luta anda eh: + faz camiNHAda ++ que pe/q/que coisa que é bom (ele) pega e faz + eu tô precisando fazer isso mas falta ahn coragem

J.N. + tem que ser o senhor pra ter mesmo porque (...)
 N.L. é: justamente eu mesmo
 J.N. + precisa começar seu N.L.
 N.L. vou começar essa semana
 J.N. + e::i mas eu ouço isso toda vez que o senhor vem aqui
 N.L. uai
 J.N. [e aí] toda vez que senhor volta [eu ouço assim] + fiz dois dias depois num fiz
 N.L. [semp/] [eu eu eu (vou começar) sexta-feira]
 mais
 N.L. sexta feira ou vou pra Caldas
 J.N. ah é::?
 N.L. é:: eu vou começa::r né?
 J.N. ah:: então o senhor já tá é: porque já sabe que vai né?
 N.L. + é sexta-feira + se Deus quiser
 J.N. ((tossiu)) vai o senhor e quem?
 N.L. família toda ué
 J.N. ah é? + que coisa bo::a
 N.L. + vamos?
 J.N. uai não tem jeito né seu N.L.+ o senhor sabe que eu tô mudando agora de cidade né?
 N.L. + mudando de Uberlândia?
 J.N. + vou fazer doutorado fora
 N.L. ah é?
 J.N. é assim eu vou vir aqui mas menos do [que/(...)]
 N.L. [(lá em) Ribeirão?]
 J.N. vou fazer em São José do Rio Preto
 N.L. + mais longe ainda que Ribeirão
 J.N. não é a mesma distância
 N.L. ah é?
 J.N. daqui ++ é: + duzentos e oitenta quilômetros ++ daqui
 N.L. + o que ocê vê (muita gente faz é em ((incoordenação)) Ribeirão Preto)
 J.N. + é: e aí é assim (...)
 N.L. em Minas não tem não ++ doutorado não?
 J.N. pra minha área não
 N.L. não?
 J.N. não + pro que eu queria não + mas assim: eu vo::u mas + minha família tá aqui: né então
 + vou sempre tá aqui + também
 N.L. uhum ++ coisa boa
 J.N. + mas é quatro anos né?
 N.L. QUATRO anos? ++ mas é uma vez por semana?
 J.N. + toda semana
 N.L. pois é mas é uma vez só
 J.N. três dias eu vou ter de aula
 N.L. três dias? ++ então (compensa) ficar aqui mesmo
 J.N. pois é mas é três dias dividido ++ é segunda + quinta e sexta
 N.L. ((faz gesto de concordância com a cabeça))
 J.N. + fica caro demais pra eu ficar aqui
 N.L. vai virar paulista então
 J.N. ((risos)) ++ pra eu ficar aqui eu não dou conta de pagar as passagens
 N.L. é pior né?
 J.N. caro demais ++ (hum)

N.L. + e aí vai casar e vai ou não?
 J.N. ((tosse e faz gesto de negação com a cabeça))
 N.L. NÃO?
 J.N. meu namorado tá em São Paulo
 N.L. [ma/]
 J.N. [como é que casa?]
 N.L. + tá bom
 J.N. vai ficar mais [perto] né? ((risos))
 N.L. [mais perto] ((risos)) é uai ++ (fica) mais fácil
 J.N. + faz parte né seu N.L.?
 N.L. ah é:: tem que ir + a pessoa hoje que quise:r faze:r essas coisas tem que es/ + penar um pouco né?
 J.N. ++ e suas filhas já acabaram a faculdade?
 N.L. termina esse ano agora
 J.N. termina esse ano? ++ e:ita lu:ta né?
 N.L. é: + cinco ano agora se elas for estudar mais () mais ainda
 J.N. vai ficar igual eu ++ as duas acabam esse ano?
 N.L. é
 J.N. o que que elas/ as duas fizeram direito ou não?
 N.L. não uma vai fazer: + tá fazendo contabilidade né + e a outra administração né
 J.N. ah: tá + era administração
 N.L. + pra elas é bom que tá todas as duas trabalhando já no serviço delas né?
 J.N. ah e elas trabalham na área?
 N.L. é
 J.N. + ah: então pra ela é bom mesmo ++ eu tenho uma amiga que formou em Ciências Contábeis
 N.L. + a minha menina trabalha no Martins
 ((inicia toque de celular))
 J.N. ahn?
 N.L. no Martins
 J.N. + que trabalha/ ela trabalha no Martins?
 N.L. é
 J.N. as duas?
 N.L. não só a contabili/ a de contabilidade
 J.N. + e a outra?
 N.L. a outra trabalha no eh: no:: + s:/ + eh: + São Diego já ouviu falar? ++ eh: pra (vender) hotel
 J.N. é um hotel?
 N.L. é:: + uma firma que (tem: agora) + mexe com hotel +++ parece que é aqui em Uberlândia () s/J/s/Juiz de Fora + Belo Horizonte
 J.N. é: eu ouvi/ eu já/ esse hotel é ali perto daqueles barzinho que tem ali no Rondon não é?
 N.L. é: em frente ao Carro de Boi ++ onde é que cê vai todos fim de semana
 J.N. ahn?
 N.L. onde é que cê vai todo ((incoordenação)) fim de semana né?
 J.N. ixi + tô indo muito não
 N.L. não vai não?
 J.N. tô precisando ir mais + não tô indo não
 N.L. que a gente passa lá não tem nem jeito de entrar né tá cheio tá de fila
 J.N. + tá de fila?
 N.L. de sábado

J.N. faz um tempão que eu não vou lá + é que eu tô viajando muito de final de semana

N.L. hum:

J.N. + [então é isso]

N.L. [v/vai] Monte Carmelo?

J.N. + esse final de semana eu fui

N.L. carnaval passou em Monte Carmelo?

J.N. não + carnaval fui pra São Paulo

N.L. ó:

J.N. ((risos)) + aí depois o final de semana eu passei com os meus pais ++ aqui

N.L. + eh bom

J.N. bom ++ o Natal eu fui pra Ubera:ba + com a família

N.L. + cê tem família em Uberaba?

J.N. ((tossiu)) tenho + a mãe da minha mãe era de lá

N.L. ++ eu gosto de Uberaba

J.N. + o senhor já morou lá?

N.L. eu já trabalhei lá: uns tempo

J.N. + é?

N.L. ((incoordenação)) quando eu era solteiro eu freqüentava era Uberaba depois q/que eu casei que eu vim pra cá depois q/que eu casei não podia

J.N. + aí parou né não podia mais né?

N.L. e:u ((incoordenação)) fui lá umas duas vezes né bem três né?

M.A. acho que sim

N.L. s/s/s/s/ esses tempo nós teve lá + (foi lá passear)

J.N. o senhor ia fazer o que lá + passear?

N.L. foi

J.N. + onde o senhor foi lá + muita festa boa?

N.L. nã:o eu/ s/se eu fui? eu fui na meda/ eh: na medalha milagro:sa

J.N. ah tá

N.L. + igreja

J.N. + muita gente vai visitar lá [né?]

N.L. [eu] tenho muitos d/dos amigo que mora em Uberaba

J.N. ah: tem?

N.L. tenho

J.N. + é parente próximo?

N.L. primo: + padrinho: ++ tio

J.N. + aí o senhor tem que aproveitar pra rodar e visitar o povo

N.L. mas e:u ((incoordenação)) no modo do outro eu não t/tô indo na casa de ninguém não nem na casa da minha sogra eu não tô indo + que é (perto) ++ a M.A.sai e fala assim vamos () na casa da mãe? eu falo não hoje não + depois outro dia eu vou + e vai [indo]

J.N. [não vai] dia nenhum

N.L. parece que eu fiquei um ano sem ir lá né?

M. + acho que sim ((pigarreu))

J.N. só fica enganando né?

N.L. na casa da minha família também eu passo ano sem ir lá + tem um irmão que tem aqui eu passo/ passei ano sem ir lá

J.N. + seu N.L. o senhor acha isso bonito né?

N.L. + não não é bonito parece que eu não tenho vontade entendeu? ++ parece que às vezes eu vo/ () eu vou chega no di/ na hora de ir eu

J.N. + e eles vem visitar o senhor ou não?

N.L. muito pouco

J.N. ++ [o senhor não vai eles não vem e fica por isso mesmo]

N.L. [parece que/ parece que não é porque eles não vêm me ver eu não vou] também né? + ((risos))

J.N. desculpa hein?

N.L. ++ a::i [a::i]

J.N. [((tossiu))] tá certo a gente também tem que ir quando a gente tá com vontade né?

N.L. + é: mas às vezes é uma hora que cê não tá com vontade cê sair cê:: fica p/ (fica) ((incoordenação)) outra pessoa né? + (se) ((incoordenação)) controla ma:is conversa mais um pouco né? + então eh: porque eh (isso aí) + difícil é cê começar + é igual eu sempre ((incoordenação)) que eu v/v/venho aqui f/f/fazer entrevista com você + no momento que nós começamos eu acho (muito) difícil + depois vou/ + vai soltando devagar [né?]

J.N. [depois] o senhor até esquece que [tá fazendo entrevista]

N.L. [é: + (uai) () (a gente) esquece]

J.N. fala pros coco né?

N.L. falo errado né ()? [((risos))]

J.N. [não que fala errado] ++ fala pros [coco] que eu quero falar é

N.L. [()]

fala muito

N.L. e errado né?

J.N. ah:: que é isso

N.L. ++ igual a gente j:á ((incoordenação)) é normal falar errado agora () aí que fala di/ + errado demais

J.N. a:i eu não acho que o senhor fala muito errado não

N.L. toda vida eu fui em português eu fui difícil

J.N. é:?

N.L. + fui + matemática eu sou bom + esse eu bati papo ((incoordenação)) sou mesmo + esse aí + () aquela pessoa () matemática não + agora português história ((incoordenação)) geografia + uhn uhn + comigo não

J.N. não?

N.L. se perguntar de quem descobriu o Brasil quando eu não sei

J.N. o senhor estudou até que série mesmo?

N.L. + eh:: ++ priMEiro colegial

J.N. ((tossiu)) o senhor fez até o primeiro [colegial?]

N.L. [foi] ++ depois parei

J.N. + por que parou?

N.L. + (pra) casar + casei (aí p/p/) ((faz movimentos com os lábios sem emissão do som))

J.N. e::ita + mas casar não pode estudar não?

N.L. + pior que pode mas eu não + + não quis isso não + eu vi:: + quando vim (pra Uberlândia) eu vim pra estudar + m:as ((incoordenação)) depois comecei (só) + aí nós resolvemos casar né aí eu parei

J.N. + a M.A. estudou?

N.L. ++ estudou nada

J.N. estudou não? + até que série que ela fez?

N.L. ++ foi/ + até:: + quarto ano né?

M.A. até quinta

N.L. quinta + quinta série

J.N. + também parou pra casar?

N.L. não ela já tava parada já

J.N. ((risos))

N.L. ++ mas é assim mesmo não ((incoordenação)) (hoje) ((incoordenação)) naquele tempo era mais difícil que isso tem + quantos ano? quase trinta anos atrás né + é () trinta anos atrás + cê nem era [nascida]

J.N. [(((tosse))) + trinta anos atrás não era mesmo não

N.L. pois é + era mais difícil viu + J.N.

J.N. ++ teve que [trabalhar::] né pra sustentar a casa né?

N.L. [hoje é mais fácil]

N.L. é: e outra coisa a pessoa t/rabalhar e: estudar não é fácil não ++ porque eu vejo o quanto que as minhas menina sofre (que/) + elas sai de manhã s:ete hora + chega em casa onze hora onze e quinze já + d/do serviço vai direto pra faculdade

J.N. + tem que ter força de vontade né [porque senão]

N.L. [tem que ter] senão não senão não agüenta não + desiste mesmo né

J.N. ++ eh isso é uma verdade + se não quiser muito

N.L. + e hoje não é difícil s:e uma pessoa ganha pouco é v/ai ((incoordenação)) estudar naquele tempo pagava muito (né então)

J.N. [(((tossiu))) mas hoje em dia te:m ++ [programa de] bolsa essas coisa

N.L. [conforme o emprego] [conforme o em/] + conforme o emprego + con/nu/não dá nem (pro) cê estudar né + pagar o estudo seu ++ que é melhor m:uitas ((incoordenação)) pessoa às vezes ((incoordenação)) trabalhar pra poder estudar né + o dinheiro que ganha vai tudo no estudo + então aí fica difícil + agora quando papai ajuda mamãe né aí é bom

J.N. [(((risos)))]

N.L. [(((risos)))]

J.N. + é: aí facilita [né]

N.L. [fica fica ((faz duas vezes apenas movimentos silenciosos da palavra “fica”)) é:] uai aí fica melhor né

J.N. + [mas mesmo (...)]

N.L. [porque eu acho que] todo mundo que estuda e forma tem que s/ te: + tem que trabalhar né + porque não adianta a pessoa estudar () estudar estudar e depois

J.N. + não poder trabalhar [né?]

N.L. [é:] + tem muitas pessoa (às vezes) muitas pessoas faz isso né

J.N. + é porque às vezes não acha [empre:go]

N.L. [aí estuda] () nã::o mu/ es/ + muitas vezes estuda + por estudar + depois não

J.N. + às vezes estuda e não acha emprego no que estudo::u

N.L. é: mas

J.N. + aí tem que fazer outra co:isa

N.L. + quantos anos faz que você tá trabalhando na medicina?

J.N. + vai fazer quatro

N.L. () q/q/ faz quatro ano que você terminou o estudo também?

J.N. faz cinco

N.L. cinco + ficou um ano parada?

J.N. + eu fiquei um ano/ em São José do Rio Preto trabalhando lá

N.L. + ah:

J.N. depois que eu vim pra cá + é isso mesmo ó eu vim pra cá em ++ dois final de dois mil e um dois mil e dois dois mil e três dois mil e quatro dois mil e cinco + quatro anos

N.L. ++ eh + (durante) os quatro anos cê não estu/ agora que cê vai estudar de novo?

J.N. + não eu fiz mestrado né porque pra fazer o doutorado que é o que eu vou fazer tem que fazer essa etapa anterior + mas aí eu f/ + eu trabalhava e:: viajava

N.L. + ahn:

J.N. + acabei o ano passado + começo do ano ++ o senhor lembra das reuniões a dificuldade que era pra marcar o di::a porque [a gente] viajava tal + é por isso porque

N.L. [uhun]

eu tava estudando ainda ++ [((tossiu))] aí eu parei esses oito meses agora + um ano

N.L. [eh]

quase né + agora eu vou voltar

N.L. ++ cê vai estudar de novo?

J.N. + é bom porque a gente:: + cresce mais

N.L. é uai: mais + não é fácil + a pessoa estudar em quin::ze anos m:ais né

J.N. + ó e eu já tô + quatro de faculdade + aí eu fiz uma especialização um ano cinco + dois de mestrado seis sete + s/ + sete + vai pra + on/ o ano que eu acabar o doutorado vai ser onze anos estudando + [((tossiu))]

N.L. [()] do primeirinho segundo + [terceiro +

J.N. [ah é + isso

((risos))] tem que contar tudo aí
daí]

J.N. só esses aí já dá:: + [doze anos não dá?]

N.L. [((risos))]

J.N. ó primeira segunda terceira quarta

N.L. + é: ++ a pessoa vive + meia vida vive estudando né

J.N. já dá onze anos já

N.L. + pois é

J.N. o senhor estudou nove anos que o senhor fez até o primeiro

N.L. ++ diz que é ((incoordenação)) diz que é doze porque tem/ tinha uma:: + como é que eles falava q/ d/ q/ + depois do quarto ano tinha um:: + fazia uma: + ((estalo línguo-alveolar)) esqueci como é eles falava

M.A. [admissão]

N.L. [admi/ primeira] admissão né?

J.N. ah

N.L. ((risos)) eu fiz isso

J.N. ah então o senhor fez dez anos então

N.L. pois é

J.N. + [mas] por que que fazia isso?

N.L. [()]

N.L. depois que cê fazia o quarto ano cê fazia a admissão né

J.N. ((pigarreu)) mas o que que [era?]

N.L. [fazia] cê fazia o primeiro colegial o segundo terceiro e

quarto + e a prime/ s:exta ((incoordenação durante alongamento)) ++ a: quinta sexta sétima e a oitava + e a admissão cê tinha que fazer pra poder entrar no colégio cê tinha que fazer

J.N. ah é? + mas o que que é que cê estudava nessa/ + ano de admissão?

N.L. quase que era uma recordação dos an:o ((incoordenação durante alongamento)) que a gente estudava né

J.N. + gen::te ficava um ano [voltando] tudo

N.L. [um ano]

N.L. é: + ((após pausa faz movimento com os lábios, próximo ao /v/)) voltava tudo e começa e t/tinha mais u:/u:/uma parte a mais ++ difícil () + depois que cê entrava no primeiro colegial

J.N. + [ah: depois da] quinta sexta sétima e oitava é que cê fazia essa admissão?

N.L. [hoje não tem mais]

N.L. não depois da qua/ do quarto ano

J.N. + então pra entrar em que série? + na quinta?

N.L. é:

J.N. + ah tá

N.L. + fazia

J.N. ((tossiu)) aí pra entrar no primeiro colegial não tinha mais?

N.L. não

J.N. + também Deus me livre né?

N.L. ((risos)) + (pois) era difi/ era (muito) era difícil não era fácil não

J.N. ++ o senhor fe/ o senhor [estudou (...)]

N.L. [cidade] pequena não tem não tem não tem condição do cê estudar [muito]

J.N. [(((tossiu))) o senhor estudou aonde?

N.L. + Predrinópolis

J.N. + [ah]

N.L. [foi] até a oitava série eu fiz lá

J.N. + mas o senho:r pra idade do senhor o senhor tem + muito estudo + a maioria das pessoas tem + [até quarta série]

N.L. [é: eu t/tenho] ((incoordenação)) tenho dos meus irmão() por exemplo só tem quarto ano

J.N. + maioria tem até quarta série

N.L. ++ eu já fiz foi oitava + fiz primeiro colegial + () parei +++ tá bom

J.N. quase que o senhor acaba

N.L. + pra quem quis/ queria ser engenheiro né

J.N. o senhor queria ser engenheiro?

N.L. + meu sonho Era ser engenheiro

J.N. engenheiro [de quê?]

N.L. [por tanto] que e:u ((incoordenação)) minha profissão t/ foi em construção né

J.N. ah cê queria ser engenheiro [civil]

N.L. [comecei] trabalhar de servente depois fui pra pedreiro depois passei: mestre de obra + aí eu só tinha o engenheiro/ + mais do que eu né ++ já fiz muita casa e: pré:dio aqui em Uberlândia + administração de ()

J.N. uhum

N.L. + umas casa chique (minha filha)

J.N. é? + e como é que era a relação do senhor com: + o engenheiro + [que que ele +

N.L. [()/

qual que é o papel] dele?

((incoordenação)) + aí]

N.L. + o papel dele é fazer a planta né

J.N. ((tossiu))

N.L. + e eu + adminisa ((incoordenação durante a produção da palavra administrar)) a obra/ administrar a obra + colocar o que tá dentro do: + papel né + que ele fez

J.N. + ah: tá

N.L. (talvez diz que) tinha engenheiro que eu () entendia mais do que ele né

J.N. + ah é?

N.L. é uai + tem muitos uai + (isso) porque a gente tá dentro né e: + e ele tá: só faz o desenho + então às vezes tem coisa que cê cê vai fazer ele quer que cê faz mas não sabe como é que faz né + então você vai ter que explicar pra ele como é que tem que fazer e fazer

J.N. + mas ele fica lá pra + vistoriar [a obra]

N.L. [não não ele] vai assim uma vez por semana: na uma + vez por + por dia né + tem uns que vai todo dia e tem uns que vai uma vez por semana

J.N. + mas aí ele fica dando palpite ou não?

N.L. + não ele dá palpite porque: a ordem vem por parte dele né mas é que ele não sabe fazer + então muitas coisa que às vezes que cê tem/ tinha que discutir pra cê + pra ele entender o que que tinha que fazer né

J.N. ah tá ++ é por causa da experiência que o senhor tinha também né às vezes era o [engenheiro]

N.L. [era:]

N.L. + tem engenheiro que não tem experiência [+] só sabe fazer no papel

J.N. [(((tossiu)))]

J.N. + até eles terem experiência demora também né até o senhor ter demorou não [demorou?]

N.L. [pois é] aqui tem um um + um é:: ++ Paulo Carrara ele é:: + o que + o que que ele é? (meu deus) + decorador sabe? + às vezes ele fazia ele mandava cê faz/ passa(va) no papel cê f/ cê fazer + cê fazia + falando assim não tá certo não + cê não mexia não no outro dia ele chegava e falava que não tá certo + cê entendeu + então (cada) hora uma hora falava que não tava/ q/ tava certo + cê não mexia não né no outro dia ele chegava não agora tá certo

J.N. ué mas + ele é decorador ele não entende mesmo entende?

N.L. mas ele pra que que a pessoa chega e f/ a pessoa chega e fala tá tá errado (cê/) + cê não mexe no outro dia ele chega e fala que tá certo

J.N. porque não entende

N.L. ((risos))

J.N. + doido

N.L. + eu acho que a pessoa vai estudar (e passar adiante tinha) que estudar e:: + ver fazer né

J.N. + é tem que fazer parte ver [fazer] né

N.L. [é]

N.L. + então meu problema foi esse a única coisa que eu aprendi fazer foi + foi obra + minha casa por exemplo + que cê vê lá fui eu que fiz + tudo que tem lá fui eu que fiz

J.N. é? + como é que o senhor faz pra saber que a parede vai tá na/ espessura suficiente pra não [cair?]

N.L. [e/eu] tenho:: ++ cê tem mais ou menos + cê tem a a: ((incoordenação)) + o mate/ eh: o plumo né o ní:vel + a linha + a espessura da/da parede é o tijolo né + quando cê vai fazer de parede (ou a base) você coloca um: tijolo deitado quando é + parede e meia cê põe: ele em pé + é por aí + tudo tem t/tem um desenho né + cê tem cê tem que ter o desenho e ter a + o: + quantidade que cê tem que fazer + o concreto da ma/ da (massa) + né:

J.N. o senhor sabe fazer tudo esses cálculos?

N.L. tudo a/ g/ na/((incoordenação)) (alguma coisa) eu não sei mas f/f/ já tá guardado na cabeça né

J.N. ((risos))

N.L. + que a coisa mais difícil:/cil na obra + é a estrutura da: da: é a fundação entendeu? + é lá dentro do chão + porque não adianta cê fazer pra cima boni:to e: dentro do chão tiver mal feito + que vai acontecer? + as paredes vão trincar + (talvez) vai cair + dá defeito + então o principal é na saída da/da/da construção depois + cê sai pra cima aí cê mais ou menos já

J.N. ((tossiu)) aí é mais [fácil]

N.L. [((movimento labial próximo a /f/))] mais tranquilo mesmo + quando vem a laje já/já é outra coisa mais + cê tem que administrar ela bem fazer bem feito né + porque ela pode cair pode trincar

J.N. é o teto?

N.L. justamente + então é isso aí

J.N. e como é que é o teto + como é que faz o teto?

N.L. uai cê coloca:: s/ tem uma lajota né + e entre uma lajota cê coloca um ferro trançado e: e amarra + ou faz ela num lugar que assim igual por exemplo esse aqui é uma viga que tem ali ((apontando para o teto)) é uma/uma viga armada + de ferro + pode ser de s/s/ quinze doze + por + por trinta + aí cê enche de concreto + agora tem a ferragem mesmo + cê tem que por ferragem + amarrar + direitinho

J.N. pra depois cê pôr [+ concreto]

N.L. [pra depois] cê pôr concreto

J.N. + como é que/ + deixa liso aqui? ((mostrando a parede da sala))

N.L. isso é o reboque né + cê eh:: n/ ((incoordenação durante alongamento)) pra colocar ali cê tem que colocar as tábuas que é o madeiramento + aí depois cê reboca + passa massa + amacia as paredes pra/ ficar (liso assim) + depois vem a pintura

J.N. +++ ((tossiu)) + mas é com madeira?

N.L. não pra fazer a fôrma né

J.N. + ah:

N.L. a forma pro cê c/olocar o concreto em ci/ dentro

J.N. ah

N.L. porque o concreto cê coloca molin:ho + cê entendeu?

J.N. aí deixa ele [endurecer]

N.L. [()] serrar ele direitinho + aí + depois tira e reboca

J.N. + ah tá + nossa deve dar um trabalho né?

N.L. dá trabalho + só que tem () depois de acabadinho fica bom né + casinha limpinha arrumadinha cheirosa né

J.N. [é:]

N.L. [todo] mundo quer né?

J.N. com certeza

N.L. mas quando tá fazendo não passa nem perto

J.N. uai mas a gente não entende também [só vê aquela confusão]

N.L. [cê vê aquele povo sujo] de terra ali () ih não não vou nem passar perto desse obra + portanto que às vezes a gente faz uma obra + depois cê vai entrar nela cê tem que tirar o sapato né () senão cê vai ficar de fora

J.N. ah é?

N.L. + mas como é que cê vai chegar na casa: do:/ + com sapato sujo () + e entrar

J.N. uai mas já acabou a obra o senhor já não tá mais na sujeira da obra

N.L. então mas quando às vezes eles te chamam pra resolver um problema né ++ q/q/ o que acontece

J.N. e o chulé como é que faz? [tira] o sapato o chulé aparece

N.L. [é]

N.L. + é minha filha (é desse jeito) cê faz bem feitinho [(depois ce)] não + cê nem entra lá dentro

J.N. [(((tossiu)))]

J.N. acontece muito + de dar problema assim nas obras?

N.L. + o/ é: ((incoordenação)) justamente (quan/) quando a pessoa faz a fundação mal feita né + dá muito problema + dá muito nos madeiramento dá nas paredes né + no piso mesmo + [que tem às vezes tem t/tem um (...)]

J.N. [eu acho pior quando trinca né]

N.L. pois é a vezes cê vê tem pi/ tem piso que trinca assim todinho

J.N. + parede trincada

N.L. tudo é:: + estrutura que manda é a dentro do chão () não adianta (se ce) fazer () dentro do chão fica mal feito + que às vezes o (peso) vai + acumulando né ele vai subindo e vai

acumulando + se ocê não fizer () chão que que vai acontecer ela vai ela vai ceder + (no momento) que cede aí é que vai dar o trincamento

J.N. + e como é que é a fundação ++ cê tem que pô:r ?

N.L. + cê fura uma valeta né + que é uma valeta quer dizer um buraco ++ quadradinho assim + fundo + mais ou menos isso aqui ((mostrando com as mãos)) + e ali você coloca uma viga armada + de ferro + são hum:: + tem: quatro ferro de comprido e m::ilhares ((incoordenação)) de + () ao redor () + assim amarrando + e depois cê + primeiro cê vai fazer as broca que a broca é um: cê faz um: buraco fundo + porque a tendência é aqui ó é igual cê fazer assim + cê faz um buraco + cê enche de concreto + aí vai pendendo s/ aí não desce se cê fizer assim cê não dá conta ó + ou senão aqui ó + puxa cê tem um dedo puxa pra cê ver + então cê fura um buraco fundo de uns três quatro metro pra baixo + mais ou menos assim ó + e aquilo você enche de concreto

J.N. + ah tá

N.L. depois cê vem os ferro por cima + então tem pessoa que não faz nada só fura um buraquinho lá peque/ f/f/ razinho né + põe um ferrinho fininho + aí a construção vai dar trincamento

J.N. + e aqueles prédio que cai né

N.L. pois é

J.N. Deus me livre

N.L. + pois é:/ é que a maior parte que cai é por causa disso () ((incoordenação)) + é por que a + a:: ((incoordenação)) + a construção u:: ((incoordenação)) o cimento é a base a/a/ a b/ase ((incoordenação)) é d/ é três lata de areia + duas lata de/de meia de areia e u:/uma lata de cimento + são dois e meio por um que se fala + entendeu? + agora tem pessoa que põe quatro + o que acontece d/daí co/co/ põe quatro da/daí e:sfarinha né e ele: (...)

J.N. não firma?

N.L. não end/ não endurece + que acontece que os prédio cai né + se bem que eles cai sai até poeria + parece que tá (assoriando)

J.N. + [dá um medo né? pro cê ver o tanto que é sério]

N.L. [(aquilo é:) + aquilo é já a pessoa que faz] que faz pra vender quer fazer:: + pra dar mais lucro então põe menos c:imento ((incoordenação)) + põe menos ferro + é a mão de obra ruim também entendeu + tu/tudo tudo é::

J.N. + cê vê o tanto que é sério né

N.L. e eu (precisamente) eu eu já fiz + (um punhado) nunca aconteceu comigo não + comigo nunca caiu não + até hoje + eu passo perto das casa que eu fiz (no bairro Tabajara) por exemplo + lá perto do (Cajubá) + não são umas casona grande umas mansão grandona? + tudo tá + e/em pé

J.N. tudo em [pé? ((risos))]

N.L. [s:/] tudo em pé sem defeito né

J.N. + casa é mais difícil cair né?

N.L. + não mas trinca muitas trinca né

J.N. agora isso é sério a gente acha que não né mas cê já imaginou [cê (vendo)] sua

N.L. [prédio (...)]

casa e + a casa rachando

N.L. + a minha tem um rachado

J.N. ((tossiu)) a sua?

N.L. + tem + mas só num canto + (ela) deu uma trincadinha assim + mas eu descobri o que que era né + justamente uma broca mal feita que eu fiz

J.N. + eita

N.L. ((risos))

J.N. justo na sua casa seu N.L.

N.L. não mas é coisa mínima + não tem perigo não

J.N. + ahn + o duro eu acho que é prédio eu acho que cê tem que saber muito bem quem foi que fez né [porque (...)]

N.L. [é/ é: o prédio] justamen/ igual eu tava falan/ tava te explicando o vigamento n/na laje né + fundação + fazendo bem feito não tem problema não

J.N. + porque é s:/ é sério cê ter sua [casa + abaixo]

N.L. [porque é igual por exemplo] uma viga assim igual essa aí ó + cê tá vendo ela ela pega dali + lá ó ((apontando para o teto)) + ela deve tem uns/ um pilar no meio ou dois ainda

J.N. ((tossiu))

N.L. ++ porque a:/a:/ ((incoordenação)) uma viga desse tamanho assim desse comprimento sem pilar não p/ não tem condições de colocar não pode + no máximo sete m/s/ ((incoordenação)) metro e quarenta sete e meio (sempre) + eu já coloquei sete e quarenta + sem nada no meio + mas só que tem ca/ viga fi/ + cinquenta centímetro + ela chega com sessenta ++ e não pode ser larga também não tem que ser mais estreita + que quanto mais larga ela seja mais pesada ela fica

J.N. + mais chance de cair

N.L. + é: + o peso né

J.N. ((tossiu)) + a gente não entende nada dessas coisas né eu acho que quando a gente + ir comprar casa essas coisa a gente [tinha que saber] né

N.L. [justamente + é] + não mas a casa/ + a casa quando ela é nova é difícil de cê achar um defeito né + é com o espaço do tempo que ela vai dar problema + o que acontece é que ela tá: ela tá arrumadinha novinha + né + aí acontece () vai começar a chover: + começar a molhar: + encharca um bocadinho ali um bocadinho aqui ela vai pesan:do entendeu? + então (vai) os problemas vão aparecendo + então a casa pro cê comprar () se ocê pudesse + olhar o fu/fu/ o fundagem dela que era bom + aí cê via ela subir (que dizer) essa casa tá bem feitinha bem arrumadinha + tem muitas pessoa que constrói pra vender e faz bem feito + mas tem uns que não/ + é fazer e dar problema mesmo

J.N. então é isso que tô falando a gente tinha que saber né

N.L. é

J.N. a credibilidade + das pessoas que fazem

N.L. ++ justamente (tem que) [(saber) ()]

J.N. [senão cê compra esse trem] ++ mais meia boca

N.L. + é tão ruim com/ quando uma pessoa com/compra uma casa e: dá problema né

J.N. + é bom não é + principalmente se for a nossa ((risos)) é pior ainda

N.L. hum

J.N. vamos escrever seu N.L.?

N.L. acabou?

J.N. + deixa eu ver se acabou ou se o senhor vai conversar mais

N.L. [não chega já (era) só dez minutos]

J.N. [senhor quer conversar mais?]

N.L. ++ passou de dez + () tem que dar desconto

J.N. ((risos))

Autorizo a reprodução deste trabalho.

São José do Rio Preto, 12 de fevereiro de 2009

ROBERTA CRISTINA RODRIGUES VIEIRA